

1559 - 1941

Dez - Jun

História
e
Estrêla
de
Muritiba

Prefácio de
Pedro Calmon

ANFILOFIO DE CASTRO

MURITIBA

Sua História - Seus Fados.
Digressões - Notas.

A

BAHIA

1941

TIPOGRAFIA NAVAL
BAHIA

Quasi um prefacio...

Os que amam a sua terra merecem respeito e atenção: têm sempre uma útil notícia para transmitir. Ganham, pela divina lei do amor, o direito de interpretar as tradições e as forças vivas de sua gente e do seu rincão. Podem mesmo situá-los na literatura d'um povo, porque representam uma de suas expressões mais intensas e perfeitas, o regionalismo como fonte de inspiração e ternura. Neste caso está Anfilófilo de Castro, apaixonado de Muritiba, sua pequena cidade - jóia antiga e preciosa da Bahia - que é, desde muito, o seu campo de estudo, a paisagem dos seus sonhos, o seu lar e... o seu livro. Neste Anfilófilo de Castro faz história, geografia, botânica, poesia e crítica. Mas, tantas fôrmas conézas de cultura, se unificam n'uma suave harmonia: o seu proposito. Não quiz escrever um livro a mais - que lhe completasse a série de novélas e ensaios, de que é autor: senão, exatamente, a sua biografia d'um municipio, que fosse ao mesmo tempo um retrato e um santuário. Modesto e doce altar do seu culto domestico; retrato real e amplo do seu querido panorama natal... Conseguiu-o com honrado trabalho, farta indagação, estudo minucioso, larga e insaciável curiosidade. Palmilhou a região toda; viu-lhe as relíquias e os sítios memoráveis; analisou-lhe a crônica e a natureza; e coroou o desprezioso monumento com uma luminosa figura de homem de gênio. Muritiba, não esqueçamos (Anfilófilo de Castro não permite se esqueça!) foi o berço de Castro Alves.

É de amêna e vantajosa leitura esta monografia bem escrita, sincera e erudita. Poderá servir de modelo a outras.

que retracem com a mesma honesta nitidez as fisionomias municipais, por aí além desvirtuadas, na gradual diluição de suas linhas características, do seu pitorêso próprio, de suas lendas locais, do seu espirito primitivo e dos seus quadros originais. Ha nisto também patriotismo: porque a árvore da pátria pressupõe

raizes profundas, humildes e esparsas que, nem por se ocultarem n'um chão antigo (berço e tumulto de gerações!) deixam de ser necessárias e estimáveis... Muritiba, como tantas outras cidades ilustres da Bahia, póde ser comparada a uma dessas raizes. Anfilóbio de Castro surpreendeu-lhe a vida serena nos seus múltiplos aspectos no espaço e no tempo; e de sua análise cheia de verdade extraiu um exemplo que oferece ao leitor de boa vontade. Dá-lhe uma miniatura, nesta época de télas profundas e vastas: tem o valor de uma pequena obra-prima que encontrou o seu lugar na galeria nobiliárquica dos municípios brasileiros. É um redoirado brazão que resplandece.

Rio, Abril de 1941.

Pedro Calmon

Da Academia Brasileira

A Pedro Calmon,
meu insigne amigo,
o coração.

A Clementino Fraga,
meu grande conterrâneo,
amizade e admiração.



Dr. Clementino da Rocha Fraga Junior
eminente Muritibano

A Anfilofio Filho

Atentemos.

- O que houver de ser meu, às minhas mãos virá..

Essa a decisão da Negligência.

- Faze da tua parte, e serás ajudado..

Aconselha a Diligência.

Cheio de sol, ai aos olhos, o rumo conducente à Felicidade.

Como o seguir?

A luz da Razão; e com a Honra, a Verdade, a Prudência, Perseverança e a Gratidão ao governo dos teus atos.

Culto?

Estas virtudes, Deus, tua mãe e as letras sadias e puras.

Anfilofio de Castro

(teu pai)

História. Informações. Apreciações. Impressões. Usos, crenças, e costumes tradicionais e regionais. Fatos da política do Império, da República, do Estado e do Município. Buritiba, e não Muritiba. Os templos, os conventos e a Casa de Misericórdia, de São Pedro Velho e do Fumal. As visitas de D. Pedro II, Homem de Mello, Cruz Machado e a do presidente Getúlio Vargas. Castro Alves e o professor Clementino Fraga. Episódios inéditos - políticos, e da vida do poeta curitibano. Café, fumo e mandioca, sua história, cultivo e colheita. Longa táboa de plantas medicinais e seu emprego. Fauna, etc.. Linguagem brasileiro-portuguesa, ornada, limpa e sã, quanto possível. Ilustrações e um gráfico. O plano, ou disposição geral deste livro, não é o comum das monografias, senão fundado na Resolução n.º 57, de 1938, do Instituto Nacional de Estatística, com a mais rigorosa observação da Geografia Prática de Pierre Deffontaine. Digressões e Nolas.

MURITIBA

Sua história - Seus fados. - Digressões e Notas

Muritiba é das, alegres cidades do litoral bahiano, a mais alegre. Alegre de uma alegria tão alegre, que se não des-fruta noutra parte, se não nos seus ares. Nunca se mostra sem muita muita beleza! É igualmente linda que sadia e bôa. Deleita, acaricia e fascina com as maravilhas da sua excelsa natureza.

Está ao norte da Bahia, numa planura de clima generoso no dadivar dos seus dons. O seu solo é o melhor dos melhores pelas virtudes da opulência. Um e outro, pelo muito de saudável com que mimoseiam os que vivem às graças da sua aprezabilidade, são de encantar. Produz palmeiras de tufos lindos, e de cocos de doces, de óleo, de manteiga, de saboaria e condimentícios; árvores, majestosas, de tinturaria, de marcenaria e de qualquer espécie de construção; plantas de ornamento, alimentares e medicinais; flores de beleza incomum e de muito aroma; frutos de mesa, de doces e de regalo, e hortaliças em geral; além de se prestar ao cultivo fácil de toda sorte de lavoura e de criação do nosso meio e costume, isto especialmente.

É abundante de vertentes de água potável, cristalina, de rara leveza de densidade, com ausência absoluta de matérias ingratas ao paladar, ou nocivas, e que a corrompam; garantindo-lhe a salubridade, o copioso de diatomáceas e algas outras que as enfeitam.

Na doçura e louçanias destas fontes de pureza, a vida e a saúde parecem esplender no mais formoso dos seus vigores.

Riscam-lhe as baixadas, fertilizando-as, riozinhos claros, límpidos, transparentes, ora silenciosos, ora modulando um «alegro» melancólico, a modo de feridos de saúde da nascente lá deixada ao longe.

Ri-lhe por toda parte, em festas, a Poesia, e a Riqueza, no entêvo infinitamente belo das suas cores, das suas flores, dos seus frutos, dos seus aromas, das suas harmonias, tudo, tudo, sarando mágoas, matando sombras, dando vida, sob um céu sempre azul, entre campos verdes, habitados de cantores insignes, bebendo da mais pura água, comendo dos mais doces pomos.

Delicioso pão, dado de Deus à nutrição do seu espírito!

Toda esta alegria e grandeza temperadas de brisas e de vibrações agradáveis, à música insonte da passarada, umas vezes estridente à execução de um hino matinal; outras vezes, à sombra, na maravilha de afinada melodia, ou, ao pôr do Sol, num «andantino», leve, despertando dores adormecidas sob a névoa do esquecimento.

Dista da Capital, em linha reta, setenta quilômetros a ONO (Oéstenoroéste), numa altitude de 245 metros da chapa das águas do Paraguaçu, (maré baixa) e não somente 200, qual registam os Anuários de Estatística do Estado. A automóvel, ou a vapor, normalmente, está a cinco horas médias.

Ao Sul, o Capivari marca-lhe os limites. O caudaloso Paraguaçu tem o mesmo ofício ao Norte. Ao dia, olhando-se para o azul, ó! Selagem linda! Um rosto suado de ouro em viva fuzilação, à noite. Os lugares são de tal exuberância de belo, que o firmamento, parece, feito prodigalidade, entornando o cadinho do mais acrisolado do seu ouro mimoso, na doce hóstia louira que os esplende. Visitam-lhe, com frequência, chuvas criadoras. O inverno, as camboeiras de Setembro e as trovoadas lhe não faltam. A Primavera e o Verão, sempre fartos dos ventos frescos do quadrante norte, precípuamente ao cair do dia e à entrada da noite, fluem, maravilham e passam às alegrias da saúde. O Outono e o Inverno também lhe presenteiam com dias leves e diáfanos, e noites vazias de núvens e cheias de luar. O Sol aos fulgores das suas pompas brilhantes, de quando a quando, el-lo reinante dentro de argenteo halo, como se repousasse. Presa na poesia do seu, mais a miúdo, seduz, atrai e enleva a Lua. O céu, ainda menos demorado, expõe as côres do prisma, na magnificência luminosa do Arco de aliança. De raro a raro, uma tarde de calma. Temperatura variável de 16 a 30 gs., à sombra, acidentalmente, com quédas ou acessos suaves. Ventanias inesperadas, no correr desta ou daquela estação, acompanhadas de chuva fina, vindas do quadrante sul; mais certas as sudoestadas. Sua superfície eleva-se a oitocentos e oitenta quilômetros de terras uber-

rimas, dividindo-se: na zona da mata, para fumo, café e cana, principalmente; na zona da cântinga, para algodão, milho, feijão e capim de engorda; e, em ambas, para todas as demais lavouras, dando produção, ordinariamente, muito generosa, nem só de gêneros de feira, mas também de alto comércio.

Cabeças, (século 16.º) que lhe está a seis quilômetros, é dos seus distritos judiciários e administrativos o mais importante. Dá-lhe vida o seu comércio de fumo, de grande vulto, e o de portas abertas, com armazens de sêcos e molhados, padaria, farmácia e lojas de fazendas. Tem Agência Postal, três escolas de ensino primário, na séde, bôa igreja, com muito rica e muito bem feita instalação elétrica, dotação do espírito religioso dos seus dignos filhos, Coronel João Altino da Fonseca e sua esposa, boas casas de habitação, bôas propriedades agrícolas, sociedade desenvolvida e distinta, e população densa, religiosa e sumamente hospitaleira.

Itaporan, (século 16.º) antigo S. José do Aporá, e Geolândia, antigo Santo Antonio do Jordão, zona das cântingas, também pitorescos e saudáveis, habitados de gente ordeira e trabalhadora.

Têm comércio, e muitas fazendas, de pouco vulto embora, de criação e lavoura, com pequena produção, e tudo comuníssimo.

Timborá e Bananeiras são subdelegacias de pequeno movimento. Nesta última estão as formidáveis Instalações Hidro-elétricas da Companhia de Energia Elétrica da Bahia. Há, ainda, os povoados Aldeia, Baixinha, Barroada, Bom Jardim, Bom Sucesso, muito freqüentado de romarias, Caba-ceiras, Cachoeirinha, Catinga Seca, Cipoal, Cocão, Encruzo, Gravatá, Lagoa Sêca, Laranjeiras, (século 16.º) Manuel Vitorino, Maribondo, Portão, Queimadas, com armazem de compra de fumo em grosso, Quixabeira, Retiro, Sobrado, Tauá e Tôrto, todos com o seu cruzeiro, alguns com a sua igreja e a sua escola de ensino do a b c.

Estradas. Bahia Santo Antonio de Jesus, (Rodovia) e outras para homens, veículos e bestas.

Quanto ao número dos seus habitantes, bem como o da sua população pecuária, não temos receio, senão ânimo forte de julgar falhas as informações que levaram o Departamento Estadual de Estatística do Estado, a registrar, para os primeiros, menos de 30.000, e, para a segunda, mais de... 40.000, engano que está a exigir corrigenda.

O recenseamento de 1890, procedido há cinquenta anos passados, com imperioso rigor de idoneidade e de patriotismo

dos seus encarregados, regista 17.300 almas, quando, na séde da paróquia, havia 500 fogos, mais ou menos, o que nos convence de a razão achar-se ao nosso lado, porque, hoje, somente na séde da cidade, são 1608 urbanos e 407 suburbanos; e, ainda, sobre a atenção com a qual acompanhamos as atividades de nossa terra, colhendo cabedal para este nosso trabalho. Estimamos, portanto, aquele numero, elevado agora, de 37 a 40.000. No tocante à sua população pecuária, não havendo exagerado aquela, não deprimimos esta, calculando-a, liberalmente, em 8.000 unidades, tudo de espécies comuníssimas.

Faz-se mistér saber-se que, Muritiba de 90, como acabamos de demonstrar, era um quarto de Muritiba atual. Era, porém, mais rica do que agora, na sua pecuária, na sua lavoura, no seu comércio, artes e ofícios.

Não têm vingado no seu selo, clubes de diversões, nem sociedades de outro gênero, que não filarmônicas partida- //rlas, e sempre das melhores do interior, como nestas condições estão as hoje existentes, fundadas em datas com a curiosidade de serem o avesso uma da outra 89 0 98. Automóveis, particulares, contar-se dous, de praça, dous; dous auto-omnibus, dous auto-caminhões e & tradicional carroça do serviço bi-semanal de asselo publico municipal, com as suas rodas de madeira, lassas pas rous juntas e mechas, à iminência de desarticulação, e a sua caixa de zinco, aberta, expondo o lixo e as suas inconveniencias, tirada pela força já alquebrada da sua velha companheira no pesado, de côr alazã, de tão longa pratiou, enten-dendo, já, como gente, o assobio e as ordens do sou irritadiço e desalmado condutor, a rodar pelas ruas, produzindo um chocalhar infernal sobre as calçadas irregulares, pondo violentamente assim, Morfeu, assombrado, fóra de todas as habitações.

O seu serviço de transporte de cargas é praticado por meio de animais e auto-caminhões. Não tem advogados nem engenheiros. Sofre, igualmente, a falta de qualquer estabelecimento de assistência médico-sanitária e hospitalar. Os antros de feitiçarias são mais buscados que a casa da ciência.

Suas escolas são de ensino primário público, em número de 24, e 3 particulares; umas e outras para ambos os sexos.

O seu movimento nas repartições fiscais arrecadoras é vultoso; o judiciário e o carcerário, pequenos, pequen-

simo o telegráfico; mais ativos o postal, o telefônico, o do tabelionato e dos cartórios dos feitos cíveis e criminais, e do registo civil de casamentos, nascimentos e óbitos.

Não temos conhecimento de haver o município praticado nenhum ato que signifique beneficência.

Não tem biblioteca nem imprensa.

Numa coluna, que faz çorar, está a cabeça de Castro Alves, a cerca de dous metros acima do solo, feita não sabemos de que. Este, aqui, o monumento ao Poeta, olhando fundos de quintais. Apesar de não mais se realizarem as grandes festas tradicionais, como a do Senhor do Bomfim, em que se imprimia toda a sorte de solenidades, pompas, galas e de diversões com fervores honestos e santos, seguindo-se as em louvor ao S. S. Sacramento, ao Espírito Santo, a S. Pedro, a N. S. da Bôn-Morte e a N. S. da Bôa-Viagem, o movimento religioso católico romano, não obstante pálido da unção devida, é considerável.

Há também reuniões protestantes e espiritistas, nascidas de pouco tempo.

A indústria do fumo é a otupação de quási a totalidade do seu povo, o qual, embora com qualidades apreciáveis, é pouco instruído e pouco afeiçoado às letras. O efetivo do pessoal com que concorre para as fábricas e armazens, na cidade e fóra dela, calculado em quatro mil, não há exagero.

Relativamente ao seu estado demográfico, há talvez mais de 45% de analfabetos. Contam-se alguns cegos; raros surdo-mudos, e nesta proporção para os demais defeitos físicos. Cada Cada habitação é ocupada, em média, por cinco almas, com tendência para mais. A moléstia que soma cifra mais elevada no obituário, é a que, há quarenta anos passados, lhe roubava menos que todas as outras a tuberculose pulmonar, a temida e temível infecto-contagiosa que, desde Hipócrates, sábio e médico grego da antiguidade, mais de quatrocentos anos antes de Jesus Cristo, vem, inflexivelmente, insistindo e resistindo a todos os esforços da ciência do imortal filho de Cos.

De modo que à humanidade não há valido os sucessivos e importantíssimos congressos internacionais, os variados meios de defesa sustentados com absoluto vigôr pelos poderes públicos do mundo inteiro, nem sanatórios ou asilos, nem a obra prima de Areteu, grande sumidade científica de Capa

dócia, ou a especificidade de Koch; nem a luta geral contra, apenas, a propagação deste mal terrível, considerado já doença popular.

O seu assustador ceifar de mocidades, de vidas enfim, entre nós, queremos afirmar haver sua causa principal na promiscuidade. A vida, em comum, crianças e adultos, em habitações superlotadas, com doentes contagiantes. Nos estabelecimentos industriais, do mesmo feitio, em promiscuo, a beber de uma só vasilha; e por um copo só para todos; e, com êste mesmo copo, colhida a água naquela mesma vasilha; a conversar ao alcance do hálito, a tossir, a escarrar, e a esputar por toda parte, contaminando, ora por ignorância ora perversamente, uns aos outros. Há ainda outros fatores: a qualidade e a deficiência da alimentação. Má, pela usura comercial. Deficiente, pela tirania da pobreza. Carente de vitaminas e de substâncias outras nutritivas. Alimentos, que, ao contrário de fortalecerem, depauperam.

É para dizermos com o grande Platão, não ser para estimar a ciência que prolonga a vida aos doentes de mal contagioso incurável, porque é propagar a doença; e, conseqüentemente, aumentar o obituário.

Em verdade, neste caso, é preferível logo a morte, que é paz, do que a prolongação da vida, que é martírio, para depois morrer.

Notam-se, de quando a quando, surtos, de pouco vulto, de catarros epidêmicos, de sarampão, variola, catapóras ou bexigas doudas, caruba (sarna. Termo tupi) e até de tifo. Tudo pelo crescer da população e o minguar de cuidados higiênicos. O clima é que não há encontrado agradecidos à sua generosidade, senão ingratos.

São constantes os óbitos ocasionados por carcinoma. Há sempre doentes de diabete-açucarada. Das doenças do fígado, são as cirroses as mais comuns, como sejam a sifilítica, a paludosa e a de Lancereaux-a dos íntimos de Baco. Des-conhecemos portadores do bacilo de Hansen. A todo momento, entretanto, os nossos olhos estão a ver afetados de alvaraz.

Os nascimentos, na sua quási totalidade, se não registam legalmente. Raros casamentos; óbitos constantes. Assim, des-proporcionadamente, êstes, por burlada a lei quanto aos outros.

O casual de assassinios, de suicídios e de crimes graves de outra natureza, é-nos evidente contraste dos previstos nos Artigos 217 e 220 do novo Código Penal, expedido com o

Decreto-Lei n. 2848 de 7 de Dezembro de 1940, que entrará em vigência a primeiro de Janeiro de 1942.

É, patentemente, sensível a menoria da sua população branca em confronto à de cor; sendo esta a das preferências da tuberculose.

São-lhe as festas o melhor da vida. Pobre, e gosta de vestir bem; sobretudo o belo sexo. É lidima heroína das alegrias, alheia sempre ao paternal aviso de S. Paulo: O humilde que imitar o rico, está perdido.

A O inexecutável da prolação do m ao indio, como adeante veremos, o contágio das fórmulas corrotas anteriores - tamém missagra, murmurinho, etc.; o desasseado da boca da Ignorância e o desamor da Ciência, por valer o esquerdo da sua fortuna, trocou-lhe o nome de origem BURYTYBA por Muritiba, a que as condescendências injustificáveis do saber, deixaram aprofundar raízes no linguajar do povo, hoje de extirpação impossível, assim à guisa de certas nódoas na brancura de tecidos finos.

A fórmula escoreita do nome da velha terra do acre-ditado e milagroso chaveiro do céu, não é Muritiba.

A graça desta alcandorada cidade é BURYTYBA.

O seu aspeto, porém, impõe simplificação. Imposição razoável e justa que bem merece satisfeita.

Satisfaçamo-la. Mudem-se-lhe em i os úpsilos que lhe afeiam e enredam. O simples, o indiscutivelmente ambi-cionado em matéria de linguagem, por tal processo, raiará triunfante na beleza da nova feição, no rigoroso da sua mimo-sidade, firmando serviço de irrecusável necessidade do vernáculo.

É avisado aquele que simplifica, porque simplificar é evitar com juízo, o difícil e o confuso, portanto BURITIBA.

Nenhuma núvem ai que tolde de leve ao menos o his-tórico-científico da lingua mater. Tudo permanece imáculo, incólume: ortofonia, valores fonéticos das letras, sílabas, acentuação tônica, prosódia e significação, com grande van-tagem da clareza.

Somente o Bom-senso vitorioso do despejo de ocupantes estranhos e perturbadores, e da investidura, na respetiva

posse, de elementos mansos e pacíficos, com ganho de causa do simples, é o que notamos. Simplificação que lhe é como são, nos rostos que en-sombram, as einzas da mocidade, deixam contudo mostras da antiga formosura.

De semelhante maneira os cientes e concientes desco-brirão logo nos II, a intervenção providencial da Singeleza.

O notável homem de letras, da Academia Brasileira, diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, que encanta pela finura do trato, admira pelo talento, trans-porta lido, entusiasmo ouvido e alegre visto, escritor e historiador Pedro Calmon, em carta que trocamos, atinou com a intrusão daquele m, e submeteu a questão no nosso desau-torizado exame, ponto de partida destas linhas.

Aceitamos a porque, para o cumprimento das suas de-licadas e honrosas determinações, desconhecemos difi-culdades.

Não nos abate, por isso, o débil da nossa força, nem a fraqueza do material de que dispomos. Há razão; e a razão faz pender a frente ao forte, quando sob sua proteção está o fraco.

Milita a favor do mo recalçado do uso. Não importa. O Despotismo põe o pé no Direito, esmaga-o. Mas o Direito não sucumbe. Continua sempre Direito, como, em o nosso caso, o m que abre o nome de Muritiba, é, e será, em quanto houver mundo, êrro.

Mal nenhum vai que a despeito dessa verdade, toquemos por diante, para a alegria de recebermos do digno ledor a destra criteriosa em sinal de aprovação, à festa de expres-sivo sorriso de acordo.

Omé continua, motivo por que, a ligeiro encontro dos lábios, ela nos escapa do aparelho vocal. O b, não obstante sonora branda, é explosiva, e sua prolação força mais os órgãos da fala.

Da malór espontaneidade da pronúncia do m, o fácil e o justificável da troca. Acontecimento que tão comum e paci-ficamente se regista, que os melindres auditivos se não sentem ofendidos, e o enxêrto vive, aprofunda raízes e toma vulto, aos olhos distraídos do pomareiro. As consoantes labiais p, b, v, m, nesta ordem, pela Indole da língua, formam uma escala homorgânica de mais a menos resistência, e em consequência do máximo ao mínimo

esforço na sua emissão: povo, bôlo, vão, moça; pégo, belo, vero, mero.

Evidenciada, em a nitidez déste espélho, a lei do abran damento. Esta lei, histórico-científica, muda o pemb, e ob em v. No castelhano: alvorço de alBoroço; avó de aBuelo; aVelórios de aBelório; ca Valhada de caballada; paVio de pãbilo, etc.. No latim: árvore árvore de arBor, caBelo de capillus; deVer de deBeri; loBo de lulus; oBrar de oPerare; palavra de parábola,

sação de sapónis, etc.. No árabe: alVaiade de al-Baide; alcoVa de al-coBla; aldra Va de al-dhaBa, alvará de al-Bará, alViçaras de al-Bixara; alMôn-dega de al-Bondeca, etc.. No linguajar popular: - aMojar por aPojar; Barrer por Varrer; Bassoura por Vassoura; Bage por Vage; braBo por Bravo; la Vareda por la Bareda; traBis-seiro por travesseiro; Mandolim por Bandolim; Marulho por Barulho; Melchior por Belchior; Mucado por Bocado: Mu-checha por Bochecha; Melharuco por aBelharuco; Missagra por Bisagra; Mugiganga por Bugiganga; Madameco por Badameco; Matapá por Vatapá; Munito por Bonito, MurMu-rinho por BorBorinho; Mustela por Bostela: TaMém por TamBém; VagaMundo por VagaBundo, etc.. No indígena brasileiro: CaMará por CamBara; Macaba por Bacaba, Maitaca por Baitaca; Maguari por Baguari; Moganga por Boganga: Mogari por Bogari; Muraçanga por Buraçanga: Muriqui por Buriqui; Muriti por Buriti; etc..

Nada de esporacidade, senão tudo de toda hora.

A permuta do b por m, e deste por aquele, é de uso corrente na generalidade, como bolinete, molinete: melancia, belancia, bacilento, macilento, etc., com especialidade no Minho.

Ensinam os gramáticos serem compostas de elementos puros as palavras, com ortografia correta, com função e sentido locais, exprimindo a idéa disto ou daquilo, daquilo, e e que desta união, nasce o vocábulo, quanto à face material, e, o termo, quanto ao significado, para a determinação exata e apropriada de tudo que fôr preciso nomear.

Examinemos o que diz relativamente às palavras indígenas brasileiras, formadas, por juxtaposição de dous substantivos primitivos, um apelativo e o outro coletivo, indeterminado, constituindo um todo também genuinamente brasi-

leiro, dizendo, com a máxima expressão da idéa, do lugar que denomina.

Interessam-nos os terminados em tyba, substantivo, hoje simplificado em liha, palavra que como açu, mirim e tuba, tem uso geral no Brasil, sua nação de origem.

ARAÇATIBA, araçá, árvore do Brasil, mais tiba, lugar abundante de araçás; CURITIBA, curi-y contraído em curi, pinheiro do Brasil, mais tiba, lugar abundante de pinheiros; GUARATIBA, guard, (termo tupi) ave do Brasil, mais tiba, lugar abundante de guarás; IMBÉTIBA, imbé, planta do Brasil, mais tiba, lugar abundante de imbés; IRIRITIBA, iriri, ribeiro do Brasil, mais tiba, lugar abundante de ribeiros, ITATIBA, itd, (termo tupi) rochedo, pedra, mais tiba, lugar abundante de rochedos; JIQUITIBA, jiqui, (termo tupi) nassa, artefato de pesca brasileiro, mais tiba, lugar onde há muitas nassas reunidas; JUQUITIBA, juqui, nação indígena brasileira, mais tiba, lugar onde há muitas nações indígenas reunidas; MANGARATIBA, mangard, (termo tupi) espadice da nossa bananeira, mais tiba, lugar

abundante de bananeiras; MIRITIBA, miri, (termo tupi) papagaio do Amazonas, mais tiba, lugar abundante de miris; PIRITIBA, piri, (termo tupi) espécie de junco do Brasil, mais tiba, lugar abundante de piris; SERNAMBITIBA, sernambi, (termo tupi) espécie de molusco brasileiro, mais tiba, lugar abundante de sernambis; TAPIRATIBA, tapira, contração de tapiíra, anta do Brasil, mais tiba, lugar abundante de tapiras; TAQUARA-TIBA, taquara, planta do Brasil, da família das gramíneas, espécie de bambú, mais tiba, sitio abundante de taquaras; e UBATIBA, ubá, canôa, usada pelas tribus selvagens do vale do Amazonas, mais tiba, lugar onde há uma porção de ca-nôas reunidas.

Há ainda - COMOXATIBA, COROMOCHATIBA ou CURU-MUXATIBA, porto do município do Prado, Estado da Bahia; SAMBAETIBA ou SAMBAITIBA; SAPIATIBA e SEPETIBA, no Estado do Rio.

SAPIATIBA apresenta-se, à primeira vista, com aparências de hibridismo. Parece, não há dúvida; mas esta hipótese é pouco segura. Não cremos que a um sôpro, de jeito, as suas raízes não se voltem ao Sol. Dêste princípio nos fortalecemos, para quási poder afirmar tratar-se de mais um caso de corrupção. Corrução de Sapêtiba, substantivo tupi, composto de dous outros substantivos também tupis, fôrma

corrente de denominações de lugares brasileiros, estas últimas, com servidão igual no Estado do Rio, darem nomes a localidades. Não sendo para desprezar, mas para dela fazer cabedala duplicidade de fisionomia, onde é sentido a fulgurar o vicio que as deturpa, embaraça e corrompe

Dos vocábulos desta composição, que nomeiam lugares de nossa pátria, para completar tar o total déles, em todo o país, o nos falta um somente, o que é objeto deste nosso despretensioso estudo BURYTYBA, feição tupi, dous substantivos formando um terceiro, todos genuinamente tupis, com utilidade legitimamente tupi, como a dos seus congêneres, lidamente histórico-brasileiro, de que Muritiba é corrutela. irremediavelmente insanável embora.

Criou-lhe esta situação a tirania do uso, o que aqui gasta e ali conserva. Demasiado tarde já para a restauração da sua fôrma exata. Mas sem deixar de ser erro, como ontem o foi, é hoje, e será amanhã e sempre, e como tal o apresentamos convencidos de assim prestar serviço digno de atenção nos que nos quiserem dar do seu tempo e espaço preciso à leitura desta Memória, se a isto cabe tão formoso titulo, sem injúria da pureza do termo, e estrangulamento da sua significação.

BURYTYBA, o mesmo que BURITIBA; entretanto, por simples, é melhor esta última forma ortográfica. Bury, (buri) palmeira da Bahia, de porte muito inferior ao de coqueiro: dá cachos longos, algumas vezes de mais de meio metro de comprimento, nozes miúdas, ao jeito de pêra,

duras, compri-midas, dando-se à feitura de bilros de renda, amêndoas duris. simas, revestidas de uma película, ou epicarpo, de forte amargor. Esta espécie de palmeira abundava nesta serra e na sua zona sul. Tyba, lugar onde há grande cópia de alguma cousa, conforme ensina Gonçalves Dias, no seu pe. queno, mas bem feito e muito útil, glossário de nomes tupis. a chamada língua geral dos indigenas brasileiros, em que pese a maioria dos vocábulos, de uso talvez apenas corrente no Amazonas e no Maranhão. Tuba, ou melhor tiba, subs-tantivo da língua tupi, de uso generalizado, tem a mesma significação do sufixo português al exprime abundância de alguma cousa, coletividade, reunião disso ou daquilo da mesma espécie. Assim notamos: CURITIBA, (cidade do Paraná) lugar abundante de pinheiros; BANANAL, (município paulista) sitio abundante de bananeiras; IMBETIBA (localidade flumi nense) lugar abundante de imbés; JABOTICABAL, (manici

pio de S. Paulo) sitio abundante de jaboticabeiras; BURI-TIBA, sitio abundante de buris; SOBRAL, (município cea-rensense) lugar abundante de sobreiros.

Há, ainda, entre a porção de nomes de lugares aca-bados em al, MARAIAL, (município de Pernambuco) que trazemos à balha, por pensarmos, ser uma erronia do qui-late da de que tratamos.

Cremos, assim, sobretudo, por falta de notícias da exis-tência de MARAIA, para poder existir MARAIAL. HA BA-RAIA, Ioireiro do Brasil, que dá regularmente, BARAIAL, mata de baraias, que é mesmo que sítio abundante de ba-ráias.

Repisemos. BURITIBA, a que por bem da clareza im-primimos a graça da simpiicidade, trocando-lhe por i os úpsilos, a fórmula correta, e nunca Muritiba, vocábulo emi-nentemente nosso, como o são todos os outros que em co-mêço reforçam nosso argumento, compostos por juxtaposi-ção, havendo berço, emprego e uso entre nós, e mantidos o feitio e o significado com a mesma consequência analítica, sem pontos sutis, obscuros, estranhos, enredados nem forçados, designando, com a mesma propriedade e expressão, lugares abundantes de alguma cousa, como, particularmente, Buritiba, sitio abundante de buris, qual testemunham e pro-vam as suas casinhas antiqüíssimas, que ainda restam, cha-tas, de adobes e telhas enormes, ripamento de lascas de estipite de buri, e, em algumas, enxaméis também de las-cas de caule de buri; palmácea de que há espécimes ainda, e não poucos, nos matos de cá.

A Ignorância ou o Desleixo, sempre maus, sacrificaram-The a limpidez originária, deformando-lhe com feio gilvaz a feição material, que buscamos mostrar, fortalecidos com provas incontestáveis, como já vimos.

Há, semelhantemente, quem haja perpetrado faltas mais graves ainda contra a sua legítima aparência exterior.

Em papéis mais velhos, não somente encontrámos Muri-tiba, mas também Moretiba, Moritiba, Morityba, Murytiba, Murityba, configurações reveladoras da incerteza da grafia exata,

Buritiba, e grosseiramente errôneas, porque more. mori ou mory; muri ou mury, absolutamente não existem em letras brasileiras nem nas portuguesas.

Nêste nosso majestoso, rico e opulento Brasil temos visto de tudo, e de tudo vamos vendo; porém não veremos nunca jamais tais caretas com os fóros de histórico-cienti-

ficos, nem the ouviremos, em tempo nenhum, a modulação, em qu qualquer linguajar brasileiro, como cousa séria

Mas há MURILI, MURITI, MURITIM fórmãs regularmeme dicionarizadas 17 objetar-nos-ão. Lembra-nos agora a frase biblica abyssus abyssum invocat, a que, para o nosso caso, damos a significação de um erro arrasta a outro erro.

MURILI, MURITI, MURITIM, como MELCHIOR, MELHARUCO, além dos demais aleijões já estudados, brotados da corrutibilidade evidente do b, com serem grafismos dicionarizados, nenhuma importância acarretam acr no tocante à le-gitimação e pureza; são também erronias, pesadas corru-ções da mesma estirpe que MURITIBA, e, acima de tudo, pela antecedência do registo das fórmãs puras, e pelo apa-recimento posterior das corrompidas, as quais são notadas meramente em dicionários mais recentes dos dias de agora. Os dos dias de íntem, não nas registam.

A ortografia, sem jôio, é BURYTY; modificada em BU-RITY e esta em BURITI, palmeira florescente em o Norte. onde eleva o seu leque admirável, em altura que nenhuma outra palmeira do Brasil alcança, e serve com o seu nome a várias localidades. Aqueles aleijões, são o que, o Vicio em concubinato com a Ignorância, podiam produzir.

A nossa, a da Bahia, a de que era abundante nos seus primeiros anos, a terra que se tornaria berço de Castro Alves e de Clementino Fraga, que ainda conta muitos exemplares dela, e que além de outras servidões, já mostradas, serve de cognome, é BURI.

MURI não existe; existe BURI. Logo não é possível MURITIBA, mas BURITIBA.

BURITIBA não é interpretação de mitos, nem decifra-ção de sinais, marcas ou figuras traçadas nisto ou naquilo. que suscite dúvidas; senão obra do bom senso lingüístico, associando cientificamente dous substantivos, resultando desta associação um terceiro, enriquecente da mesma lingua, com a expressão limpida de uma só idéa, dentro do mesmo idio. ma, achados ambos e consorciados no próprio local que fam denominar, e denominaram.

Não se atribua nunca a gente culta. o MU que abre o nome da boa terra de São Pedro.

MU, é o mesmo que asno, O vocábulo MURITIBA de-composto, ó disparate!o MU RI a uma porção de cousas reunidas, cousas que pôdem bem ser alfafa e capim.

Não é isto, dignos leitores, para acusações também à fortuna?

Aqueles que desta já se foram com o contentamento e a responsabilidade da sua fundação, não na fundariam se não com um nome escorreito, como o é BURITIBA, e nunca MURITIBA que é rombuda deformidade do ofício da incul tura que, quando não mata, aleija.

Vimos claro como a nós mesmos, que todos os nomes de localidades do Brasil, terminados em tiba, são da lingua geral eral indígena brasileira, denotando, invariavelmente, abun-dância, coletividade, reünião.

O homem é imperfeito, e a sua imperfeição evidencia-se alicerçada na perfeição de Deus. Da existência do ho-mem originou-se o mal. Dai, no realizar da sua missão, o erro.

Homens foram da mesma fôrma os nossos antepassados; e, como, onde estiver o homem, a imperfeição é figura de presença obrigada, eles trocaram por MoB inicial do nome do sitio bahiano em aprêço, adulterando déste modo a obra dos seus mais velhos, em cuja alteração, desatentos, homens e somente agora despertamos pela reivindicação, quando impossível reivindicação, quando impossível já o despejo do intruso.

Em fonética omé uma espécie de b nasal, ponto de partida para a confusão; e, por isso mesmo, para a erronia.

Acomodar com aquilo que já não haja remédio de cor-rigir, é hábito da natureza humana.

Acomodemo-nos, conseguintemente, com o tal bastardo; pois, pelo tempo, éle tem já direito de posse adquirido. Mas sem nos ficar nenhuma indecisão de que a fôrma cristalina, em a sua simplicidade e pureza idiomática, é BURITIBA. Esta a doce e bela graça do torrão natal de José e de Gui-lherme de Castro Alves, poetas de merecimento, que ao lado honroso de seu irmão Cécéo, completam fulgurante e mara-vilhosa trindade nas letras poéticas nacionais.

Sobre todos os argumentos apresentados, e fartamente justificados, ponhamos o de que os fundadores da terra desta magnifica trindade de poetas, liam e sabiam muito mais a lingua indígena, assim a portuguesa, do que o preciso para The não designarem toponimicamente com um erro, senão com genuino indianismo que, cientificamente criaram, sem nenhuma alteração dos elementos da sua composição, com absoluta razão de ser, tal como praticaram por ésses brasis afóra, quando se não socorriam do calendário.

Déste passo, a magoar-nos, sentimos ir-se acordando em o nosso intimo, a dor dos espinhos da sorte da bõa terra das jaqueiras gigantescas, dos candeais cheirosos, das ame nidades atmosféricas, macias como as valsas de Strauss

→Passemos à sua fundação. Buscamos-thes a fonte de informações e a data, e resultou de balde o nosso desvelado empenho.

E, entretanto, de notoriedade histórica, haverem os pa dres jesuítas cheliados de Nóbrega, chegados logo após da inauguração do governo criado por D. João III. que quis dar impulso à nova terra, e o conferiu a Tomé de Sousa, com o titulo de governador general, acontecimento ocorrido, na Bahia, em 29 de Março de 1549, largado ferros e içado velas para o Sul e para o Norte longinquos. Além disso, Tomé de Sousa, em pessoa, percorreu o litoral e o recóncavo num raio de vinte léguas, buscando lugar conveniente para a edi-ficação da cidade capital.

Éste notável administrador não negligencion no sen go-vêrno, distribuiu terras, ativou o povoamento, abriu cami-nhos e estradas, mandou logo armar embarcações para a navegação dos rios.

Ficando, na Bahia, Antonio Pires e Aspilcueta Navarro. Este aprendeu a lingua dos aborigenes, e nos segredos dela ganhou fama, tornando a sua atuação ção muito proveitosa, sen-do entre os padres o que não descansou, nem às noites, por-que durante elas cuidava de hinos tupi.

Cinco anos depois, eram já contados na séde da nova administração geral, vinte e seis companheiros de Nóbrega. que, como os primeiros, foram distribuidos, cabendo uma parte dêles à Bahia, sob a direção de Luis da Graa.

Sabemos não eram aqueles jesuitas espíritos de bocejos e espreguiçamentos, senão fortes e ativissimos, e homens de luta, com organização militarizada. Não há dúvida, eram milicianos, ilustrados e destemidos; dai o nunca falhar o êxito das suas missões. Intementes dos instintos feros do índio, da usura do colono, e da cobiça do aventureiro, nada lhes perturbava a marcha na sua obra piedosa de evangeli-zação, catequese e propagação da fé.

Energias deste quilate de fogo não são das que adiam: mas das que agem de pronto. Quem entesoura, não deixa para recolher depois o valor que the está às mãos. Não abandona o que vê, pelo duvidoso, e, em cuja conquista, The é mais certa a morte que o bem desejado.

E as terras abertas da barra do Paraguaçu, para o inte-rior, aguçantes da curiosidade exploradora em ação, e, en-tre elas, o portentoso caudal despejando-se no oceano, estão-thes a pouco mais de uma hora de velas cheias de sul.

As terras de Itaparica e as do vale do Paraguaçu, não foram na Bahia, as primeiras colonizadas? A serra Buri-tiba não tem ao sopé, a margem direita do Paraguaçu? S. Pedro Velho e o Fumal não a olham do alto?..

D. Vasco de Caldas, já em 1560 ou 61, subia o Para-guaçu com os seus cem homens, porque já éste rio conhe-cido dos franceses desde 1503, e pelo nome da que depois veio a chamar-se Catarina Alvares.

A zona da Cachoeira e de Buritiba, era já conhecida e povoada desde 1559, quando de ordem de D. Antonio Bar-reiros, em 1575, pouco mais, pouco menos, foi inaugurado o arraial, sob tão bons fados que se tornou cidade heróica.

Os padres jesuítas a cargo de Graa, homens desassom-brados, escolhidos para afrontarem perigos e dificuldades, acharam a ampla entrada do Paraguaçu, tão próxima ela está da Bahia de Todos os Santos, e em singradura direta e feliz, subiram as suas vinte e nove milhas, as, navegáveis por embarcações medianas e pequenas, até o término delas, que é justamente fronteirico ao local onde desembarcaram e deram o nome de Porto de Nossa Senhora do Rosário.

Esta denominação faz certo haver-se dado a saltada para a terra num dos sóes do mês de Outubro, senão em o próprio dia da festa da Virgem daquela graça.

Que exuberância!, que majestade! teriam exclamado com os olhos na imponencia das serras, no ubérrimo do sólo, na riqueza da floresta e na poesia azul do céu.

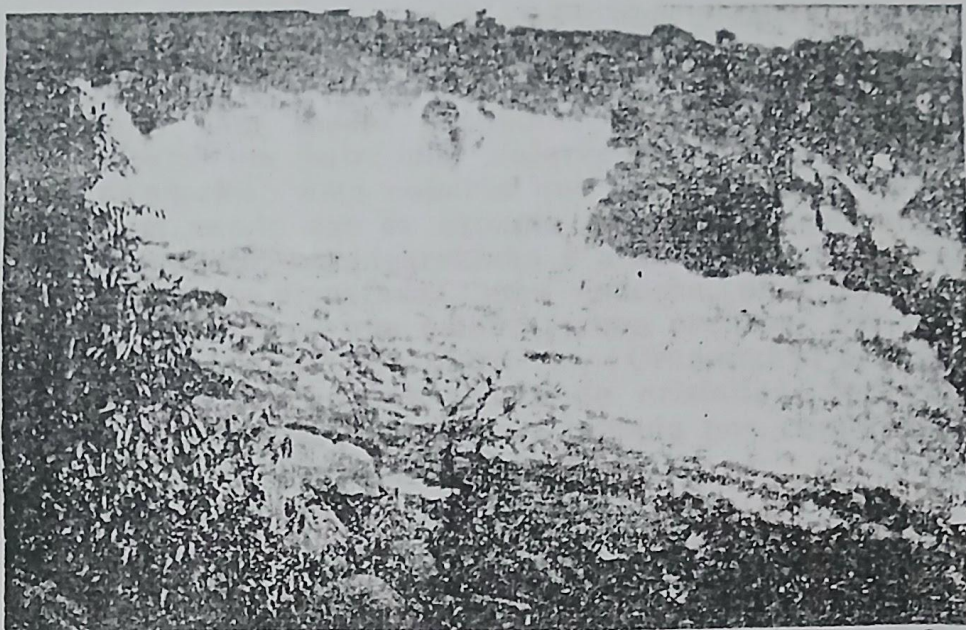
Ao grande rio, dirigir-se-iam como os egípcios ao Nilo:

Que milhões de vidas sustentas, ó poderoso rio! Quanto abasteces!, quanto alegrias! Deus! Deus!

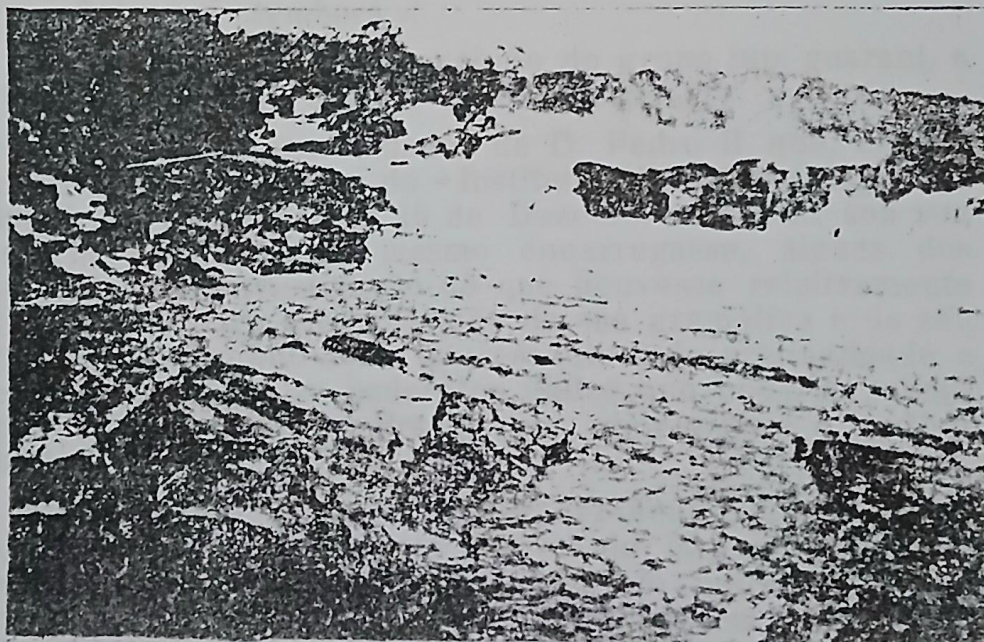
A maré nesse instante estaria no seu limite máximo.

Saidos dêsse éxtase, e retornados o espírito e o cére-bro á paz e à luz, al não há que admitir da missão que npenhavam, senão o haverem èles, êle atraídos pela pro-fusão de encantos naturais, subido, a pé, marginando o rio, ao encontro de possíveis riquezas.

Como emparaísados, entre serras, admirando uma fonte, um riacho, uma cascata, um poço, uma folha, uma flor, um



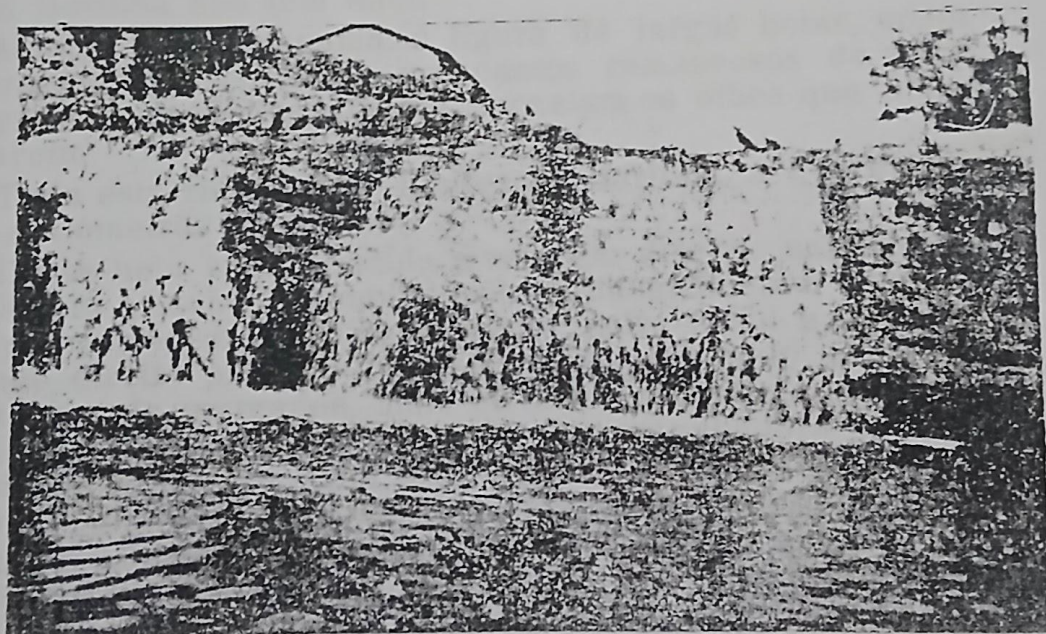
*Quêda da «Gamelleira»; (Timborá).
Rio Paraguaçu.*



Quêda do «Marcello» (Timborá) rio Paraguaçu.



*Serra do Aporá com a sua bonita lagôa estendida
ao sopé. — Muritiba.*



Cachoeira da «Roda», no rio Capirari.

fruto, uma árvore alticoma, um caule, uma palmeira farfa lhante, rica de cachos; a alvura e beleza de uma garça, o mimoso de uma pomba; um pássaro enchendo de música o seu aposento, um inseto zumbidor, verde-dourado, utá réptil que traga um batráquio, enfurecido ao vê-los, agi tando os cascavéis, uma colmeia que trabalha, um ninto pipilante; um veado que se espanta e estaca assombrado; um caititu, um gato, um laparozinho e a mãe, que arrancam do couro em louca disparada; uma codorna, uma inambu, uma perdiz, um zabele que estoura; uma escarpa, um pe nhasco, um rio, (Jacuhype) outro rio, (Crumatahy) ora es-cachoantes, ora serenos; a poesia de cristalina vertente nemorosa, quando thes a atenção é tomada por continuado trovão que não pára, rugindo longamente.

Estacionam de chofre. Escutam interessados. Não é trovão; mas forte ruído catadupejante. Buscam-no.

Duas horas, aproximadamente, adeante, depois de thes assustarem com o seu voo e grito fortes, fartos jacus e ara-quans, ei-los estupefactos à vista de estupendo e pavoroso espetáculo.

Escaparia-lhes dos lábios esta fervente frase admirativa, vinda da alma ao súbito da impressão arrebatadora que os dominou, êste poder que esmaga a gente à contemplação. pela primeira vez, de magnificências que expõem Deus

Soberbo tymborá »!

Vibrante e forte êste vocábulo do grupo tupi-guarani, e de bela propriedade e vigor de expressão.

Tupi. Lingua dos cuidados de D. Pedro II, que, em se-guida à primeira sessão do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, realizada em 16 de Dezembro de 1849, sob sua presidência, propôs ao mesmo encarregasse, alguns dos seus sócios, da investigação do que houvesse relativamente à lingua tupi, para a composição da sua gramática e do sett dicionário, estimando-a de interessante pela originalidade e poesia, e ainda pelos poderosos dados que poderia subministrar à Etnografia do Brasil, com prêmio para o melhor trabalho.

Era o valente Paraguaçu que arrancara aquela exclamação, com os seus sessenta metros de largura, reduzidos a pouco mais de três, oprimido, prensado entre escabrosas muralhas graníticas, na sua formidável luta sem fim, rouque-jante, furibundo, num desespero satânico de liberdade. E. elas, firmes, inabaláveis, sem cederem. E, éle, róla, rugindo

raivoso, esbarrodando-se numa quoda medonia, de córca de cinco metros de altura, A Hor das Aguas, em baixo, para, depois, numa corredeira impetuosa e colérica, chocando-se fu rini em mil pedras de todos os tamanhos e feltios, pedras sobre-poostas, aglomeração de pedras, um nunca findar de pedras, numa distância aproximada de mil metros, is, novamente, precipitar-

se, furiosissimo, espumejante, assanhado, trove Jante, bravio, de rochas colossals, colossals, nun numa segunda e fragorosn quéda, deixando escapar à forla do choque, doce pulverl zação em fórmula de neblina, como na primeira, que o vento apanha e vai com ela acariciar o rosto do visitante, esteja este a vinte metros afastado do precipicio.

Denominam-se estas quedas, hoje, a de cima do Mar cellos, a de baixo da Gamelleira. Uma a montante da outra, talvez mais de trinta metros de diferença de nivel, é o que vimos, calculamos e fotografamos.

Dai, até certa distância, se levantam, às margens, em grande altura, negras e gigantescas rochas, quasi polidas como paredes, prendendo entre si o rio que, lá no fundo, desce lento, salpicado de espuma, qual se exausto do combate sustentado, contra a impassibilidade das pedras.

Que de energia elétrica! Que riqueza fácil de irrigação!

E Buritiba não tem nada!

Monticulos de espuma, à figura de largas bóins, como amedrontados, escondidos nos cantos remansosos do poço castigado do encontro raivento, encantam os olhos que nêles se fitarem. Toda esta riqueza nos limites de Buritiba, a quarenta e dous quilômetros da cidade. Dêste belo sitio, vencida a margem direita, dire voltadas as costas para a cachdeira, subindo-se continuamente, em linha reta, por terras de Buritiba, a frente entre o Sul e o Oêste, o flanco direito para os limites léste do municipio de Castro Alves, quando marcados, mais ou menos, vinte e quatro qui lômetros para trás, a paisagista sobre-maravilhadora e eterna empolgará o excursionista com majestoso painel: a serra do Apora, sôbre a serra Buritiba, única do municipio, alta e imponente, com a sua bonita lagoa estendida no sope, in sulada no meio de extenso taboleiro que se estende para todos os lados, festejada sempre de variados carizes nas horas do ressurgir do Sol e nas do poente, tudo nos afagos de aprazível e milagrosa atmosfera. O clima dêste saüdável taboleiro é de câtinga. A su vegetação é abundosa de candela e alecrim, e arbustos e ár

vores outras, alguns enfezados. São sécas as suns terras; porém não infecundas.

Contam-se porções fertilizáveis, e que, assim fortalecidas. dão compensadora produção de fumo e mandioca. Entretanto, para a criação de gado de alto póрте, não satisfazem hem Há alguns rebanhos de caprino e de lanigero.

Castigam-no, amiüdadamente, estiradas estiadas.

O terreno da serra e o das suas proximidades, ora areia grossa, ora massapé, são fertilissimos. Aos lavradores de milho e feijão, correspondem, em tudo, vantajosamente.

São-lhe vizinhas algumas fontes e lagoas de maior ou menor capacidade. Não são perenes, mas muito resistentes aos demorados agores do Sol.

Merecendo especial referència, entre as lagoas, pelo tamanho, a chamada do CAVALO, que se alonga até per-tences do municipio de Castro Alves, e a dos PALAMES > que é também muito grande, quasi redonda com mais de três mil metros de diâmetro.

Parecendo-nos não despreciando nem para silenciar, ao contrário, digno de de registo, o fato de haver também no município de Inhambupe, como neste de Muritiba, uma povoação e duas serras homónimas Aporá, serra do Aporá e serra Muritiba, pensamos, a propósito, este relato, pôsto que per-functório, mas de interesse pelo interessante da singularidade da coincidência. No Dicionário Enciclopédico, de Lacerda, 3.^a edição, 1870, e na Enciclopedia e Dicionário Internacional, obra utilíssima, representadora de inestimável serviço dos seus editores W. M. Jackson Inc., aos países a que a destinaram. -em caráter genérico, e em específico ao Brasil, porque talvez mais do que nenhuma outra Nação necessitasse de um trabalho de tão elevada importância, le-se:

Aporá, serra do município de Inhambupe, a cinco léguas ao poente da serra Murityba. A paróchia de Aporá está situada junto da serra que lhe dá o nome.

Houvesse o município de Muritiba merecimento igual. os seus autores teriam registado o coincidente. E é:

Aporá, serra do município de Muritiba, a cinco léguas ao poente da serra Muritiba. A capela do Aporá está situada junto da serra que lhe dá o nome».

Curioso.

Muritiba somente pelo uso, conforme claramente já o positivamos. Mas fiquemos certos, que o certo, cá e lá, é BURITIBA

Muritiba não é possível ter existência, porque não existe vocatmio mari A lingua também não no daria feito, por que sabemos todas as palavras acabadas em Igba, e pertencentes no idioma tupi, são compostas por juxtaposição, de elementos originários dele, que continuam com as suas formas ortográficas e prosódicas perfeitas, expressando uma só idéia E. não existindo, como não existe, mari, em tupi, nem em nenhum dos seus ramos lingüísticos, nem ainda em portu-guês, embora, neste último caso, tivessemos um hibridismo, é evidentíssima a impossibilidade da existência de Muritiba.

Horácio, na sua Epistola aos Pisões, mestra de ouro, imortal para o azul da imaginação, sentença:

Ao tempo estão sujeitas as palavras, Umas se fazem velbas, outras nascem».

Ao que acrescentamos:

Não só ao tempo, mas também ao vício E à ignorância, elas estão sujeitas.

Repetimos cá e lá deve ser Buritiba. Buri, elemento que contém o sentido geral, e tiba, a idéia especial; aquele o principal, e este o acessório, unidos por contacto.

Eis-nos de volta ao sitio de onde partimos para o gozo das belezas do Aporá.

À catadupa tomaram então o nome para a serra que, partindo das proximidades da Bahia de Todos os Santos, rumo do Sincora, passa aí, à esquerda do rio, sobre terras de Santo Estevam do Jacuipe. (fórma simplificada de Jacuhype).

Estava batizada a grandiosa elevação, com um nome do idioma tupi, substantivo sub apelativo masculino o qual significa o mesmo que cachoeira. TYMBORA, O úpsilon com que o apresentamos, por desnecessário, deve ser trocado por i. Façamos a troca, e teremos prestado apreciável serviço A clareza da nossa linguagem.

Noticias deste éden, para cima, não conseguimos obter, e não fomos negligentes, senão diligentes à sua cata.

Topamos, porém, o que admirar, a igreja dedicada a São José, no lugarejo denominado Genipapo, do municipio de Castro Alves.

Um primor de pintura e talha essa casinha santa

Desta jóiazinha perdida num trato séco das cãtingas castroalvenses, soubemos que o mais precioso foi levado para a Matriz a que ela pertence.

Tornados, mais cedo ou mais tarde, do timborá, on de onde quer que estivessem, no Porto de Nossa Senhora do Rosário, alteraram the então o nome chamando-the Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, penetrados das belezas daqueles furiosos e estrondeantes saltos do magni-fico rio, cofre de gemas, e muito liberal para os pescadores.

Bela inspiração! Adequados topónimos, atestantes de saber, de gosto apurado e inteligência arguta

A serra un nome tupi; à futura cidade, a tradução portuguesa desse nome.

Agora a beleza da margem direita do formoso rio que lhes estava nos olhos, porque a sua missão não era estacionar, nem deixar para depois, senão marchar, devassar, descobrir. estudar, conhecer, semear a fé, a luz, a civilização, a liber dade, o progresso, o amor.

Éste o fim a que se destinavam éles. Fim patriótico e santo. Anseios que lhes alargavam e aligeiravam os passos, encurtavam distâncias, apagavam-lhes o temor e lhes punham em chamas indomitas o ânimo de vencer, para os efeitos do seu sagrado ministério: o evangelho do ensino, do tra-balho, da liberdade, da pureza da alma.

E para isso, não regista a história que pesassem on me-dissem sacrificios.

Quanto é que, Ibiapaba custou ao divino Vieira e nos seus irmãos em espírito?

Todos os sofrimentos e padecimentos nascidos da deso-bediência do primeiro homem.

Nesta luta dolorosa e tremenda provavam éles, à saci idade, a firmeza espiritual e a incontestabilidade da renuncia de tudo, no serviço de Deus.

Dessa incalculável porção de espinhos pungentissimos da alma e do corpo, a fome, a sède, a frecha, a lança, o machado, o tacape, a indomabilidade do instinto fero, nada

thes foram, ajuizando se o que são perto de dous meses, sôbre a face raivosa dos nossos mares do Norte, os verdes mares bravios de Alencar, numa sumaca ronqueira e mesquinha.

Que é que, ainda Vieira e os seus companheiros ao acharem a boca do Japicuras, no Maranhão, fizeram, senão subi lo

Singrar e marginal rios, aos riscos das mais ferózes bos tilidades de toda ordem, era o officio do evangelizador, do catequista, do descobridor, por serem roteiros seguros o curso dèles.

Estes imortais bem feitores, nunca jamais negligencia-riam uma exploração que lhes estava aos olhos com todo o esplendor da sua riqueza e curiosidades; e é pela ambição destes bens, que ha exploradores.

Valha a velha sentença: O homem de juízo não adia o que deve fazer hoje.

Eles, a menos de cinco minutos a remo, tinham deante de si colossos de tudo, que era o encadeamento das serras da margem direita do grande rio, como se exigente do gozo de os haver no seu luxuriante seio, empinavam-se majestosas e ricas de poesia, a trezentos metros para o azul.

E porque é que a piróga, de logo, se não fazer de préa para lá?

Fizeram-na. E lá se vai ela, macia, com o seu balancim de equilibrio, ferindo célere a face lisa da água doce, car-regada de semente dos frutos colhidos da cruz de Jesus Cristo, a semear nas überes alturas fronteiriças.

Está vencida a margem demandada. Pisam terra. Hà pedras, pedregulhos. E a aba da serra que, abruptamente. se levanta de seus pés à busca das nüvens.

Sobem. Sobem mais. Sobem ainda. Ganham a cumieira. O panorama encantador do Norte ao Léste!

Caminham Sempre as mesmas extraordinárias exube-râncias. Estão numa vastissima planura arejada e sã.

Que riqueza arbórea! Que terras sem par, prestadias a todos os desenvolvimentos da lavoura! Para jardins, hor-tas, pomares e pastos.

Tudo tão desusadamente belo e tão festivo e rico, ma-gnifico e tão saudável, que o espírito thes não deixou de por no rosto esta interrogação de fascinados:

ver?! E' possível estejam-nos fiéis os nossos órgãos de

Sobejavam-lhes justas razões para essa exclamação de dúvida de deslumbrados.

Arvores de madeiras para as artes e ofícios e necessi dades domésticas; terras aráveis fertilíssimas; plantas e hervas officinais em grande cópla, água com abundaneis para todo mister e fins industriais, sejam dos que exigem máxima pureza e cristalinidade; e, ainda, com predicados especiais para a tempera do aço, dando ao Instrumento, cortante, gume e fio muito resistentes; elima delicioso, ins pitaleiro e bom, com invernos certos e trovondas regulares, não sujeito a sécas nem a geadas, nem a pestes,

Dirigiam os olhos no Nascente, e éles thes mostravam a serra prolongando-se para diante, sempre ostentosa de seus dotes incomuns, dando fartamente a respirar saúde e vida.

Deixada essa posição, e dados uns passos ao eul, um vale todo minadouros de água levissima e cândida, e consi derável brejo capaz de grande plantação de cana, arroz e bananeiras.

Mais uma caminhada curta, na mesma direção, outro vale, e lá no fundo pedregoso, um rio de água doce, piscoso, vindo da parte do Poente, com um curso de doze léguas calculadas, dotado de multos pequenos afluentes, e de duas bonitas cachoeiras, a pequena distância uma da outra, ape lidadas Cachoeirinha da Roda e Buraco do Inferno. onde a noite começa as dezassete horas, mesmo no Verão, pela estreiteza e profundo do vale.

A pedra da primeira, tem cerca de quatro metros de altura, e a da segunda, tem oito mais ou menos, Orio, nesta segunda, cai de vez, como formidável e giganteses bica, derramando cerca de 600 litros por segundo, quando ao natural, dando, em lajedo, em baixo, de modo que, ama ou mais pessoas, podem guardar-se do jorro entre éste ea pedra, que, quér numa, quér noutra, é é talhada a pique. como quási a pique são as altas escarpas entre as quais catadupejam as águas, ora poéticas, ora furiosas.

Éste rio recebeu depois nome de Capivary, vocábulo tupi, de uso geral; e não originário do acaso, como dizem sucedera ao seu homónimo que banha a cidade de Mundo Novo; que, caçadores, ao darem com uma capivara muito grande, exclamaram a uma voz: «Que capivar..... Não é lá esta das histórias mais bem contadas, com estamos vendo.

É curiosa, não há duvida, mas em toda parte do pais, principalmente em Minas, há rios, com esse nome. Há, ainda com esse nome, lagoas, lagos, serras e localidades várias, em outros Estados do Brasil.

O termo é da lingua brasileira. E a ela foi tomado, e denomina onze rios em Minas Gerais; seis em São Paulo; cinco no Rio de Janeiro; quatro no Paraná, dous no Rio Grande do Sul, dous em Mato Grosso; um em Santa Catarina; um em Goiás, etc..

Capivari é ainda a denominação de um lago no Mara-nhão, de uma cidade em São Paulo; de uma serra em MI-nas Gerais; de uma lagõa no Rio Grande do Sul; de uma serra em Santa Catharina; de uma cidade, uma ilha e uma penin-sula no Rio de Janeiro, etc..

Destruída assim a admiração dos caçadores mundono-venses, retornemos ao Buraco do Inferno, sitio carrancudo e de grande poesia, e desçamos ao poço do Chapéos, pon-to sul dos lindes territoriais entre Buritiba e São Felix, para dal subirmos, de frente para o quadrante norte, ao cimo, e descermos dèle a outro vale, e subirmos ainda a outro cume, para a ampla vista da majestosa Timborá, e do Imponente Paraguaçu, remansado serenamente no seu leito arenoso, riscado de São Felix à Cachoeira, pela colossal Pedro II. aberta ao tráfego desde 7 de Julho de 1885. Fértéis e far-tas de água de beber são todas as terras que pisamos até ai.

A-pesar disso, cremos éstes vales não formados por efeitos de desabamentos ou decomposição, nem das leis de erosão também. Mas que a serra ao se avizinhar do rio. fendera-se e enrugara-se, tomando a figura de quatro dedos abertos apontados para os ventos do Léste ao Norte.

Em cada ramo dèsses, há um clima novo, em o nível superior, sempre mais agradável.

Os seus cimos são compostos de areia fina e argila, as paredes fortemente ingremes, de terras argilosas, ora escuras, ora caboclas, salão, e tauá, sem pedras, gomosas e finas, aráveis, e de primeira ordem para toda lavoura, especial-mente milho e capim.

Terras onde a mamona e a mandióca, de um mês, tenras, resistem ao sol de cerca de quinze dias, sem ne-nhum desanimo do seu viço, até nas horas do calor mais hostil.

Há também entre a sua variedade, de terrenos, argila própria para tejos, telhas e panelas.

Dal, para o Poente e para a cidade, (Muritiba) conti-nuam as mesmas terras sempre planas e boas para toda sorte de plantação, abundantes de fontes, riachos e brejos, duas bacias e duas lagoas, pequenas, arejadas de ar de uma frescura tão mimosa que vence o rigor do astro do dia, qual acabamos de registrar, e foi visto dos nossos olhos

Ao Norte, cousa providencial: o roteiro seguro do ser-tão e das lavras diamantinas, do encontro do São Francisco, de Minas Gerais e de São Paulo Paraguaçu, doce, pis-cosissimo, margens riquíssimas de madeira, de caça e mel. farto de ouro, de diamantes, carbonados e de muitas outras variedades de pedras preciosas, mostrando também a sua linha navegável de vinte e nove milhas de extensão até o mar, a duas horas da capital da América Portuguesa». sob a influência das marés, cheio de peixes e crustáceos marítimos dos mais saborosos.

Pedras da melhor qualidade para qualquer gênero de construção, na encosta do segundo dedo, apontado para a Cachoeira, lado de baixo.

Nenhuma charneca. Nada de nú. Nada enfezado Nenhum animal feroz. Tudo mansidão e alegria às graças de radiosa promessa de venturosos dias porvindouros.

Tão encantadora a natureza, que se o arrojado Vespucci a houvesse visitado, não na teria considerado vizinha do Éden, como considerou outra das nossas múltiplas belezas, senão o próprio Paraíso Terreal.

Reconhecida dêste modo a existência do preciso à vida e ao gôzo de uma população, com vantagens e facilidades de toda ordem, seria sugerida a fundação do templo, da lo-calidade, e buscado o nome ao batismo indispensável.

Não se valeram do calendário, naquela necessidade, os padres.

O pronto e o habitual foram sacrificados por essa re-solução.

Recorreram à flora vicejante nte que os deslumbrava, e mais lhes aprofundava os sentimentos brancos de fé e es-perança.

Na eminencia da serra altaneira, onde se encontravam então, abundava a nossa palmeira buri. Dêsse nome fizeram o elemento principal, o determinado, e o associaram a tiba. êste como segundo elemento, o determinante, vocábulo tam-bém tupi, formando assim BURITIBA, que quér dizer lugar

abundante de buris, toponímico puramente indígena brasileiro, gramaticalmente composto, sem nenhuma violência ou absur didade, que, depois, por defeito de pronúncia do índio, sobretudo, ou pela facilidade já mostrada da troca do b por m. consa entretanto muito comum nos albores dos idiomas, passou a chamar-se Muritiba, tipo estranho à lingua brasi-leira e aos seus dialetos.

Para reforço da já longa documentação probatória do nosso opinar em defesa do asseio do nome da terra protegida pelo santo e sábio epistólogo que nos recomenda como dever indeclinável honrar a todos, amar a fraternidade e temer a Deus, êste pôs aos nossos olhos, em artigo do ilustre filó-logo, insigne mestre de português no tradicional «Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, o erudito professor Jacques Raimundo, autor do Dicionário Americano», e de muitos outros importantes trabalhos de alto valor lingüístico, que o nossso gentio, esforçando-se embora, não pronunciava bar-riga, mas marika. Querendo repetir o vocábulo bragantim, saia-lhe marakatim.

Que é que traz ao nosso argumento, esta verdadeira informação, senão luz intensa, inofuscável, iluminando a imagem da Razão em toda a sua resplendência ao nosso lado?

É, não há dúvida, sol em pleno zênite escampo, para que vejamos nitidamente provada a corrutela que deploramos.

Nada mais havendo de obstativo que opôrmos contra o poder afirmarmos que em muitos dos nossos vocábulos, onde intrusamente figura a letra m, especialmente na abertura, é ela originária da pronúncia defeituosa do nosso caboclo, da ignorância, e da desatenção dos entendidos, que abrem os braços ao uso e o acolhem, e a língua que se amole.

Assim com tanta pressa, e tão de-pressa, a formação do nome a se ajustar ao formoso jardim de felicidade descrito; porque homens instruídos, sabiam nenhum elemento de mais eficiência, para quem tem, ou toma o grave encargo de cate-quizar, evangelizar, civilizar, distinguir raças e descobrir origens, historiar, que o conhecimento aprofundado da lin-guagem regional.

Não ignoravam eles que o estudo do idioma fornece dados e deduções bem mais circunstanciadas, precisas e seguras, que as datas, que as informações, por serem estas mais suscetíveis de engano, e os dedicados ao serviço de história, como eles, bem o sabem.

A linguagem é ciência que não falha.

Om com que desavisadamente, e incuriosos, errámos o nome da terra de São Pedro, onde habitamos, é fruto péco da falta de amor e de zelo dos nossos mais velhos, injustifi cavelmente seguidos por nós,

E de tal maneira certos, dedicaram-se, em primeiro lugar, ao estudo da lingua geral do novo pais; e, caprichosos, tor naram-se, em pouco, senhores dela, e dos seus segredos e suti-lidades. O que se assim não acontecera, o éxito da sua sagrada missão não seria o notável e proveitoso que a história nos afirma com todo o esplendor da verdade.

Buritiba, senão mais velha, portanto, contemporânea da Cachoeira

Outra cousa não é para ajuizar, como também não é para enveredar por outros rumos, senão pelo que tomaram aqueles exploradores cultos, corajosos, esforçados, agen-ciosos e ativos, e acima de tudo utilissima à nova terra que começava a constituir-se em nação.

Dado nome tão legítimo aquele trecho, onde eterno ale-lúia, frenético e contente, era entoado por todo o campo vir-gem, só natureza, festas que pareciam expôr a Felicidade dadivando das suas maravilhas, teriam logo os seu aspetos essenciais e condições de produtividade ordinárias, para o inicio da ação do espirito religioso do jesuita, com as seguranças de grande futuro. E assim o foi.

Construída e chantada a cruz do costume, consorciada com o extraordinário da região, a atração houve começo. cada hora mais diligente e mais eficaz, ao lume do saber, a pureza da consciência, ao angélico do trato, à santidade da voz, à bondade do coração, do olhar, do sorriso, tudo resu-mindo, homogèneamente, um só bem a evangelização, e em consequência o templo, o arraial, o povoamento, a familia. o amor de Deus, sob uma base única Christo. Nosso Senhor Jesus

Escolhido o lugar, quasi à extremidade do dorso do se-gundo dedo em que aí está dividida a serra, a contar do Léste, feita a necessária derrubada, limpo o terreno, e exa minada, a sua espessura, estabilidade, consistência e resis tência, foi principiada a construção construção da grande igreja, do con-vento, no sitio hoje denominado São Pedro Velho.

De logo o descanso e o repouso reclamariam contra a falta de cômodos. Não titubeariam também as demais ne-

cessidades, e, em seguimento imediato, exigiram as suas provisões.

Atendidas, como é de presumir, foram levantadas as casas indispensáveis, e lançadas à terra sementes de cereais e de hortaliças de pronta colheita, e ajeitados aprestos de caça e pesca.

Construido o templo, com o auxílio também dos natu-raís convertidos, qual deveria ser, dedicaram-no a São Pedro.

Incidiria a sua inauguração com o dia vinte e nove de Junho, data comemorativa deste santo mártir.

Continuaram as obras. Agora as do convento. Depois as da muralha de amparo, começando um pouco abaixo da frente do templo, na orla da escarpa ao Nascente, à direita da descida, marginando o caminho ladeirento, com uma in-clinação de mais de cincoenta graus, pedregoso, onde bá ainda, perfeito, aprumado, um lanço dela, medindo mais de oitenta metros de extensão, com um e meio de altura e qua-renta centímetros de espessura, pedra e cal, obra muito bem feita e solidissima, arrematando-a um abobadado. Esta obra, assim resistente, parece, não se destinava apenas à servidão de suporte, ou para ajustamento da ladrilhagem que a elevação e o fragoso do caminho impunham contra o penoso do trânsito, senão, talvez, a outras espécies e natu-reza de defesa.

Os restos dêste templo, convento e muralha, ficando-nos atrás por tomarmos a encosta norte dêste dedo, encosta ex-cessivamente empinada de mais talvez de setenta e cinco graus de inclinação, na qual, após de descidos, com difficul-dade, cento e cincoenta metros mais ou menos, ou seja o meio da escarpa, eis, dentro do escuro de soturna floresta, um poço e um banheiro abandonados; obra de pedra, cal, cimento e blocos desta última substância, guardando uma água leitosa, diferente de todas as outras do cume e do sopê, mas transparente e bem fria. Derredór, nenhum sinal de existência de água naquele sitio triste e elevadíssimo. Nenhuma planta ou herva aquá-tica, nem brejo ou humidade. Nenhuma depressão nem erosão.

No intimo da mata há vestígios antiqüíssimos de um ca-minho ziguezagueante, de cima até o banheiro.

Esta obra, assim perfeita e perdida, consta de dous qua-drilateros de metro e meio de boca, e metro e meio de

profundidade, em paredes de quarenta centímetros de espessura, feitas de pedras, blocos de cimento, com o embóco de cal, e a segunda camada, ou reboco, de cimento liso. O fundo do poço, cimentado. A água flui, preguiçosa, da parte alta. O banheiro, do lado de baixo, com escada de blocos de cimento, todo de cimento enfim, enfi paredes e fundo onde há um escoadouro. Na parede intermédia, ainda o anel em que se prendia, por meio de roscas, grande torneira de bronze, que achamos atirada fóra, porém sem a chave

O interessante é estar todo este inteligente e reservado trabalho dentro do seio da terra, que foi cavado e preparado para este fim. Acima da superfície, apenas quarenta centímetros, sobem as paredes do poço, porção necessária a evitar a invasão das enxurradas.

A profundidade, seis palmos e meio de água, a sua frescura, pureza e transparência, não obstante, verificamos com admiração, depois de haver o nosso espírito, em tudo ali experimentado o palpitar de séculos.

Continuamos a marcha, árdua e perigosa, em demanda do sopé, onde, com pouco mais de um metro de largura, choroso e tristonho, e de água perene, corre um riachinho. de cujas margens, sem nenhuma área plana, se levantam quasi verticais as duas elevadíssimas escarpas, a que acabamos de descer e a que vamos subir. Uma, a que descemos, do segundo dedo; a que vamos subir, do primeiro. contando-se do Norte para o Sul. De um salto vencemos a margem esquerda da pequenina corrente de água potável. fina e continua. E o primeiro passo dado dali, foi subindo já o arrampadouro. A cerca de quinze metros diretos acima, dificilmente vencidos, topamos um degrau talhado em sentido longitudinal, com palmo e meio de base, o precipício ao lado, dentro de majestosa e espessa floresta, onde não havia raios do Sol, embora o soberano astro, pompeante em céu azul.

Este caminho assim estreito, escondido e perigoso, mas sem nenhuma ladeira, vai ter à margem direita do Para-guaçu, rumo de São Felix.

Tomamos a direção oposta, também mais ou menos plano todo o percurso. O despenhadeiro à esquerda. O riachinho gemendo em baixo. A sombra e o silêncio da floresta, impressionantes.

A cuidadas passadas no aludido degrau, impossível de ser transitado por animais cavalares ou bovinos, salmos a0

Sol Era numa pequena bacia, profundissima, porém de uma fertilidade encantadora. Vinhamos de haver notado, dentro da floresta, uns como restos de obra de pedra e cal, e de ouvir ao nosso guia: Restos de casas é pau que há por ai tudo.

Admiráveis vertentes de água potável, brotando copio-sas, da argila amarelada, sem nenhuma pedra, tinhamos agora aos olhos. Nascente do riachinho a que já nos refe-rimos, era essa rica fonte.

A idéa de, em tempos remotissimos, ter havido al, en-genho de açúcar, nos acudiu de pronto, à vista do apro-priado do sitio e das terras para a cultura da cana.

Por um caminho, aliás cultivado, que riscava, descendo precipitadamente, do cimo ao fundo, onde estavamos, subi-mos, sem exagero, trezentos metros, até o dorso do primei-ro dedo, contando-se do Norte, em cuja extremidade, assalta-nos, o coração e o espírito, a tristeza dos restos de outro templo e de outro convento. Há, aí, pedaços pequenos de paredes e todos os alicerces; e, entre êstes, em toda a ex-tensão do solo do interior da igreja, um montão, certamente resultante da quéda do telhado, sob um lençol de capim rasteiro, e à sombra de plantas, arbustos e arvoretas.

E, mostrando a distância de que está da época atual. além de tudo a que não é possível oposição de leve dú-vida sequér, seculares tocos de corpulentas árvores que, antigamente, foram abatidas para aproveitamento da madei-ra, qual igualmente observámos em São Pedro Velho, no pé dos alicerces, tanto da parte de fóra, quanto da de dentro.

Éste sitio que olha a grande serra Timborá», à sua frente, a Cachoeira, em baixo, a ponte D. Pedro II, atraves-sada sôbre o caudaloso Paraguaçu, todo de poética beleza panorâmica e admirável clima, é hoje conhecido pela deno-minação de Fumal»..

Está, em reta, a dous quilômetros mais ou menos de São Pedro Velho.

A entrada para esta igreja e o convento, e sem dúvida para a Casa de Misericórdia, era por um portão a pouca altura de São Felix. Lá estão os dous alentados pilares, arrematados em fórmula de pirâmide, conjungidos por sin-gelo frontão encimado por uma peanha quebrada ao meio,

mostrando houvera ali uma cruz que fôra violentamente retirada, como também assim aconteceu no aludido portão. O caminho escabroso que vem de São Pedro Velhe, lado direito de quem subir, partindo do pilar direito do portão, estende-se solidissima e bela muralba de

vedação, aprimorado trabalho de cantaria, numa linha direita de mais de oitenta metros de extensidade. Esta custosa obra mede dous metros e meio de altura, com acabamento abobadado, feito de certo betume de quartzo, on cousa que imite; e, de espessura, quarenta centímetros.

O tempo ainda não eivou nem eivará em poucos séculos a sua incolumidade.

A medida das bases desses dous templos é: São Pedro Velho trinta e cinco metros de comprimento, quinze de largo, em paredes de pedra e cal, com sessenta centímetros de espessura, a cujo fundo, vimos, e lá estão, rente com o solo, os fundamentos das paredes delimitadoras das celas. Fumal quarenta metros de extensão, por vinte de lado a lado, em paredes de sessenta centímetros de largura, de pedra e cal, obra e materiais iguais aos do de São Pedro Velho».

Há, que ainda não ruiu, uns dous metros de restos de um encontro de paredes a um pilar, formando canto, no templo do Fumal, donde conseguimos deslocar um pouco do revestimento, dependendo algum esforço para tanto.

Fóra, o denegrido do tempo; interiormente, que alvura!. que pureza de cal!

> Mostra duas camadas. A primeira, posta sobre as pedras e rípios da parede, ligeiramente áspera a segunda, sumamente lisa e alva, qual se fóra de apurada tapióea. A interna, com um centímetro de espessura e a externa, com meio. Causa absolutamente estranha nos dias correntes, pela qualidade e feitura.

Não obstante fabricados por processo talvez inadequados ou de ocasião, em assunto de solidez e resistência a maior, não seria possível desejar relativamente a telhas e telhas.

Os primeiros, dos quais há ainda alguns perfeitos, mostram argila de que foram produzidos, rica de óxido de ferro e das demais substâncias necessárias à resistência, leveza e durabilidade, deixando-se ver também grãos de areia vitreos. As segundas, de que somente há pequenos pedaços, eram semi-circulares, de cor branca, muito fortes, coradas

de encarnado na parte convexa, por processo especial, que lembra o verniz da idade-média, dado nas suas similares.

Fumo ou vapor de certa substância ou substâncias, tão finamente praticado, produziu esse verniz ou esmalte que não penetrou no corpo da telha, o que positiva também a ausência de matérias calcáreas na argila da sua fabricação.

A areia empregada na argamassa, quartzosa, contendo óxido de silício; a cal gorda apagada, e a argila gomosa, numa dosagem que a tornou aderente, e indócil a fendas, como convém aos grandes edifícios.

Nas proximidades destas últimas ruínas, ao correr de escavações à busca de ouro e dinheiro sonhados, encontraram-se alicerces de edifício de vulto, soterrados; e uma sepultura em forma de forno, com, entre outros o8808 humanos antiqüíssimos, parietais, frontais, fêmures e tíbias. Seria a Casa de Misericórdia?...

De São Felix a São Pedro Velho, vão aproximadamente dous quilômetros de caminhada num chão muito íngreme e apedregulhado até certa distância.

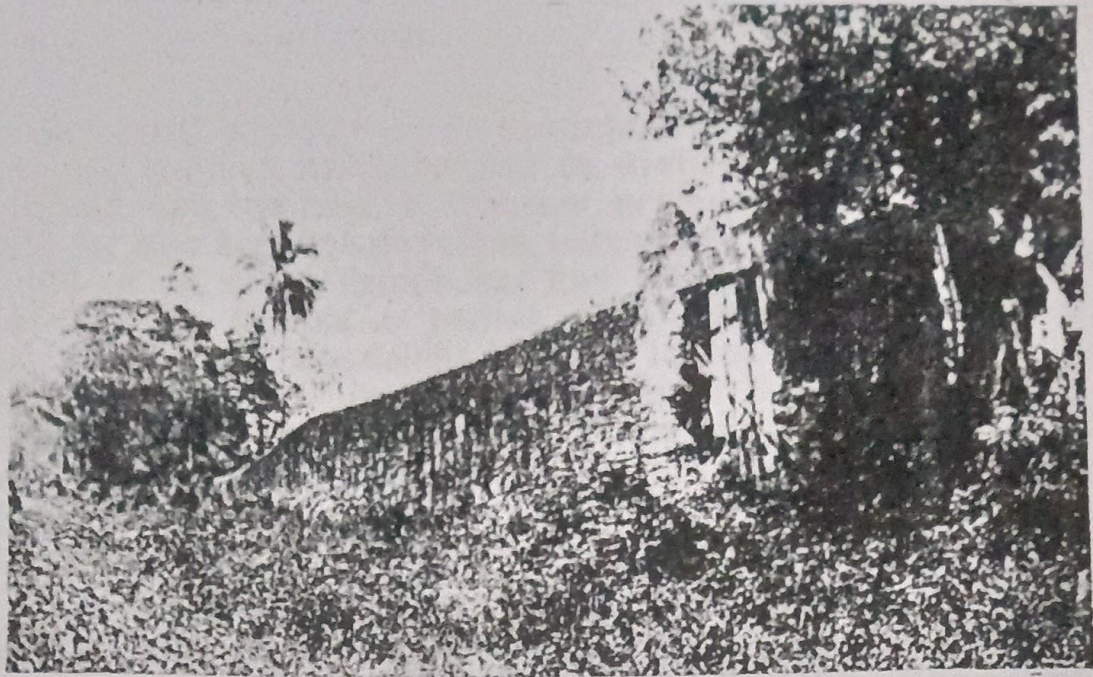
Este caminho, assim enladeirado, tem a denominação de Ladeira da Misericórdia», e em São Felix nunca jamais em tempo algum houve Casa de Misericórdia. Quer isto parecer houvesse tal estabelecimento no alto, em Buritiba, o que fazem certo os massiços de alvenaria a que aludimos.

Causa reparo não haverem tais templos, e estabelecimentos, merecido zêlos de conservação, nem sequer a atenção da imprensa, principalmente da cachoeirana, tendo-se na máxima estima os seus grandes heróis nas letras jornalísticas.

Vetustos destroços de alegria, trabalho e vida a serviço do bem, que insinuam logo na alma do visitante ari-queza que foram e ostentavam, os destes templos.

E lá estão êles entrelaçados de floridas trepadeiras, flores salpicos de um amarelo morto, exalando-se no ar, fonte de saúde, num débil aroma que não delicia, mas abate; porque é só recordação de belezas mortas, de bens perdidos, aos horrores infernais da tirania, da impiedade, da matança, do incêndio.

Unindo-os destes carinho, põe elas o íntimo da gente a lhes sentir numa angústia de defesa impossível, porque lhes



✓ *Muralha e portão do templo e do convento do Fumal.*



Restos do templo e do convento do Fumal.



*Muralha e ladeira da Misericórdia, caminho do templo
e do convento de São Pedro Velho.*



Restos do templo e do convento de São Pedro Velho.

não devassem o tristuroso do seu infortunio. Arvoretas entre restos de troncos antiqüíssimos de árvores criadas já sôbre as ruínas dos templos, e arbustos armados mais de agudos espinhos, que ornados de folhas, todos como em guarda, acau-telando-os de mãos criminosas que não cansaram ainda de lhes deslocar tejos e pedras para comércio. Por outro lado, parecendo apadrinhá-los do impenitente alvião do Tempo, porque éste invencível demolidor the não destrua os derradeiros nadas, deixados dos maus para eterno castigo dos seus desprezador não menos perniciosos que os fur-tadores do seu material, senão mais, por que deram ensejo e consentiram; e é a sabedoria antiga que assim julga.

A imagem languida da Tristeza, desconsolada e impres-sionante, em toda a plenitude da sua pungência, manifesta-se à alma que que pouse diante desses restos sagrados, no seu tran-qui-lo doloroso das rufnas seculares.

A sua face, a natureza expõe éste quadro conster-nador: Os monges humildemente ajoelhados; o rosto ris-cado de amarguradas lágrimas; arguradas lágrimas; mãos postas em súplica; os olhos, dous esguichos de fé e confiança, num olhar de suma beatitude, cravados no céu; os sicários a desferir-lhes o golpe de morte; os templos em chamas pavorosas; e dos lábios das vítimas inocentes, qual nos de Jesus, escapando: «Perdoai-lhes, meu pai, porque não sabem o que fazem.»

E tudo como a advertir que há grandezas para haver ruínas, pó e nada... que no abrolhado roteiro da vida hu-mana não há flores imarcessíveis... As mais belas per-fumam um instante, para logo murcharem, despetalarem-se, desaparecerem.

As alegrias de ontem mudadas tão soturnamente nas saüdades sem remédio, geradas da desgraça de hoje, nos ápices do seu intimo premir e constante abater.

Do ninho dessa dôr, que é o local das igrejas e dos conventos desaparecidos, e, certamente, da Casa de Mise-ricórdia, o espírito espírito encanta-se encanta na poesia de ampla vista pa-norâmica, embora sob a cruciação da mágoa: serras pró-ximas e serras distantes, as palmeiras reais e a torre de Belém; a cidade heróica; a grande ponte metálica D. Pedro II: velas brancas de embarcações pequenas que vão e que vêm. e a majestade do Paraguaçu, em toda a sua imponência. espelhando o céu azul.

Hoje, vizinho próximo dos restos da igreja de São Pedro Velho, existe ainda o casarão de estilo colonial, da fazenda

em que se mudou aquele sitio. Este casarão que foi cons-truído desde os seus alicerces até a altura das janelas, de pedras dos restos da igreja, está em ruínas há longos anos.

A comunicação entre os padres de cá e os da Cachoeira, éles a praticavam por meio de sinais convencionados. Du-rante o dia, o faziam por meio de bandeirolas; à noite, por meio de lanternas de côres.

Da população indigena desta plaga, a falta de informes é absoluta entre nós.

Sabemos, entretanto, os nossos mais velhos designavam os tapuias pelo alcunha de caboclos. E há um rasto de uma das suas tribos nas proximidades do distrito de «Geolândia », antigo Jordão, neste município, uma pequena lagoa deno-minada ada do Tapuia, além do fato da habitação hab dêles no interior.

Há conjecturas de que êsses indios, por necessidades naturais, e ainda forçados pelos tupis guerreiros, abandonaram as regiões de cá pelas do Oéste.

E' certo que os tupinambás os venceram e aos tupinais, e se assenhorearam do norte da Bahia; e é certo, outro-sim, que Paraguaçu, filha do cacique dessa grande nação, nasceu em 1503, acontecimento êste que límpidamente evi-dência não seriam já a êsse tempo os tapuias, senão os tupinambás.

As margens do Paraguaçu eram da mesma fôrma ha-bitadas pela nação dos Paraguás, que se teriam defendido, afugentando-se também dos valentes invasores.

Adeante daremos algumas amostras de usos e costu-mes, e de vocábulos regionais, ainda neste momento nos-sos, que poderão oferecer a ponta da meada para o desco-brimento dos primitivos dêste meio do baixo Paraguaçu.

E' dos nossos antepassados, ouvida atenciosamente da circunspeção dos seus avitos, a informação de o motivo do lastimável abandono daquele antigo tempo e convento, consagrado ao principe dos apóstolos e ao seu culto, O es-tar em haver a imagem dêle, repetidas vezes, desaparecido do seu altar, indo a aparecer, onde está hoje a matriz; ali construída em satisfação à vontade santa; e, em conseqüên-cia, abandonada a igreja velha pelo seu próprio orago.

Não foram fiéis os antigos informantes dos nossos avós. Se duas são as igrejas; dous são os conventos abandona-dos!... Uns porque o seu padroeiro achou bom assim, e os outros?...

A causa determinante do abandono de uns, como a ra zãõ induz a asseverar-se, forçou o dos outros que des cansavam vizinhos no mesmo sitio, quási ao alcance de um grito.

Se a São Pedro não conveio permanecer naquela sua igreja, e a deixou; não havia, por isso, motivo para a outra e o convento serem desprezados. Continuariam com exis tência. E, se, porventura, viessem depois a ser abandona-dos, os seus restos dariam provas disso, o que não ofere-cem; mas as de que sofreram o mal concomitantemente

Onde as alfaias, paramentos, imagens, sinos, documentos de posse e domínio de terras, tudo?... Onde a noticia do seu paradeiro?... Onde a informação das ordens a que pertenciam? Qual ou quais os portadores dos títulos de alienação dêsses haveres?... Onde o madeiramento, portas. guarnições, janelas, caixilhos? Éstes o incêndio reduziu a cinzas, acabaram-se.

Convenhamos que o exposto é a revelação de crime execrando e horrendo, que o inculto e o nada da popula-ção daqueles tempos, por isso mesmo, deixaram apagar. perder-se.

A calamidade corsária, herética e perversa que satanicamente, em 1624, cravou os colmilhos e as garras aguçadas no coração da Bahia, e fê-la presa de sede de sangue e fome de ouro, não se limitou à capital, estendeu a sua no-cividade atroz, cruel e devastadora, até as povoações interiores, matando, saqueando e incendiando, como sabemos o fizeram também, depois, em Pernambuco; daí, naturalmente. a desgraça dos templos e conventos, e da Casa de Misericórdia, dos dos quais nos ocupamos, pelo assassinio, o saque, o incêndio.

Naquele ano infortunoso, uma venenosa mistura de elementos heterogêneos, isto é, calvinistas, luteranos, judeus e o que mais danoso é possível em ação, cujos hediondos fins eram o assalto, o trucidamento, o saque, a devastação. e arma favorita o fogo, após de haverem atacado inopinadamente e arruinado a cidade, inundado de sangue ino cente o seu solo, desde o berço do recém-nascido ao leito da velhice enferma, incendiado, perseguido de morte o velho bispo Dom Marcos Teixeira e outras figuras importantes do episcopado, da política, e em geral, que fugiram ao suplicio e ao degolamento, abandonando tudo à sua insaciável gana assassina e larápia; de haver matado traiçoeiramente o seu chefe, porque este se pensara uma vez humano entre as

suas vitimas, e de haver lançado de si a responsabilidade dêste crime infame e imensamente miserável, a um pusil usil-nime, que, vencido do medo de morrer, a aceitou, e dela fez nime cabedal, depois de toda esta nigérrima série de ignominias nauseantes e infernais, dividiram-se por diversas regiões rurais, aqueles queimadores de igrejas, como eram conhecidos, assolando, arruinando, saqueando, degolando, incen-diando, começando por Itaparica, indo terminar em o último ponto do Paraguaçu navegável.

Eis soando a hora tremenda da destruição completa daqueles templos e das vidas que, servindo ao ensino, à pobreza, a Nosso Senhor, os habitam:

Ei-los, quais lobos famintos, pisando o chão da margem direita do caudaloso rio, onde hoje está a cidade de São Felix. Ei-los feitos em dous lotes, impelidos pelas chamas da ânsia de grandes riquezas, vencendo o escarpado fragoso da serra Buritiba, contra a inocência e a paz do alto. Ei-los às portas dos templos e dos conventos! Horror!! Feras es-faimadas!, sedentas!, luciferianas!

Herejes, piratas, celerados, inimigos rancorosissimos da cristandade católica, abutre e pomba; nba; ovelha e lobo, que não teriam perpetrado tais sanguinários, com superioridade de forças, armas, de cobiça, Intimo tigrino, com as seguranças da impunidade, com a certeza de muito ouro, descrentes do inferno, contra sacerdotes, de braços cruza-dos, entregues a Deus, Le filiados à Igreja cristã católica, condenada dos seus ódios indomáveis, dos seus instintos insaciabilissimos de lágrimas, de sangue e de ouro?

E' caso de responder-se como Varnhagen, quando perguntado sobre o proveito restado ao Brasil, da invasão de tal praga: «Só ao pensar nela, como que acometem os nossos ouvidos, os lamentos de tantas vítimas, chorando a perda dos seus parentes, dos seus bens, e até alguma da sua própria honra. Dá até vontade de chorar com elas».

Monstros que mataram, que vinham matando a serviço do mal contra o bem, contra o amor, a caridade, as virtudes todas afinal, e certos da exigua duração da sua tirania, alheios às verdadeiras leis de Deus; por isso que se jactavam sacrilegamente titulados de governadores das liberdades di-vas, cientes da inexistência das humanas contra os seus nefandos crimes, encorajados de revoltante cinismo contra a nobreza, não é possível de cálculo, por incomensurável, a torpeza e a désértica aridez do seu espírito crudelissimo. Adentrados na infernalidade do seu pensamento dominante

destruir, iliminar, enriquecer. Flamejantes de ambição, de fereza e de vícios. Impados de ódios nas cristas negras do rancor, sem temores 'de Deus nem da lei, dentro de dous templos e de dous conventos, considerados obstáculo, bar-reira aos seus triunfos diabólicos, onde sómente uma enti-dade havia em oposição à sua desenfreada sanha infernal, aos seus repu repugnantes fins matar e incendiar, e alvo da sua terrível inveja a Inocência, como praticariam?

Medonha onça faminta, sôlta dentro de cerrado aprisco, entre insontes ovelhinhas, remotamente daria idéa de se-melhante calamidade?

Massacraram, martirizaram, sangraram, decapitaram, es-trangularam; despedaçaram imagens de santos, destruíram altares, sacrários de relíquias, púlpitos, quadros, mármore; arrombaram, devassaram, rapinaram, incendiaram, e se foram carregados de valores, e leves de remorsos, mergulhados nos negrumes pesados das trevas horrorosas que geraram, entre gargalhadas sarcásticas, recordando o repungente dos ais e dos gemidos, o rechinar da carne das suas vítimas ao fogo, imaginando-se aos fulgores do Sol, como se o Sol, as-sombrado, se não houvesse refugiado detrás de alguma nuvem pasmada de horror da pavorosa tragédia, de cujas nefárias cenas, eram eles, malditas e asquerosas personagens.

O Sol horrorizou-se, e se escondeu, como o fez a Atréo, quando éste, por se vingar de sua mulher, espedaçava o filho.

Tudo que era sonho, amor, esperança; tudo que habitara ali, e era fito no porvir, acabava de desaparecer, para a inaquilatável desgraça de sómente agora haver lembrança, e lembrança esmaecida e fraca, fruto de imaginação talvez Incapaz de cumprir tal dever como êle deve ser cumprido.

Detenhamos o passo neste penhascoso caminho, para que o coração se não renda ao império da dôr e os olhos. ao domínio das lágrimas.

Não há dúvida, Belém viéra posteriormente. Veio depois. Tudo autoriza esta afirmação. Tudo, e limpidamente.

Vejamos.

Se de tal semblante não acontecera, e fora êle do mesmo tempo dos templos, dos conventos, da Casa de Misericórdia de Buritiba, ser-lhe-ia igual ao dêste o seu destino: o acabamento pelo fogo ateadado da ferocidade herética ho-

kandesa, 1624, tão próximo, e tão aos olhos estaria, que the seria impossivel escapar à sanha destruidora.

Mas, apesar de bastante êste argumento, não é só Hã outro mais poderoso ainda o silêncio do Peregrino da America no seu Compendio Narrativos, sobre tais estabelecimentos, por todos os aspetos merecedores de apreciação, assim o do ato que a erigiu em matriz.

Sua passagem pela Cachoeira deve datar de 1603 a 1725, e o fato de nenhuma referênciã ao lado de cá, prova, cabalmente, já a essa época destruidos os templos, tudo, e estarem os seus restos escondidos dentro do silêncio da floresta renovada de quãsi, ou de mais de um século.

Estivessem êles lá, edificios ou ruinas, nas suas magnificas eminências claras, frescas, sempre livres de morbosidades. olhando o vale, o Paraguaçu, como sem nenhum embargo olhavam, seriam, forçosamente, olhados do vale e do rio, eles ou as suas ruinas; e por isso mesmo, da embarcação em que pernoitãra o Peregrino.

Assim aos seus olhos, este lhes não negaria uma visita, ou uma referênciã, qualquér, no seu livro, tal o fim da sua jornada. visitar os lugares sagrados, e aconselhar a boa moral religiosa.

O martirio de Belém ocorreu em 1760, sob a tirania de Sebastião José de Carvalho e Mello, marquês de Pombal. vencedor da nauseante lazeira moral do seu rei. rei que The franqueou o espinhaço; e, êle, dêsputa, prendendo as chilenas de rosetas bem amoladas às botas. botas, ao punho o chicote, tomando às mãos o freio, o cavalgou; e lhe riscando os ilhais, e castigando as ancas, deu largas a sua létea crueldade açoutando, quebrando pernas e braços, para depois dêste horrendo suplicio, matar; queimando vivos, enforcando, degredando, tudo sem distincção de sexos, idade, estado, posição, enfermos, inocentes ou não.

Digressionando, todavia, pensamos não de todo supérfluo êste sôpro sobre as cinzas deixadas da perversidade encarniçada e hediondez do Nero português, de instintos mais féros que que o romano.

Ao imperador de Roma, sen homônimo neste ajustado apelido, bouve um dia o desejo de não saber escrever. quando presente à sua assinatura uma sentença de pena última. O sanguinário e o feróz do íntimo do Ministro de dom José 1. de Portugal, nunca, de raio que fosse, logrou solução de continuidade

Pombal sôbre o tigrino cougênito e a onnipotência, era encharcado da doutrina de Hontheim, de cerrado combate ao poder temporal dos papas, incendiado da inveja da ação, do saber e da grandeza dos Jesuitas.

Voltemos ao nosso assunto principal, deixado.

Abandonado aquele sitio, que depois veio a ser cha-mado São Pedro Velho, foram, sem tardança, iniciadas as obras da atual matriz, em cujo local, havia algumas casinhas já, e água boa em fonte próxima, melhorada pelos padres que apossaram dela, e dela se utilizaram; e dai ganhara o nome de fonte dos Padres, como é ainda conhecida.

As casinhas aludidas, e outras que se levantaram depois. das quais existem algumas, não raras, com a mesma feição antiga portas baixas e largas, ombreiras largas, de âmago. sem alizares, ou outro qualquer revestimento, janelas pe-quenas quadradas, sem nenhuma simetria no tamanho nem na distribuição e colocação, beiral largo, sempre de nove até doze palmos de altura, paredes de adobes de peso de trinta a quarenta quilos, muito resistentes, comieira, de mais de palmo de face, terças e vigas de pau-de-arco, caibra-mento grosso, de maçaranduba, ripagem de lascas de estipite de buri, cedro, telhas semi-circulares, caboelas, gigantescas e fortes; esteios, pés-direito, ombreiras, batentes e soleiras de pau-de-arco ou itapicuru, portas e janelas de cedro, sem nenhuma pintura, piso nu, quintais imensos, ora em tôrno. ora estendido no fundo.

Entre as que tinham quintais derredor, estilo que parece patentear conhecimento da carta do governo português, em 1552. a Thomé de Sousa, na Bahia, recomendando fizesse construir a casa episcopal num sítio em que tivesse ela em tôrno de si. um chão para quintal e jardim, houve, e foi de-molida, a que por tudo dava idéa de mais antiga, e pertenceu a antiqüíssima familia Dias de Gusmão, sobrenome éste mais de portugueses que nosso, antigo e de raro uso entre nós, da qual conhecemos como chefe Alexandre Dias de Gusmão, sexagenário, vitimado estúpidamente com dois tiros, tomado por agressor, quando se esforçava por evitar o suicidio do espôso da irma do assassino, a qual o chamara ali, para que se não consumasse a desgraça, isto é, o suicidio.

Éste curioso casarão distinguia se entre tudo que de mais antigo havia na paróquia: e, por certo, anteriormente a ela

Mediria quinze palmos, no máximo, de altura, com cerca de sessenta de largura.

Tinha, na frente, largo telheiro sobre esteios uma porta, baixa e larga, no extremo esquerdo no outro, uma janelinha quadrada que mesquinamente clareava a vasta sala de jantar, servida sómente por uma portinha para o quintal

A sala de frente era ocupada por duas armações de uma em fôrma de armário, a outra, em arco, alta, quasi ao telhado, sobre colunas de madeira, gigantesca. presépio, tomando uma das paredes laterais e metade do espaço da sala que não era pequena.

Duas janelas abriam-se ai, para o Nordeste. O piso nu e cavado do officio das vassouras. Portas, ombreiras, janelas. sem nenhuma pintura, nem revestimento outro qualquér.

Os velhissimos restos da caiação da parede da frente, o chanfrado da corrosão da água caída das goteiras, com mais de metro largura, assim assim de profundidade, e alguns vestigios de tinta azul nos póros e fendas da madeira do grande portão de almofadas toscas, e muito salientes, assen lado entre árvores da cerca, no alinhamento da rua, atesta vam-lhe de maneira insofismável e fundamente impressio-Dante, venerabilissima antiguidade, de cujos restos conse-guimos dous pedaços de ripas e dous pregos que num deles via, tipo de três séculos atraz. havia.

Singular era também a sua colocação: olhava de frente para o Sul, e tinha o fundo para o oeste. No quintal havia entre muitas árvores de fruta, jaquei ras monstros, cujos troncos exigiriam seis braços para os abraçar.

Quais foram os nossos primitivos habitantes, isto é, aborigenes, não nos ajudou a graça colhermos qualquer informação respeitante, digna de confiança.

Das superstições e preságios valem ainda o crocitar da coruja moradora em igreja, como aviso de falecimento na casa em cuja cumieira pousar e soltar a tristonha voz; uma ferradura caída do casco esquerdo de cavallo, veda a entrada do sujo, se pendurada detrás da porta principal de qualquer casa; num terreiro, se uma galinha bater asas e cantar de galo, morte do dono da casa a que ela perten-cer, ou grande atraso; se de sola voltada para o ar é dei-xado qualquer calçado, volta a sorte do dono, de boa para ma; dormir com os pés apontando para a rua, é agourar-se

chamando a morte, grilo vermelho em casa, não se mata. é sinal de dinheiro a entrar; se a Lun nova apresentar-se com as pontas voltadas para o Norte, chuva certa; se para o zenite, falta de chuva, topar o pé esquerdo, mau sucesso. ae o direito, éxito seguro, saltar cabresto de cavallo on burro, é proibido as mulheres, por evitar partos difieeis, ou a infecundidade; dez reis de

bronze posto na boca de assassinado e éste depositado de borco no caixão, e assim nendo sepultado, empaca o criminoso, e dal a segurança da sun prisão.

Na caça e na pesca eram usadas a arapuca, o arco, a esparrela, o fojo, o laço, o mundéo, o visco; o anzol, o cęsto, o jèrèré, o jiqui, o munzuá, a tapagem, o tingui, etc..

Entre as vozes idiomáticas ouvimos e possuímos ainda airiri, buri, dende, juçara, ouricuri, pindoba, ticum. etc..

que são palmeiras; claraiba, ingá, Jacarandá, paralba, piquia, putumuju, sassafras, talpoca, etc.; árvores de madeira de marcenaria; amargoso, amora, aroeira, braúna, Itapicuru. Jaqueira, maçaranduba, pau-de-arco, pau-roxo, sapucala, sicu-pira, etc.. etc., de carpintária e de cęrca, candela, jurema. quixabiuba, etc., animais de caça caitetu, capivara, catin-gueiro, (espécie de veado), cotia, maracajá, paca, tamandun. tatu, tein, etc; aves araquan, codorna, inhambu, jacu, juriti, pato, perdiz, zabelê, etc.; pássaros de canto gru nhatá, sofrê, etc.; abelhas de mel, jatai, mandaçáia, mun duri, tubi, uruçú, etc.; peixes de pesca, acará, acari. (armado de aculeos) crumatá, jundíá, mandi, (armado de acúleos) plau. pirá, piracuca, (armado de aculeos) aculeos) traíra. (dentes agudissimos) etc. serpentes venenosas, crótalo, jararacas, jararacuçus, surucucus, etc. coral.

Ai está uma série de elementos capazes de abrirem caminho conducente ao ponto aspirado.

Os seus terrenos, regados por dulcifluas águas, dolci-fluas e fertilizantes de natureza, sempre dóceis ao amanhã: sempre liberais no produzir, não raro, prodigamente, em geral, dão coragem e alegria ao lavrador.

A jaboticaba, a pinlia e o umbu são das frutas das suas cátingas, as mais estimadas.

O umbu è alimento providencial para o gado vacuum. nas estações sécas. Aumenta consideravelmente a lactação: porém, com o defeito de precipitado certo à fervura. Corta, como dizem os vaqueiros. Não Não importa esse inconveniente, porque nenhum dano causa ao bezerro.

sabável e deleitoso creme, diluida em leite cozinha-do frie, a polpa on o cumo do umbu Esse prato saborido delicioso, tem o nome de umbuzada, ou imbuzada, éste nas falas do catingueiro. Qualquer flor conhecida, estrangeira ou não, como cra-vos, dalias, gerberas, jasmins, margaridas, rosas, na quási totalidade das suas espécies, saüdades, é comum nos seus jardins; em cada um, cada qual mais bela, mais vivo o seu

aroma. Arbustos de cheiro, fętos de ornamentação e eras, plantas e raizes medicinais e alimenticias, e gramineas de cheirosos e salutiferos. enriquecem-lhe

Pássaros, tem-nos lindos, verdadeira beleza calicrômica, e na variedade da música do canto, legitimo encanto.

O caboclinho, o canário, o cardial, o coleira, o curió, etc., enchem-lhe de binos as madrugadas.

A garça, a marreca, o pato, o paturi, a saracura, o socó, etc., enfeitam-lhe as aguadas.

São-the poesia as pombas. Acrescentam-lhe o encanta-mento das abertas, arrancadores, brejos, capoeiras, jardins, pastos, pomares, roças, tableiros, de toda parte afinal, quanto ha de mimoso em beija-flores, besourinhos, borbo-letas, tudo ao entono da fartura, da saúde, da liberdade. Ranideos comestíveis, outros com artificios de defesa no rápido da mutação do colorido, confundindo-se com a cor do pouso, pondo-se destarte a salvo da maldade inimiga, além dos magnetizadores.

Árvores de frutos de tocarem às raias da imprevidên-cia e do desperdício. Alvejam-se, douram-se, ensangentam-se de delicadas flores; embelezam, aromatizam, dão mel e frutificam nesta mesma excessiva proporção.

O terreno ubérrimo, mais perto do céu pela sua ele-vada situação; o Tempo muito amigo, zeloso e bom; o ar, virgem de impurezas como foi criado; o fruto aos alagos de todos estes divinos bens, como se milagrosamente fora, aumenta de pêso dia a dia.

A resistência dos pedículos, dos galhos, dos troncos na sua natural paciência em se porem a seguro, para a carga e para o vento, seguem de longe o avançar maravilhoso dos pomos, ainda que reçumantes de viçor.

Os aliseos e os zéfiros, ó delicia os seus beijos adoran-dos! Como éles, os frutos e os galhos, contentes, se deixam ao seu meigo embalar!

Lá chegam, porém, as lestadadas, o sul, numa loucura amorosa, cegos a sua mimosidade, e caem, assim, loucos, sobre éles, e, de volta, lá se vai para o chão, com os seus frutos, parte destes galhos, promessa que fora de um ama nhã copiosidade de doçura e gozo, sem, todavia, o malé gro das grandes safras,

Entre a notável multiplicidade dos seus frutos, sempre muito agradáveis aos olhos, ao olfato e ao paladar, como úteis à vida, encontram-se o cajã, o genipapo, o maracuja, de cuja maceração alcoólica resulta delicioso licor. O cajú, que além da ação medicinal, da cajuada, de dar vinho e compota saborosos, tem a castanha que produz óleo e man teiga e o caule, resina. A jaca varia de dous a quinze quilos de peso, de bagos graúdos ou miúdos, de polpa mole ou de polpa dura, de ambas estas espécies mui estimadas como alimento do homem, do boi, do cavalo, do porco, etc.. de cheiro e sabor deleitosos, da apreciável doce. Tem os caroços inódoros, pardos, de fórmula ovóide, do volume de uma azeitona, e como esta variável no tamanho, que, cozi-nhados, limpos do endocarpo, ralados ou pisados, e reduzi dos a massa, sôbre outras serventias como alimento, se pres-tam á fabricação de gostosos bolos; assim, secos ao sol, e depois torrados, ao fogo, servem-se ao café, como biscouto.

O generoso das terras buritibanas, e o fidalgo das mer-cês de Pomona, tocam à produção de hortaliças, flores e frutos estrangeiros, tais sejam a ameixa, o jambo, a maça. o melão, etc..

A cabra e a vaca de leite, à ordenha, satisfazem com vantagem, não sómente na quantidade, senão ainda na qua-lidade do produto, sem nada de hostil hos ao paladar, porque em os nossos

pastos não existem plantas amargas que o gado se alimente delas; mas capim e outras que lhe enriquecem o leite de lactoglobulina e manteiga, especialmente.

O milho, que riqueza! Amido, azoto, gordura! De mil modos excelente alimentação para o homem, para o gado cavalariço, suíno, e galináceos Nenhum alimento supera o grão seco deste precioso cereal. Como forragem, a folha, a cana, a palha da espiga, o farelo, que os criadores bem avisados enfardam e armazenam para as quadras de seca, são de grande desabafo.

De mil modos também a mandioca serve ao homem e ao seu gado: a folha, a haste, a raiz, a raspa, o tóxico.

Tudo muito fácil e muito barato de consecução.

O agreste, o árido, o bravio, o estéril, o indocil, o infe-cundo, o imprestável, o salário é-nos desconhecido, como as soalmeiras, as torreiras, as geadas, os frios fortes o são também. Pragas e doenças, do mesmo feitio.

O homem interessado por viver bem, onde, nas terras de Buritiba, encontre rancho, deve tomá-lo sem receio de fracasso, Ser-the-ño sempre à mesa a fartura e o saboroso: no espirito a alegria e a paz, a saúde ao coração,

O destino especial da natureza do seu arejado e cheio-seio. é fortalecer e alegrar, alegrar e acumular

de bens. Parece cousa de prodígio: mas assim é que é. Não vejamos, por parecer muito, pouco de verdade nestes no5808 gabos, porque, se houver quem diga mais, não dirá talvez o inteiro dela

De notável majestade seria a sua igreja, se fôra concluída. As suas vastas dimensões, cinquenta metros de comprimento e vinte de largura, o dizem de fisionomia indistigável. É alta. A base dos seus pilares mede metro e meio de face, as paredes, um metro. Juscelino é o seu estilo.

Tem três grandes portas e cinco janelas de frente. Está assentada a orla sul da planura, olhando para o Poente, com a fonte dos Padres, de que já tratámos, ao lado sul. em baixo.

Dois grandes torres completariam o suntuoso da sua bela fachada. As avantajadas proporções do seu todo, o considerável tamanho do seu relógio, do qual há peças ainda. e o de seus sinos, hoje, todos fendidos, espalhando, à percussão, ao revés de som, um ruído estranho e triste, possuíam a hipótese de grandiosidade e alto custo. No chão, imprestável, encontra-se um desses sinos, com a data e inscrições outras ilegíveis, por carcomidas.

Uma das suas torres foi construída, e desabou às cinco horas da manhã do dia 31 de Maio de 1837 em consequência de ligeiro tremor de terra sentido às oito horas da noite de 30.

A escadaria que conduz ao côro, pelo grosseiro da sua feitura, atesta transitoriedade, e que, a definitiva, se não chegou a fazer.

Vimos-lhe plantas vicejantes no telhado. Denegridas de pátina e limo, e corroídas as paredes externas

O frontespicio muito estragado; e a cruz que là se erguia, sem braços, membros que thos arrebatara forte ventania acompanhada de trovoadas, em 2 de Fevereiro de 1888.

Eram, ao fundo, começadas as obras de grande sacris-tia. Paredes e arcadas que foram destruidas, por parte do vigário Olavo. As primeiras até certa altura, e o local transformado em sepulcrário. Hoje a decência ordena calar no que está reduzido.

Um dos corredores teve a sua grossa parede levantada até quatro metros acima do nível do sólo; o outro nem si-quér foi iniciado.

Fóra da capela-mór, tudo era nu, teto e solo. Neste. havia fundas depressões e muitos mármores sepulerais.

O altar-mór, a cujo pé repousam os restos do sacer dote que assinou a licença ao padre João do Monte Olivete Paiva, para em 9 de Julho de 1847, batizar e pôr os santos óleos ao Cécéo das Cabaceiras, era riquíssimo então, riqueza a que a falta de alma, de gosto do belo, casada com a incu-ria, deixaram o carcome destruisse.

Os laterais cairam pouco do bonito da sua singeleza. Em um deles está ereta uma imagem de N. S. do Rosário. com cerca de 400 anos, verificados, na Capital, por honesto e entendido encarnador, a quem föra enviada para a reencarnar, o qual a devolveu, aconselhando fosse conservada a sua encarnação antiga, pelo valor histórico.

Toda a extensão do seu corpo interno até o suntuoso e grande arco, com proporções para conter mais de mil fiéis, é revestida, numa faixa de pouco mais de métro, de lin-dissimos e preciosos azulejos, compondo quadros de real valor histórico da vida de N. Senhor Jesus Cristo.

Não sabemos, porém, da existência de obras de talha, nem de pintura.

Sucedeu-lhe, assim, inacabada, como à de São Francisco, na cidade do Salvador, cantada a primeira missa.

Aquela, à qual não carregava o destino cruel da de cá. não tardaram os recursos, frutos de espiritos bons, e cedo teve concluídas as suas admiráveis obras, que logo se tornaram na raridade sobremaravilhadora que são atualmente. e serão pelos tempos adiante, cada vez mais atraentes, mais admiradas, mais encantadoras.

Prata. Muita prata nos seus recessos! Arrobas!! Es-vaziada, abrigo de aranhas, empoada e pobre, a velha e

arca de grande peso, com a sua resistente couraça deferte que a guardava e resguardava, lá está Muito e lino ouro de alto quilate adornava as suas vallosas imagens de alto merecimento escultural, e os seus paramentos A corda, o rosario e os colares da Virgem Santa, de grande tamanho: o gladio e a balança de São Miguel, simbolo da retidão da justiça de Deus; o cajado florido de São José: o calice, a custodia, magnifica pelo volume e pelo primor de artr, os cardilhos do pátio; que raridade! quanto ouro! A saída de viatico, é cerimonia expressiva!, ó im-ponência! Que beleza comovente que entranhada veneração!

A irmandade que, qual a das Almas, a da Con-ceição, a de «Jesus Maria e José, possuía regular patri-mônio em dinheiro, prata, ouro e terras, sobre a la do traço respeitoso, a séda encarnada da opa, se acabou

A campa, o incensário, a naveta, a caldeirinha, o his sope, a grande cruz, lanternas, tocheiras, as varas alentadas do riquíssimo pátio, e a da rica umbéla franja da de ouro, ó primores tistica! de fina prata lavorada, de supernal beleza ar-

Debaixo de custoso sobrecéo, sómente seda, purpura, prata e ouro, o sacerdote, todo unção e amor santidade, conduzindo pela rua varrida e alcatifada, regorgitante de devotos, carinhosamente aconchegada ao coração a vali osissima custódia de ouro, encerrando entre as suas cândidas lánimas do mais caro cristal, a Hostia consagrada. Em joelhos a mão ao peito, à passagem, todo o povo. A fé, a piedade, a a devoção. devoção, a esperança acesas em todos os corações, o respeito extraordinariamente santo.

Contavam os nossos antepassados que um conterrâneo seu, afeito ao mal. quando gravemente enfermo de doença incurável. rogara, com ansia, um confessor. Atenderam-no es da sua familia. Convidado o vigário, num instante era êste ao pé do leito.

O confessando ao pronunciar da última palavra tocante à sua impiedade e hediondes pecados, parecia respirava mais livremente: eram-lhe já melhoradas, nos seus feios aspetos, as linhas do rosto.

Terminada que foi a caridosa e santa cerimônia, expe rimentaram todos os interessados, pelo bem do arrependido. perfeito estado de paz.

Correu a noite como nunca se presenciara nem acontecera durante o Inverno naqueles tempos.
nóvem que toldasse a poesia do tuar sem uma

Veio a manhã, e o céu ainda todo azul Os devotos asseam e aleatífam as ruas. Os stnos
anunciam a salda do Santissimo Sacramento da Eucaristia.

Aflui o povo ao templo. A irmandade encorpora-se. O vigário paramenta-se. Són a campa,
repicam os sinos, sal o vintico.

Chega à casa pobre do enfermo. Que esperança em todas as almas ali presentes!

Leva-lhe, o sacerdote, a Hostia á bóca. Mas an tocá-la nos lábios do doente, treme-lhe e recua
a mão, e cai a par ticula sagrada, tudo independente da sua vontade

Horror! E o desgraçado, de chofre, cerrara os olhos para sempre

Companheiro de Judas na desgraça, ésse infeliz. Nem a um nem ao outro, o arrependimento
lavou a mancha negra do pecado!

A igreja de Nossa do Senbora Rósario, onde, è fervorosa-mente venerado o Senhor Bom Jesus
do Bom-fim, era peque nina, com uma portinba de frente, ao meio, e outra, ainda menór, em
baixa na linha da torre, isso depois de haver sido muitissimo mais simples.

O partido Conservadors local, que se organizara tomando a Senhor do Bom-fim como potrono,
com as suas figuras principais à frente, como Lucio Ribeiro de Novais, Gustavo Antonio da
Fonseca, José Francisco Pedreira Sam-paio, Marcelino José da Cunha, José Germano Teixeira
Pi-tanguy, tornaram-na, em 1875, no bonito templo que é boje Sua nova torre é revestida de
azulejos azuis e amarelos, Falta-lhe a ponta. Arrebatou-a um raio, em 10 de Fevereiro de 1935,
e fé-la em estilhaços.

È forrada, tem tribunas, coro, corredor e sacristia. O chão é ladrilhado a lindos tejos
marmoreos. Os altares, sem riquezas, mas decentes. Pulpitos, bom serviço de ilu-minação, e
muito bem feita escadaria em espiral para a sineira.

Como as da matriz, são muito bem escultradas as suas imagens.

As sextas-feiras são reservadas, logo do enoitar, para visitar oblações, homenagens e romarias
ao Bom-fim, gran. demente concorridas

Celebram-se, bá mais de cem anos, com desusado bri-thantismo, sempre nos últimos dias do
mês de Janeiro de cada ano, animadas e aparatosas festas em louvor ao mira-culoso Senhor

A principio as comissões encarregadas delas, o eram por meio de votos, entre as personagens mais representa-livas e mais honestas da sociedade.

O tesoureiro organizava o necessário programa, e o submetia a apreciação dos seus pares, que o examinavam e o modificavam se conviesse, sempre respeitosos dos interesses da harmonia pelo esplendor festas.

Aprovado, era-lhe dada fiel e rigorosa execução.

No caso de insuficiência de óbulos, sucedimento raro, os comissionados cotizavam-se entre si, e o programa das solenidades tinha execução integral.

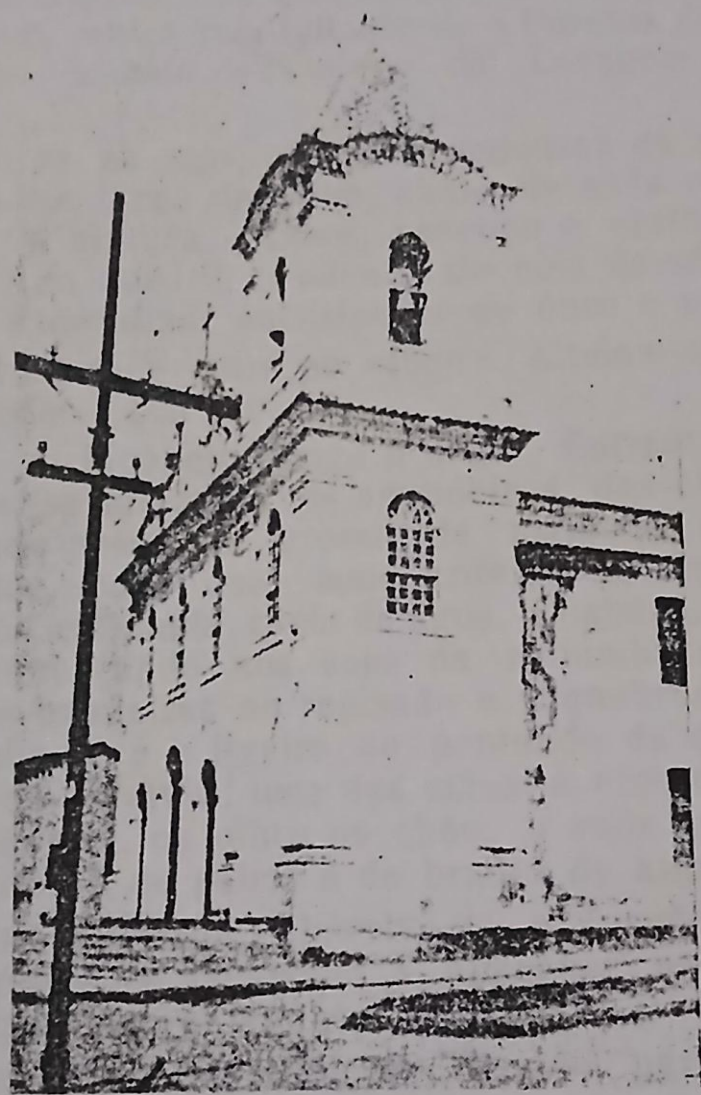
Imediatamente ao encerramento das festas, pela im-prensa e por afixação, era dado à ciência do povo, o balanço geral da receita e das despesas realizadas

Era ponto de honra essa publicação, e sinal de respeito ao vigário da freguesia e à sociedade.

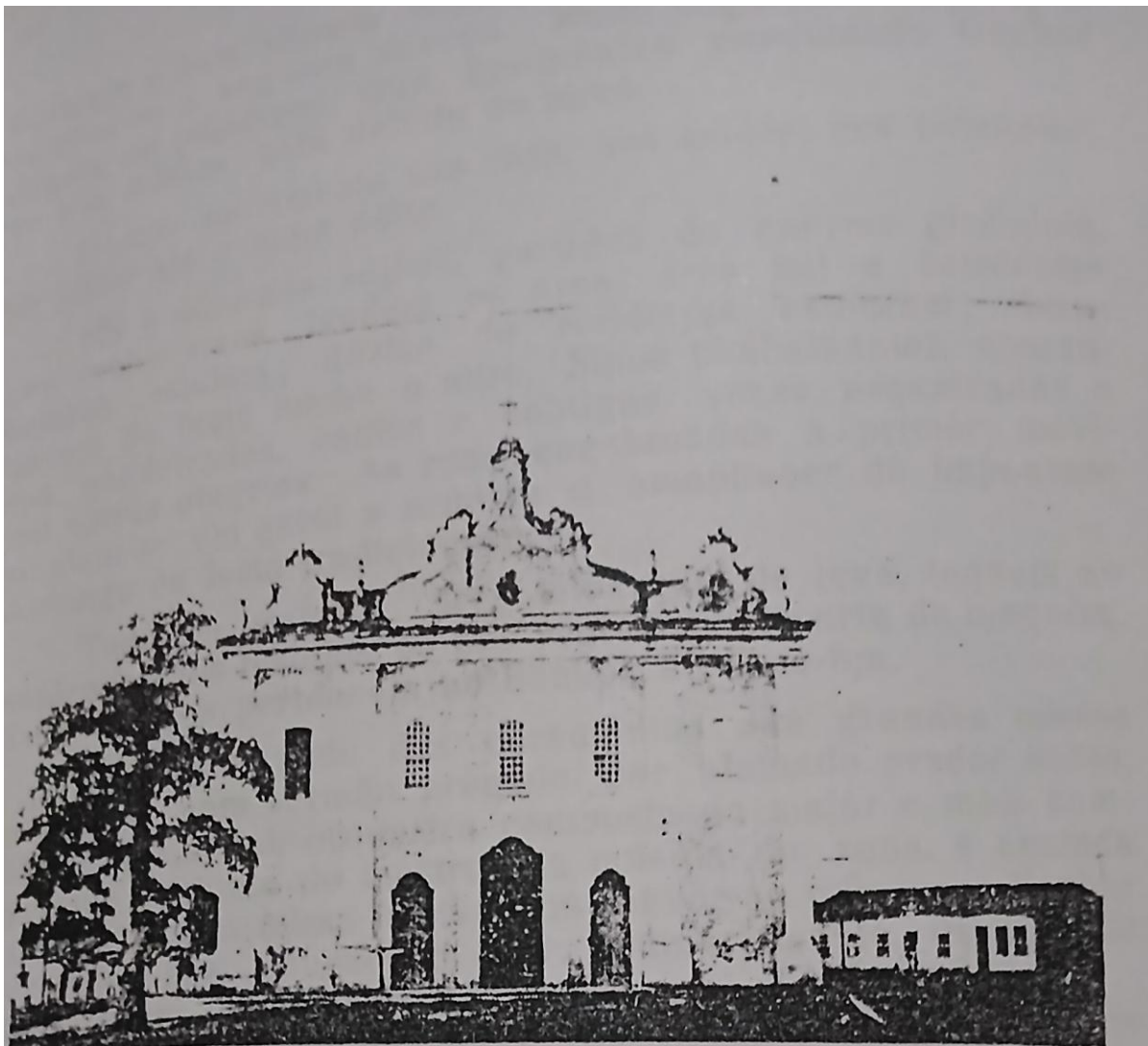
O fincamento da bandeira, início das festas, realizava-se com luzida passeata, animada de música, fogos, e grande multidão, à noite de primeiro de Janeiro.

O préstito, com a bandeira conduzida pela ela comissão encarregada das festas, à frente, parte da rua «Caminho da Cachoeira, depois da e hoje «Dannemanns, para o largo da igreja do Bom-fim, onde muitas girândolas de foguetes incendiam os ares estrepitosamente, subindo então no palanque a filarmónica, fazendo-se ouvir em belas parti-turas. Era a «Sete de Setembro, depois a «Bom-fim, a Co-mércio, a Muritibana»; hoje a 5 de Março e a «Lira Po-pular, nesta escala, de acordo com o decorrer dos anos. A «São João era do partido «Liberal»; não tomava parte nas festas. A Ceciliana», a «Minervas, a «Orfesina e a União das Artes, da Cachoeira; a Banda Municipal, de São Felix, eram certas.

O Pregão, composto de mascarados a cavalo e de rasgada charanga de trombones e clarins, quinze dias antes do da festa maior, percorre as ruas, anunciando a Lava-



*Igreja de N. S. do Rosario, onde se venera
tambem Senhor do Bomfim.*



Igreja matriz de Muritiba

gem do templo e o Bando de mascarados a cavale Este, oito dias depois, de sua vez, aprêgóa a festa em geral

Ao espoucar de cerrada foguetaria e roqueiradas de retumbante arrôjo, de mistura com as alegrias dos sinos, com a doce farfalhada dos galhardetes aos beijos mansos do norte matinal, entra regorgitante de Caretas de Cober-ta, o ansiado e belo Domingo da Lavagem Bando. e do Ás dez boras, as ruas, são já fervedouros de raparigas de sáias redondas, torço de setim, chale de seda ou penda-costa ajustado à cintura; punhos, pescoço e crelhas carre gados de ouro; ao quadril, pendentos do cóis da sája, lindas ágatas, corais e coralinhas encastoadas de ouro e prata. O pessoal da roça entra no fogo. Alteiam-se as cha-mas dos folguedos. Um fervor!

Meio dia. O incêncio atinge o auge! Entram as criou-las, as mulatas, as africanas, os aguadeiros das cidades vi-zinhas, formando assim um grosso de mais de oitocentos festeiros devotos, cada qual mais ardente de alegria e fé, com a sua bilha enfeitada, cheia de água, à cabeça, cantando. sapateando, requebrando aos sons da zabumbada, sobres-saindo as porta-bandeiras no repisado e requebros das chu-las, no miüdinho leve e ligeiro do ponteado da dança com alguma cousa de lascivia: uma das mãos à cintura, a outra à haste da bandeira, os olhos no chão, o suór gotejante e os ouvidos vaidosos de gabos e de brados de animação.

Duas horas da tarde. Dissolve-se o formidável prés tito da Lavagem, e começam a aparecer os primeiros máscaras, de que logo se enchem as ruas.

Quatro horas, vai-se reünir o Bando para a distri-buição do programa da festa.

Reúne-se, São mais de trezentos mascarados, cada qual exibindo mais rica fantasia, cavalgando mais gordo e mais habilidoso cavalo, mais bem enfeitado e com mais largo peitoral sortido de guizos. Outros, em burros e jumentos. com vestimentas jocosas, espalhafatosas, disparatadas, comi-cas, até de folhas verdes, o Amigo Folhagem chamado. éste trepado em paciente e velho boi cargueiro. E todos formados a dous de fundo, a filarmónica também a cavalo. o porta-bandeira à frente, percorrem novamente as ruas, anunciando as solenidades, folguedos e diversões populares. a se realizarem durante os dez dias da festa.

Oito horas da noite, a igreja, rica e suntuosamente ornamentada, dentro e fóra, abundantemente iluminada, im-

portante e bem alinhada orquestra ao coro, cheia de fiéis, celebra-se a segunda novena. Muito foguete, repiques, e. depois, ao palanque, uma filarmonica executando trechos de boa música, para deleite do povo.

Grande movimento nas ruas, nos salões, nos hotequins, no leilão até a meia noite.

Mil e duzentos rojões, partidos de enorme girandola, que conhecemos, fendem os ares três mil e seiscentas bombas estalam: dúzias de roqueiras estouram; dessa nuvem de fumo enche o adro. Sinos bimbalhantes, charan-tigas, vozes esganiçadas e pandeiradas, cantos e cantigas, outras

alegrias. As ruas engalanadas a primor, mov gas, pan mentam-se em geral e saúdam o domingo da festa tradicional. amanhecer do imponente

Tudo em profusão. Regateios que, de leve, toquem esplendor dos festejos, se não registam da parte de ninguém Tudo e todos pertencem ao Senhor do Bom-fim.

Com o completo eto das ceremonias das grandes missas pomposas, com sermão pregado por alamado orador sacro, vindo da Capital, orquestra composta do maiór e mais com-petente conjunto de mestres de música da zona, é cantada solenemente a missa festiva, em louvor ao milagroso Senhor de todos nós, ocupado o altar, ordináriamente, de mais de seis padres.

A igreja está esplendente de luzes e majestosa pelo belo da arte e da riqueza da ornamentação e adornos. Está literalmente cheia de fiéis. As senhoras trajam seda e usam chapéo. Os cavalheiros, na sua maioria negociantes e fazendeiros abastados, trajam o fino, o novo, o respeitoso.

A tarde. Baile de Máscaras, Batalhão de Mouros, Barracas, Botequins. Bumba-meu-boi, Caapora, Cava-linhos, Chegança. Dança Chinesa. Dança de Velhos. Perna-de-pau», «Quilombo», «Trança-fitas, etc., passean-tes montados, cada qual mais bem vestido, o cavalo mais fino de sela, mais bem e ricamente ajaezado. Brida, cabe-ção, caçambas, esporas e rebenque de prata, manta de couro de onça pintada, selim inglês. O lavrador humilde, com o seu casaco preto, calça branca, chapéo de baêta cinza, sapatos de graxa, o guarda-chuva agarrado ao meio.

A noite. a novena celebrada com toda a pompa, a alegria nas ruas, no adro, nos salões; a filarmónica no pa-lanque, fazendo-se ouvir do melhor do sen repertório; o Leilão de flores, frutas, doces, gulozeimas saborosas e

bem azeitadas, queijos, concorrido até alta madrugada pela gente boa e de bolso farto, á porfia. Segunda-feira, a chamada Segunda-feira dos Fogos», arco, a bandeirola, o festão, a grinalda, a palma, a lanterna, tudo af ainda, os lares, do rico ao do mais humilde, a toalha alva à mesa, o caruru, o açaça, a galinha, o porco, o valapá, o figueira, as saúdes; os vivos no Senhor do Bom-fim; o violão, a dança, a modinha; o samba ao som do pandeiro e do prato.

Novamente a passeio, a cavalo, os fazendeiros, com o seu chapéo do Chile e a sua bota «russianas, trajados a linho branco bem engomado, lustrando no sol, atraindo aten-ções, arrancando gabos, acendendo inveja.

Quatro horas da tarde suspendem-se todos os folguedos e diversões; tudo que é mais da natureza que da religião. para o comparecimento de todos à saída processional da perfeita e admirável imagem do festejado Santo.

Quatro, cinco mil pessoas, eis o cortejo que per-corre as ruas, recolhendo-se as charolas às seis e meia horas. Acomodada a multidão, è cantado, nesse tempo, em ação de graças, solene Te Deum.

Entra a noite, reacendem-se as fogueiras do contentamento e da alegria. Tudo arde, tudo ferve no seio do povo vibrante e satisfeito.

Rasga violentamente o espaço reforçadíssimo rojão; e lá, bem no alto, solta maravilhosa porção de vivíssimas es-trêlas cadentes, magníficas na variedade do colorido.

É a exibição do custoso fogo de artifício que se anuncia.

Sobem outros qual a qual mais sorprendente na beleza e novidade da descarga. Esponca doudamente, atirando besourinhos rabeantes para todos os lados, entre o povo, impetuosa girândola. Uma festa!. Saltos, pulos, corridinhas, gritinhos, e larga risada geral.

A primeira peca, Letreiros com os dizeres do cos-tume Viva Senhor do Bom-fim. Depois lindo pombo artificial, incendiando-se, vai correndo arame afóra até pór fogo á primeira roda. Outras e outras rodas se sucedem. sempre artisticas; e, depois delas, a grande e majestosa Portada. Um deslumbramento! Arde-se a última candeia. car Estão encerradas as brilhantes festas, tudo em plena paz, e com alguns casamentos a caminho do futuro...

Em 15 de Março de 1863, registou-se o finamento do virtuoso ancião vigário José da Costa Moreira. Substituiu-o o padre Salustiano Alves Sampaio.

Nada sabemos das vigararias anteriores. Afirmamos, porém, que se não interessaram por qualquer obra de me-Ihoramento ou da conclusão das obras da matriz, ou de qualquer outra natureza.

Correm os dias. Ao vigário Salustiano torna-se impos-sível sua permanência na freguesia. Os motivos que teriam levado os seus paroquianos ao desagrado, não dá honra esmerilhá-los.

Dá-se a vaga. O padre Tito Livio dos Santos é nomeado. Não precisamos bem a data; mas está aos nossos olhos uma certidão de batismo celebrado por éste sacerdote, em 1866.

Dai, sómente em 1885, a esforços de Odilon Aniceto de Sousa, quando tesoureiro da festa em louvor de São Pedro, padroeiro da freguesia, o seu templo logrou mudar de leição.

O santo e intemorato Apóstolo que no Jardim das Oli-veiras, não trepidou a sacar da espada à defesa do divino Mestre, derramando o sangue de Malco, certamente, ilumi-nara aquele cidadão, sempre digno e magnânimo, para maiór realce da sua festa.

Odilon Aniceto de Sousa, assim animado, não encareceu esforços pelo brilhantismo da aludida festividade a seu cargo, nem pelo asseio da matriz.

Homem de bem, impunha-se na confiança geral, pela bondade e pelo integro do caráter, de modo que tudo lhe foi fácil. Ninguém deixou de satisfazer com qualquér óbulo em favor da igreja.

Angariou, por isso mesmo, o numerário desejado e pre-ciso para o beneficiamento do templo e pompa da festa.

Era ainda vigário o padre Tito Livio dos Santos, que sempre se revelou mais inclinado às artes e às festas fami-liares do que à religião,

A sua residência era um festival eterno. violino; árias, canções, modinhas, danças, etc.. Piano, flauta,

Como bom amigo de Buritiba. fundou um Gabinete de Leitura, e, anexo a éste uma escola noturna de ensino pri-

mário para adultos, cuja instalação se realizou na casa paro-quial, às onze horas da manhã de 15 de Setembro de 1883, presente o escól social da freguesia, havendo discursos e orquestra, almoço e danças.

Efêmera, como a das rosas do Poeta francés, foi a duração dêste empreendimento digno de sinceros louvores, e necessário. Desaparição que deixou exposta a figura ni-tida e perfeita da ausencia do amor das letras e do útil. entre nós buritibanos; imagem que se não apagou ainda, e conserva a mesma nitidez e perfeição qual se agora estam-pada fôra.

A coadjutoria vinha a cargo do padre José Martins da Silva, sacerdote de alma alegre e sã, muito amigo dos seus fiéis.

Ocorrido o decesso do chamado vigário velho, padre Tito Lívio dos Santos, em 15 de Agosto de 1889, o arcebis-pado fez-lhe justiça de encarregar-lhe o serviço da paróquia.

Curta vida logrou este pro-paroquiato com o qual a matriz nada lucrou.

Entretanto, por que não continuassem os sepultamentos dos ricos a ser feitos dentro da igreja, e dos pobres, no adro, o padre Martins, sentindo, nos primeiros, como os cristãos antigos, uma irreverência ao corpo e ao sangue de Jesus Cristo, que nela se consagram; nos segundos, inominável privação de piedade e sentimentos outros com que servimos à paz do nosso espírito e ao céo, lançando-se, de uma rede, onde a pau-e-corda fôra conduzido, quasi nú, ou envolto em mortalha de madrasto, o corpo morto do próximo infeliz, ao fundo da cova grosseira, aberta no campo, e de-pois socar a terra sôbre ele, a punhos agrestes, por meio de pesados maços de amago, querendo poupar o coração dos seus paroquianos à dör desse espetáculo desumano e cruel, promoveu e levou a efeito uma série de procissões de penitência, animado, santamente, do religioso oso escopo de beneficiar a sua freguesia, dotando-a de um cemitério.

Cada fiél conduziu as suas pedras; e as obras se ini-ciaram. Infelizmente, porém, logo foram suspensas com a insperada remoção do seu caridoso promotor, para a viga-raria de São Felix, ato que o apanhou de surpresa, apaixo-nando-o, comprometendo-lhe o coração.

Sómente em 1891, o governo municipal de São Felix. parcamente, senão miseravelmente, the acrescentou uns adobes ordinários, e lhe pôs um portão à entrada. Cha-

mou o ao seu patrimonio, criou e aprovou a respetiva tabela de emolumentos por sepulturas, chamou-lhe Cemiterio Municipal, e entrou no gozo das suas rendas lagrimadas embora.

Tudo muito humilde e muito mais desarranjado; todavia providencial, por não mais assistirmos a cenas tão lastimá-veis, e havermos a tranqüilidade, com a certeza de que, após de mortos, não seremos esmagados no fundo da cova, a maços, monstros, de jaqueira, batidos a toda força da selva-jaria robusta e desalmada.

Provída a paróquia com a vigararia do padre Olavo Borges de Carvalho, empossado em 15 de Agosto de 1890, verificou-se interessante coincidência: a vaga e o preenchi-mento no dia da Assunção de Nossa Senhora.

Moço, cheio de vida, enérgico éste sacerdote, abriu a freguesia num grande sorriso de esperança. E ao sabor dessa fantasia, ela repousou nos macios da crença de lhe estar assegurado, e já às portas, encantador futuro.

Essa confiança infelizmente não vingou nos frutos almejados.

As tempestades da desventura que lhe são incessantes no torturar e escarnecer, não quiseram ainda amainar.

Ao contrário. Consentiram o seu novo diretor espiri-tual, cujos dotes morais lhe acordavam a mais viva confiança, fosse envolvido pelos insidiosos tentáculos da politica-partidária, mantida, naquela época, aqui, ali, acolá, pelo terror, e como tal se fizesse chefe. E o foi exaltado e des-temido. Honrado, porém, e amigo leal dos seus correligio-nários, e fidelíssimo ao Qui non est mecum. contra me est, de Jesus Cristo.

Não admitia o nojento da posição neutral, virtude dos pusilamimes e vis.

Com dignidade e diligência pleiteou todas as eleições procedidas no correr da sua chefia; mas desviado do con-selho do Sermão aos Padres, de Gil Vicente, exorbitou para satisfazer a louca opinião do vulgo.

Um dia alcançou a presidência do Conselho Municipi pal (S. Felix).

Presidiu-o briosamente, mas sem contar com a maio-ria dos seus membros, fóra das ordens do chefe politico do municipio.

Logo não contava com o departamento que presidia, para fins do seu interesse de qualquer natureza; motivo do infrutífero da sua gestão.

O seu distrito de paz, categoria então deste município nada lucrou da sua administração.

Um requerimento que apresenton à Intendencia, suge rindo a cobrança da décima urbana em Buritiba, e com o seu produto o calçamento da run Crispim. o Concelho deferiu a primeira parte e mandou arquivar, quanto à segunda.

Caprichos de ordem reservada detiveram-no nessa situação pouco lisonjeira.

Homem que não sabia tolerar fraquezas, nem desrespeitos; predicados estes que lhe acarretaram muitas e acirradas inimizades,

Foi objeto de cogitação o seu expulsamento da paróquia, à guisa do que acontecera a um dos seus antecessores.

Repetiram-se as tentativas, atingindo a culminância de The ser lançada no salão da sua residência, onde estourara. apavorando, formidável bomba de clorato.

O resultado desse crime foi de uma improdutividade esmagadora tornou-o mais forte.

Pundonoroso e bravo a tudo resistiu, e repeliu impávido. Garboso e nobre marchou para deante até que, em 6 de Fevereiro de 1934, o céu, a que servira com dedicação, houve por bem lhe o túmulo abrir na mesma terra que The serviu de berço a Cachoeira

Tocante aos deveres que the cumpria exercitar como evangelizador, cumpriu-os com a exatidão possível a um partidário exaltado

Acatamento e veneração, soube êle impor e manter sem discrepância. A celebração dos seus atos religiosos nunca ofendeu aos trâmites do ritual.

Em 1918, melhorou, de maneira geral e considerável, a matriz. Deu-the forros, ladrilhos, caindura e pintura Sem a magnificência antiga, por impossível, restaurou-lhe os altares Destas obras fez inauguração festiva, com o concurso dos seus paroquianos,

Um mal, porém, resultou desse bem: a mudança das lápides sepulcrais, dos seus lugares, para outros, ainda den-

tro da igreja, onde não representam a verdade. E extra-nhável e doloroso a mentira agasalhada num templo sagrado.

A lápide que marcava, no sen legítimo local, ao pé do altar-mor, a sepultura do vigário José da Costa Moreira, está hoje ao pé do altar de N. S. da Conceição; mentindo, porque ali não descansam os restos mortais do venerando sacerdote.

Teve substituição o padre Olavo, na pessoa muito ilus-tre do cônego José Andrade Lima, figura das mais respeitá-veis e eficientes no serviço apostólico do clero bahiano.

E malventurosa a terra de São Pedro, por isso, o teve poucos dias à frente dos seus serviços espirituais.

Tão de-pressa substituiu o saudável e digno vigário falecido, quão cedo foi substituído, para felicidade de outras gentes.

Com um moço sanguineo, afeiçoado, politico de idéas contrárias ao regime brasileiro, e de escola social e reli-giosa ao seu jeito, houve por bem o sr. Arcebispo preen-cher a vaga.

A maledicência de que se deixou contagiar, fê-lo ter a distintíssima família buritibana neste injurioso con-ceito, publicado no jornalzinho de sua direção e respon-sabilidade, edição de 7 de Maio de 1939, numero 54, distri-buido por toda parte, para que em parte saibam que na sua paróquia: á noitinha os pais de familia estão no cinema, as velhas na Avenida, os filhos sabe Deus onde!

A esposa e a mãe, feitas bonequinba mimosa de beicinho pintado, arrebicado, possozinho de tico-tico, inimiga dos filhos, delicada demais, engraçadinha, entendida de tudo, menos dos deveres domesticos e conjugais. Alguns voltam à meia noite, outros pela madrugada, outros nem dormem».

Adama Gomorra? Seboim? Ségor? Sodoma?

Nada!!.. Muritiba, no entender do seu pastor espi-ritual.

Depravada?! Não!! - infeliz.

Como isto nos vai ao recesso da memória buscar o verso-chave da sublime estância 104, do Velho do Restelo de Camões, e tão a justo expor:

Misera sorte, estranha condição!

As infamantes e injuriosas letras que com profunda tris teza acabamos de transportar para esse nosso trabalho, macu-lando-o, quão longe estão das que são próprias dos espíritos alimentados da fe!

Nada tem de Jesus e de Maria, Inocência, candura e caridade; esmola, consolo e bênção, que consubstanciam o ideal cristão, luz que sem a qual não é possível literatura que ilumine a alma, senão de sobejo para lembrar o Gemor rhianus da pena de ouro e brasa do grande São Pedro Damiano.

Retomemos enfim o fio da história do nosso velho templo empobrecido. Empobrecido até da sua torre, cabedal preciso e precioso, cuja falta sobre ainda, e alusivamente à qual, escrevemos:

Duas Tôrres

Século dezanove. Em trinta e sete. Maio dos cânticos à Mãe bendita, Expirava. De raio à terra agita Rijo tremor, que em tudo se reflete!

Passa. Vivo o pavor ainda, oh desdita!, Deus, que é bem, o tremendo mal repete! O impio à tua Matriz fero acomete. E dela ao chão a torre precipita!

Velha terra, afronta-o hoje: Ruiste, outróra, Meu adorno sagrado Rues agora O ênco farol de minha grande glória,

Castro Alves e as Espumas Fluetuantes! Tempo, ousas, e ouvirás dos céos flamantes: Alto! Este não é barro: è bronze, é a História

Sem torre, sem paramentos, sem a sua prata, o seu ouro, as suas reliquias; sem a magnificência do seu altar-mór antigo; nesta pobreza lastimável e lastimosa, apenumbando com as sombras densas da tristeza e da compunção, a alma daqueles que o queriam nas horas presentes, como o fora nas horas passadas, esplêndido, verdadeiro, rico e santo.

Consoante a história fundamentadamente ilustra, o governador Thomé de Sousa, fez distribuição de terras em

todo o recóncavo e no sertão, cujo povoamento, de ordem de Portugal, vinha desde 1536, sendo fortemente incen tivado.

A ação poderosa dêste grande administrador, era come-çante a esse tempo, 1549-1553, e não amornecen nunca a sua força organizadora.

Este notável homem de governo e brilhante espirito re-ligioso, austero, de larga visão e incomum energia moral, dentre os seus primeiros atos estão as providências de aberturas de estradas e construção de embarcações pequenas para a navegação fluvial.

Assim, em tempo não demorado, o Paraguaçu, que a tão ninuta longitude está da Capital, tivéra logo singradas também as suas águas navegáveis e enriquecidas das marés, pelos padres jesuitas.

O povoamento, na zona cachoeirana, foi incrementado pela fundação de engenhos de açúcar e fazendas de criação e lavoura.

São denominações de logradouros da cidade, Alam-bique, Currais Velhos, Manga. Pasto, que bem si gnificam como provas do seu começo fazenda e engenho.

Tomando-se por base este particular e o próximo da foz daquele rio, a duas horas da Capital, o fácil da navega-bilidade, com marés regulares, de ultrapassarem a dous me tros de altura em os novilúnios e nos plenilúnios, isto é, nas sizigias, podemos negar o conjetural, e afirmar o real que é a mporaneidade da Cachoeira e Buritiba, situadas vis-a-vis, incluídas entre as onze aldeias mandadas fundar em 1559-1560, com as suas igrejas, por dom Pedro Leitão, segundo bispo do Brasil.

Nesse último ano, o baixo Paraguaçu, em cujo vale teve infcio a primeira colonização, já muito conhecido, tinha as suas margens povoadas, e com movimento de lavoura, ne-gócio, engenho e criação.

Vasco de Caldas, visitou-o em 1560, quando de passa-gem para a Chapada, acordado com Brás Cubas que partira de São Paulo, para um reencontro no alto São Francisco.

Pensamos nada têm que ver com a fundação da Ca-choeira, o bispo e membro da Junta Governativa D. An tonio Barreiros, nem Alvaro Rodrigues. Se esta lhes deve alguma cousa, será de outra natureza o beneficio recebido.

Se, porém, aldeia, povoação e arraial se distinguem por graduação hierárquica, todos têm o seu quinhão na partilha da honra da elevação de uma categoria para outra.

A Cachoeira e Buritiba, contemporâneas, venciam o tempo ombre a ombro a caminho do futuro
A Cachoeira às riquezas do seu vale belo e feliz, Buritiba ás pomposidades cimeiras da sua serra adorável e ubérrima

Buritiba, não obstante estar no alto, é-the anã a sorte

Perdera a posição de igualdade. Ao révés de continuar a acompanhar, passou a seguir. A Cachoeira tomara-lhe a frente. Superiorizou-se. Fora ereta em matriz pelo quarto arcebispo dom João Franco de Oliveira.

Fluiu o ano de 1688.

O estrábico destino de Buritiba, nesse passo, desfeclin ra-lhe o segundo golpe de deminuição, porque o primeiro ela o havia recebido já na pureza do seu nome.

À curta distância de onze anos, o rei dom Pedro II, de Portugal, ordenara a fundação de vilas no reconcavo. Era governador do Brasil dom João de Lencastre, ou Lencastro. a cujo mandato, a Cachoeira, que era das maiores povoações no momento, foi elevada a vila pelo desembargador Estevam Ferraz.

Estabelecida assim a inferioridade da jerarquía de Bu-ritiba, parece o seu povo se deixara vencer do desanimo, distraindo-se dela, para admirar a estrela da sua nobre con-temporânea.

E dêste modo marchava a Cachoeira a passos vantagem dos por todos os ramos da atividade, subindo para as alturas do progresso, e Buritiba, sempre desprezada. Mas, como Lázaro, por desprezado, goza da bemaventurança, o seu povo confia em Deus, chegará a sua vez de gozar das excelências da felicidade.

O tempo traz à afluência o ano de 1701. Dom Pedro 11. de Portugal, há por bem chamar à substituição de dom João Franco de Oliveira, dom Sebastião Monteiro da Vide, notável ilustração nas letras canônicas e históricas, portador de acrisoladas virtudes apostólicas e de forte espírito, sobejo de capacidade para o exercício do elevado múnus que o grande critério do rei the confiara.

Do arcebispado da metrópole, primacial do Brasil, com séde na Bahia, loi éle o quinto da série. No seu proveitoso episcopado de autorização do reino, por motivo de representação sua, foram criadas vinte fre guesias, em cuja onda entrou Buritiba, 1705, ou Muritiba, se a ésse tempo o vicio havia já alterado a feição do seu nome

Ainda bem que após de quási um e meio século, à pobre terra de São Pedro, alcançava piedoso olhar do poder eclesiástico.

Sucederam-se os anos. A Cachoeira, à vanguarda, toda fortunosa, num ininterrupto crescendo de vida e de bens, e Buritiba, estacionária, atrás, admirando-a dos encantos pere-grinos do magnifico das suas ricas eminências naturais, an-siosa de qualquer generosidade; mas, calcando-a sempre, o péso pesado dos seus canhótos destinos.

Louvada continuamente por falas saturadas de sin-cera admiração da beleza das suas prendas, e continuada-mente lamentada porque tão alta, e tão por baixo.

E que particularidade de tão preciosos dons! Grandes, imensos, infinitos, e de tão pequenino vulto! Chão, Flor, Lua, Saúde, Sol. Água, Ar,

Luz, alegria, doçura, aroma, riqueza, pureza, can-didez.

Incomensuráveis os seus criadores, e também peque-ninos os seus nomes Deus. Amor.

A Cachoeira, sem os favores destas dádivas de tanta poesia e tão úteis à vida; mas distinguida com a inteli-gência, o trabalho, a coragem e a civilização do seu brioso povo, quando ao mais agradável do gôso dessa distinção, a fortuna surprende-lhe com a oportunidade de ela pôr à

prova o seu valor, os seus sentimentos de patriotismo e de liberdade: o dia 25 de Junho de 1822, que lhe alcançou de S. M. Imperial dom Pedro II, o título de Nobre Cidade do Paraguaçu, e lhe firmou a immortalidade da glória do seu feito heróico.

Cantaram-se os triunfos, entoaram-se os hinos da Independência, nos templos, nos edifícios públicos, nos lares. nas praças, nas ruas, por toda parte! Vibrara tudo elevado e enlevado desse entusiasmo patriótico!

Buritiba, porém, muda e quêda a tudo assistiu das sadias alturas, onde o destino achou de a colocar, para mais lhe doerem as pirraças infligidas.

Essa indiferença, porque lhe seja o peito vazio de amor da pátria? Talvez não. Mas pelos caprichos da sua surda estréla, pelo destino sestro que lhe peia, pelo sinistro dos seus lados.

Vêm os partidos políticos: berais Exaltados e Caramuru doura, motivo por que lhes não Em 1824, Liberais Moderados. Li-com existência pouco dura-foi seródia a substituição. «Conservador: em 1831, o Liberal.

Buritiba dividiu-se na sua população Conserva-dores e Liberais». Orgulheceu-se, tomou-se de brios, e às urnas, então sempre livres, nunca faltava. Neste serviço. crendo desbravar o caminho ao seu progresso. Fazia da sua parte.

Em compensação, porém, os partidos the fartavam de promessas, às quais com a mesma fisionomia faltavam.

Singularíssimo êsse conflito suscitado assim entre a Vir-tude e o Vício!

A Virtude, toda prudência e tolerância, aguardava os acontecimentos, e se não baixava ao lodo para se dar por entendida ao Vicio. Acrescer e reforçar os seus direitos com a exação do cumprimento dos seus deveres, era o seu in-terêsse e maiór zelo e carinho. Não the importava o arrogado jus das facções políticas de quererem tudo, de tudo dispõrem. e em tudo lhes estar pronto e firme o apoio de todos, sem pêsos de compromissos e obrigações, desta ou daquela natureza.

Para a metade, tudo. O todo que se conformasse.

Isso, em ponto mínimo, bem que lembra os romanos quando doentes da idéa da rendição do mundo a Roma.

Ora coxos, ora moucos, ora miopes thes iam os anos. quando, a um descuido qualquer, the nasce o que havia de ser o maior poeta brasileiro do seu tempo, 14 de Março de 1847.

Cabaceiras, grande e velha fazenda que já desapareceu. foi o lugar privilegiado deste feliz acontecimento.

Está no seu berço, aos sorrisos bons dos seus papás, o Cécéo.

Vai-lhe aumentando os dias o perpassar dos sóis. Ele atinge a idade escolar. Com éle todos os déle vêm residir na séde da freguesia, e ocupam a casa número 22, à rua Direita da Matriz hoje Castro Alves; morada modes-tíssima, talvez das melhores daquele tempo; e, hoje, ainda existente com a mesma vista.

Põem no em a escola José Peixoto da Silva, ao primária regida pelo professor Largo do Rosário, hoje do Bom-fim, casa número 29, já desaparecida.

Não havemos noticia de que éle houvesse concluído o curso primário nesse estabelecimento. De se haver daqui para São Felix, transportado a família Alves, há noticia, e de São Felix para a Capital.

Alguns periodos de férias passara aqui, atraído pelo amor de Leonidia Fraga. Leonidia era de cor branca alva, de estatura e compleição regulares. Tinha os olhos grandes, mas sem viveza, como que tocados do reflexo de uma dor intima: sombrancelhas espessas e os cabelos longos, cheios e ondulados. Como um que que the enfeitava um pouco acima do lábio superior, parte direita, não eram bem pretos. O nariz reto, aproximava-se do tipo grego. Ligeiro buço adornava-lhe a boca, sobre o rosado dos lábios. Era-lhe tique o modo de olhar, que o fazia com elegância. Ganhava sempre posição que a obrigasse a olhar com o rosto voltado sobre o ombro direito. Os cabelos, usava-os, em casa, ora sôltos, ora feitos trança, caida coluna a fóra, presas as pontas por um laço de fita encarnada. Daí a encantadora poesia Laço de Fita>>> a L Era ela o todo de uma beleza comum.

Conhecemo-la bem. porque amigo do seu digno irmão coronel Rosalvo de Menezes Fraga, jornalista e politico, fre-qüentamos-lhe a residência, desde os nossos dezassete anos de idade, diàriamente, como amigo, correligionário politico e colaborador do seu periódico O Paraguassu.

Vimo-la ao piano, instrumento que executava com al-gum primor, cantando a «Hebréa», «Gondoleiro do Amor», e arias de composição musical de José de Aragão, maestrino cachoeirano e grande violinista.

Depois, com olhos doridos, a vimos encanecida, as faculdades mentais alteradas, o todo profunda tristeza tocante. (*)

E não sabemos que olhos se não encheriam de lágrimas ao recordá-la, e ao vê-la tão caída assim.

O Cécéo, quando aqui, e que se apartava dos olhos dela, era para estar na casa do seu amigo Antonio Ribeiro, hoje mudada no belo edifício da fábrica da Companhia de

(*) Leonidin era de importante família de S Felix. Depois de Castro Alves, casou e foi infelicíssima

Charutos Dannemann, e, com ele, distrair-se em decifrar charadas.

A charada novíssima andava então muito em voga, e havia pouco de inventada pelo general cearense Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa.

E como tudo que é novo, essa invenção interessante, do ilustre militar que tanto se distinguira na batalha naval do Riachuelo, gozava das graças dos salões chiques, da imprensa, dos anuários do Brasil e de Portugal.

A primeira novíssima urdida pelo seu inteligente e ilus. trado inventor ventor é O signo tem a cor deste animal. 2-2. (Leopardo).

Amador dêsse útil passatempo, notavelmente instruído, como também o foi José de Alencar, que nele teve o seu ponto de partida para a glória, o nosso grandioso Castro Alves, teria desse mesmo local, iniciado a sua assombrosa e veloz carreira para a immortalidade; até porque a contextura da charada antiga é obrigada a versos; assim a do enigma charadístico.

O assento do óbito do grande Poeta, diz assim: Aos seis de Julho do corrente anno de 1871. falleceu de pneumonia, ao Sodrê, com a Extrema Uncção e Penitencia, Antonio de Castro Alves, branco, natural da Bahia, solteiro, estudante de direito; e foi encommendado de Pluvial e Sacristão, e acompanhado ao Cemiterio do Campo Santo, onde - O foi sepultado. O vigario Dr. Raymundo José de Mattos.

1855. Oh! calamidade! Senhor Deus, misericórdia! Socorrei o povo brasileiro! Eram as vozes de todas as bôcas ao delírio do desespero.

Buritiba, Senhor Deus, rojada em joelhos aos vossos divinos pés, supplica o não desaparecimento da sua população! Deus, atendei à desgraçada assim ao chamejar das zinas da angústia! Desvairada!

A Colera-morbo! A Cólera-morbo!! Horror! Horror!!

Enchem-se de sepulturas os lugares sagrados e a elas destinados! Não comportam mais! Que medida a tomar?! Buscar o campo. E no campo foram sepultadas centenas das vítimas do

terrível mal devastador, um padre Pinheiro, in-clusivamente, de cuja vida e ofício, somente éste nome

alcançámos saber. Este vasto cemitério ocasional è a parte da frente da fazenda Manteiga, que entesta com a antiga rua denominada Estrada de Minas, hoje 15 de No-vembro.

As feridas abertas da aclide agudíssima da Morte san-gravam ainda em todos os corações; as lágrimas do senti mento, da dor, da consternação, corriam ainda em todos os rostos; os lares desfalcados dos seus moradores, outros va-zios, a viuvez e a orfandade, o luto, onde os olhos se litas-sem, e a sorte, que lhe segara tantas vidas, tantos bens!, cega a todas estas dolorosas mágoas e saúdades, vibra-lhe outro profundissimo golpe, ainda nos seus centros vitais, tira-lhe São Felix.

João Lins Vieira Cansação de Sinimbu, presidente da provincia, sancionara a Resolução n.º 613, de 15 de Outubro de 1857, erigindo, aquela sua capela, em freguesia com os limites do engenho Natividade», e daí, rio Paraguaçu acima, até a foz do rio da Légua, no porto da Mangueira.

Nem sempre o alto é lugar de felizes!... vendo. Estamos

A Morte, quando se aproxima do leito do moribundo, parece lhe entretem as dores com um quê de melhora ou de alegria. Assim a Tristeza tem um instante no qual deixa The fira a densidade negra da sombra, e passe ligeira réstea de luz e esperança à noite do desventurado.

Buritiba, depois de dizimada da peste horrível e de retalhada, logra das caïnhezas da sua fortuna, o ensejo dessa ligeira réstea de luz e esperança.

Visita-lhe S. M. Imperial. Novembro de 1859, era em 6. Receberam-no mui simplesmente. De outro modo não seria possível: Buritiba era só natureza.

A casinha onde S. Majestade fez rápido descanso, existe ainda, e conserva a sua antiga humildade, embora com o nome pomposo de palácio, honra adquirida por haver ser vido a tão eminente hóspede.

Interessados em saber quem ocupava então essa antiga vivenda, perguntamos e soubemos:

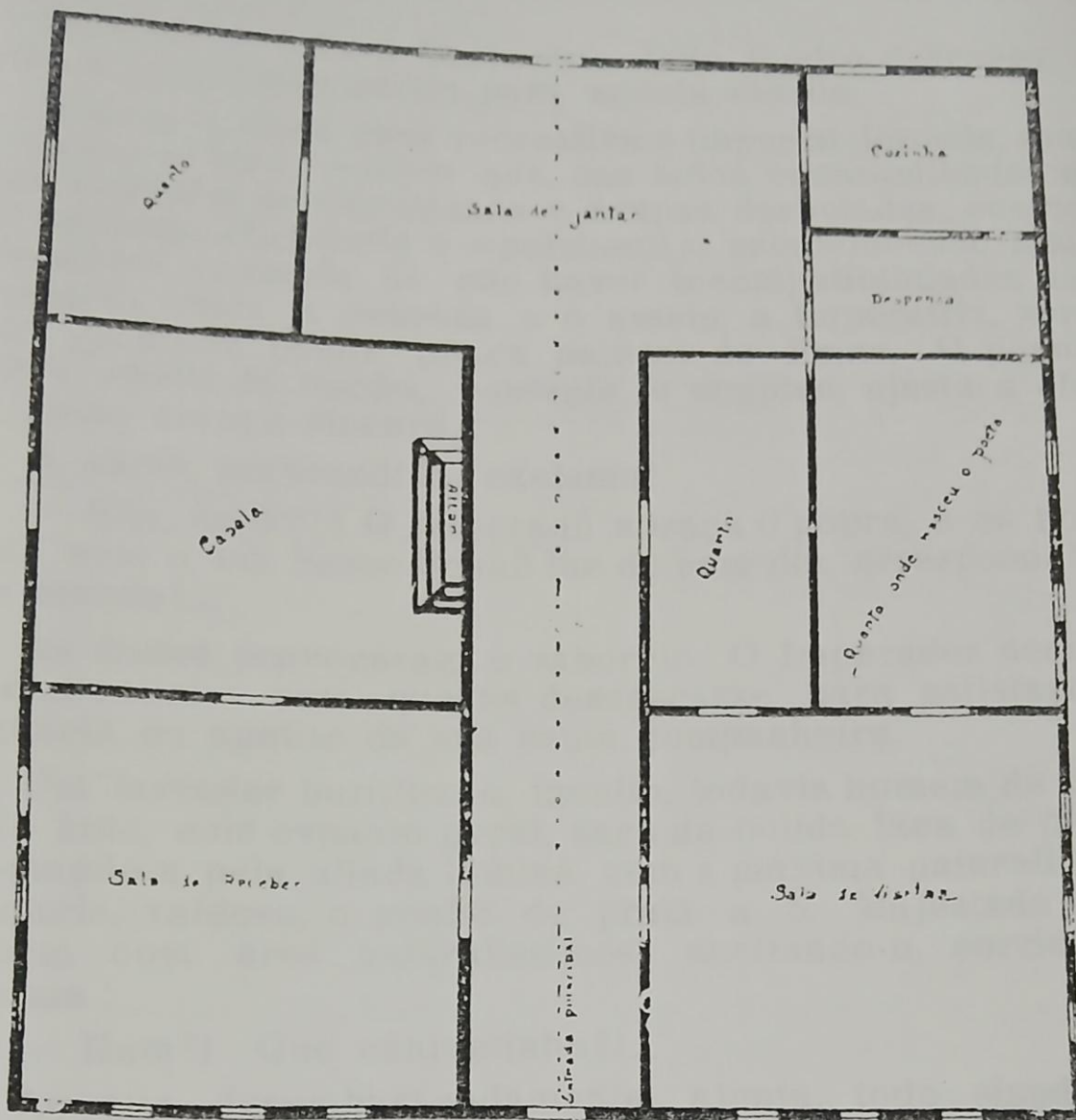
Essa nossa interessada pergunta obteve de veneranda viuva, cuja respeitabilissima idade se avizinha paredes meias de um século, a seguinte resposta, melhorada por nós, em a sua fórmula e linguagem:



Casa onde foi hospedado, em 1859, S. M. o Imperador D. Pedro II, e que, por isso, logrou o nome de palácio. Era então a casa paroquial. Tinha grades coloniais, na porta de entrada, e em parte das janelas. Goza ainda o nome de palácio.



Escada do banheiro São Pedro Velho.



Esta representação gráfica mostra o repartimento da antiga virenda do Dr. Antonio José Alves, na fazenda Cabaceiras, que, há cerca de vinte e cinco anos, foi demolida, já arruinada, por Martinho Florencio dos Santos e seu cunhado Possidonio Borges.

Uma tal dona Emilia, viuva, mulher despachada, vistosa, branca, duma familia de Oliveira que houve no Portão. Tinha de seu uns babates bem bom!

Por que preferida a sua residència, para a recepção do imperador?

-Se era, naquele tempo, a morada melho da freguesia, meu sinho...! A mais bem arrumada..! Era caiada, pintada... A grade da porta da rua, fazia prazé se vé. de bem feita que era! As tabinha estreitinha... Aquilo eneruzadinha que fazia gosto!! As janela, as duas da frente, envi draçada; e as duas do oitão, metade rótula, metade vidraça.

Era então aquela, a casa melhor daqui?

Aquela, sim sinhō! Aquela chata velha, que voicé tá veno ali.

Em que é que era bem arrumada?

Mobilia de jacaranda e palinha lina, antigória! Era cada enfeite!, cada ramage!, cada bicho! O relajo tinha uma voz solta, que aquela roda toda, não perdia hora. Era um bichão que ia perto do telhado! O arremate, em cima era um esplendo de metá, que parecia ouro! Era atejolada. e as outra todas era de chão puro, o mocho, a marquezinha de pau, o nichinho vestido de chita vermelha, em cima du-ma banquinha, e o café espalhado, prá secá, ai mesmo na sala de fóra. Naquele tempo, meu sinho, nossa terra de S Pedro, já era velha; mas ainda o povo não estava acostit gente: quando chegava uma pessoa de fóra, numa mado com quaebiangmula as filha, corria logo casa, o dono é que prá espia pelo buraquinho, feito, de prepósto, na parede, e no da fechadura. Tinha casa com cerca prá rua, que os dono tapava tudo de pindoba, para as filha e a mulhé espia. por detrás, as procissão. Naquele tempo os pais zelava a honra das filha... E, hoje, meu sinho?, que elas bate pé. e se os homes não quisé i, em jejum, para o trabalho tem que acendê o fogo e coá o café...? Meu sinho!? Calemo a bôca prá não pecá, assim na hora da missa, que éste mundo està perdido de um jeito, que até a mula sem cabeça e as visages, que tinha mão em certos malfeito, nem aparece mais, prá não vê certos trabalho, que a gente nem é bom alembrá!...

O magnânimo Imperador e mimoso poeta, após da oferta de um copo de água da fonte dos Padres, cuja cristalinidade e leveza admirou, Ali, que ares! Mas água!! Aqui, que ares e que água!!, que despediu-se de Buritiba, com destino à Feira de Santa Anna.

Chegado que foi à Cachoeira, feito ligeiro descanso, e pronta a cavallhada, partiu para aquela cidade.

Quando a meio essa recreativa e imperial jornada, sem-pre alegre e feliz, contam que, das mãos encarquilhadas de pobre velhinha de cor branca e roupas desbotadas, contudo bem lavadas, cheirando a patchouli»; estabelecendo assim indiscutível exemplo de não haver incompatibilidades nem embaraços entre a pobreza e o asseio, a Imperatriz, sorridente, recebera bonita penca natural de limas. O popula-rissimo chefe da Nação, contente, e simples, ajusta a oferta num abraço sincero.

A ancia, sorprendida, exclama:

Sim, senho!! O imperado abraça o pobre, e os home menó, nem a um Nosso Senho lhe dê bom-dia, arresponde!... Este mundo!...

As frutas provocaram o saboreio. O Imperador desejou um canivettino com que as descascasse para satisfazer a exigência do apetite da sua santa companheira.

Um lavrador buritibano, inculto, todavia homem de bem, af, ao lado, com espanto geral, saca de polida faca de ponta, e, tomando a pela afiada lamina, com a máxima naturalidade, franqueia, vaidoso, o punho de prata a S. Majestade que, também com ares naturalíssimos, aceitando-o, sorridente, exclama:

Hum!! Que canivettino!!..

Ao que, desembaraçadamente, ajunta, todo sisudez, o velho Rufino «Barãq», dono da arma: Assim prá defendê Vossa Majestade, e prá ua casião desta.

Num grande sorriso descerraram-se todos os lábios, para depois o comentário da justeza e do pronto da justificação.

Luis XI, da França, conta-nos o padre Manoel Bernardes, em a Nova Floresta, tomo I, pag. 445, mandara dar dez mil cruzados a um rústico, pela dádiva de um rabão.

O nosso magnânimo Pedro II, foi mais generoso e menos vaidoso: deu de sua alma naquele abraço.

Continúa a viagem sempre álaçre, pitoresca e venturosa.

As proximidades da Feira, o povo vindo ao encontro da imperial comitiva, recebe-a com festas.

S. S. M. M. Imperiais são hospedados condignamente no belo palacete de residência do grande negociante e abastado fazendeiro João Pedreira.

Realizava-se nesse dia a grande feira de gado, das maiores do Brasil.

Passa ao meio da rua, encourado de novo, cavalgando gordo e árdego cavalo ruço pombo, arreios novos, um va-queiro

O Imperador o vê. O desejo de o alcançar com as suas soberanas mãos, obriga-o a revelar-se curioso.

De rápido o trazem à sua nobre presença.

Sorrindo satisfeito, o grande brasileiro, examina as ves-tes do homem do campo. Admira-lhe a macieza.

O vaqueiro, um tanto cheio de si, informa, sem lhe ser perguntado:

É couro de veado das mata do Maracá. É curtido douta moda dèfèrente, e tratado cum miolo de cevado. (com per-dão da palavra) pra fróxá a grã, ficá macio e incorporado. cuma vasmicé tá veno. E vasmice hai de vé: nem é fresco cuma o de catitu; mais porém no é quente. E couro de duração!

S. Majestade gaba a segurança e uniformidade dos pospontos.

É trabajo de suvela, continúa O homem. in mão sem mérma. Na linha do espinhaço é que tem que òiá, prunque nem se vê nada: nem custura, nem ponto, nem taio; e tem taio, e tudo tá cuzido e punteado! E' ua suvela dajuntá, macriada!! Era um custureiro bajado o véio Jinuáro da Quixaba!

D. Pedro II, tendo-o ouvido com alegria, exalta n primoroso dessa obra, e faz pôr na mão do caboclo alto. espadaúdo e vigoroso, uma cédula de cem mil réis.

Este, desconcertado do imprevisto da nunca sonhada vultosa dádiva imperial, tira ao bolso do jaléco, o lenço grande, chitado, põe a nota numa das pontas, dá um nó. guarda-o; e, contente, despede-se:

Cum licença de vasmicê. Criado prá sirvi.

Em chegando ao campo, os companheiros, de logo, notam-lhe os traços e os modos de ao gozo de incomum alegria. Buscam saber, e sabem.

É, num instante, a frente do palacete Pedreira, um fer-vedouro de vaqueiros, cada qual mais pretensioso e mais sagaz, a pegar o cavalo, gordo e passarinho, nas peles finas, a tirar upas, galões, corcóvos, na porfia sofrega e arriscada, de uma das de cem.

Oh! Exhaustivo êsse desvio! Voltemos ao nosso norte, por bem da paciência do próximo que se quisér amodorrar por esta enfadonha estirada além.

Mais uma esperança nascera no ânimo de Buritiba, graça da visita imperial, mimosa poesia dalma que o tempo transmudou em doloroso epicédio, cedendo a vitória ao desengano.

São fundados mais dois partidos políticos: um em 1862, com o sugestivo nome de «Progressista»; o outro, em 1868, denominado Radical», título éste, impressionante pela sua forte significação filosófica.

Abre-se a luta. Ferem-se as campanhas do voto. A cabala inteligente, fina e astuta é praticada por todos os interessados, sem vacilações nem esmorecimentos. Cada sem vacilações localidade põe à vanguarda das suas conveniências, uma pessoa do seu escol e da sua confiança, investida da posição de chefe.

Buritiba, porém, desnervada de mil desilusões, de ingratidões mil, sofridas de outras organizações partidárias, não sabemos constituísse alguém que lhe defendesse os direitos, atestação positiva da sua falta de educação cívica.

Brilhantes coortes empenhadas com o máximo ardor político em levar às urnas o maior número possível de eleitores em apoio das suas respectivas chapas, saem a campo, garbosas e aguerridas, lutam e vencem; e, faustosas, celebram o triunfo alcançado.

A terra de Castro Alves, da sua culpa exclusiva, e por força dos seus terríveis fados, permanece inativa na tristíssima negligência, que lhe é grande mal, azumbrada debaixo do pesado fardo de espinhos, suplício imposto ainda da sorte que Deus lhe conferiu, tão ingrata que, com preguiça de reclamar, a faz acudir por um nome que não é o seu, cuja prova já deixamos indiscutivelmente feita, em arrazoado de linhas anteriores, batido, rebatido, monótona e enfadonhamente embora, firmando, reafirmando e confirmando, não ser caso de transformação de aspecto por força de leis da evolução, ou cousa da ciência filológica; mas só e só de vício, com a consagração despótica do uso, abrindo lugar para

acomodação de marquês de Muritiba, distrito de Muritiba, vila de Muritiba, cidade de Muritiba, ao revés de Buritiba, vocábulo toponímico, formado diretamente do tupi, acorde com a ciência da linguagem, e com o saber de incansáveis ilustrados estudiosos dela, e seu lindo nome de fundação, achado no seu próprio seio.

A honra de um veraneio apenas, Castro Alves, em cuidados à sua saúde alterada, deu ao Curralinho.

→ A graça magna do seu nascimento, esta, Curralinho bem o sabe, the não cabe. Deus tha não quis confiar. Depois de longe oito léguas da sua séde, saltou-lhe os limites, e só a três afastado dêles, houve por bem dona Clélia Brasilia concebesse e desse à glória do Brasil, o Cécéo. Ajudou-a Maria Soares, alheja cientificamente à obstetrícia, mas prática, e procurada dos melhores daquela roda, em tais ocasiões. Era preta, livre, honesta, delicada, pequenina, de antiga familia de Soares do distrito de Umburanas, falecida nonagenária há quarenta anos Cabaceiras, denomina-se o sitio que mereceu essa divina mercê. É uma planura de areia lina muito fértil a sua frente.

A casa onde nasceu o imortal cantor da Deusa In-cruenta, que, já arruinada, divulga, em chapa, Jornal de Ala, às páginas 68, do seu número de Outubro de 39, número rico e belo, publicação que nos engrandece, e representa precioso serviço à Bahia, era dos tempos coloniais. Construção achatada, de quatro águas. Alpendrada derredór. sôbre esteios de âmagô lavrado, como também de Amago de ótíma qualidade era todo o seu madeiramento. Telhas e adobes muito grandes. rantes. Quinze palmos teria a sua altura. A porta e as janelas da frente eram almofadadas, e abriam em duas folhas feitas de cedro, pintadas de cor verde, pintura lisa antiga; as padieiras, que eram retas, as ombreiras e para-peitos, de azul. As paredes caiadas. Olhava para o Sudoéste. Ao lado direito, a 50 metros, era-lhe a estrada de Buritiba a Santo Estevam. Ao esquerdo, o coqueiro, o taboleiro, o campo verde e cheiroso.

Uma porta entre seis janelas e duas salas fechadas, comunicando-se pelo corredor, compunham a frente. A direita. a sala de receber, que tinha três janelas de frente, e uma, e uma porta, ao outão.

Da porta do fundo desta sala, passava-se para o santuá-rio, cuja entrada principal era ao lado. A de visitas, à esquerda,

tinha três janelas de frente e três laterais; e ao fundo, duas portas para dous quartos. Um destes era encravado, não obs-tante com saída e entrada pelo corredor; o outro, maior, era o em que nascera o Poeta. Bem amplo, e tinha duas janelas que the davam muito ar e muita luz. A sala de jantar era arejada por uma porta e duas janelas; à direita, um quarto com janela, e à esquerda, a despensa e a cozinha, esta com uma porta de entrada e outra de saída. Chão atejolado. Não tinha vestibulo, mas um corredor de cerca de metro e meio de largura, que dividia a casa até a sala de jantar, em dous lados, como já vimos.

Abaixo, pouco adeante, eis, cristalina, pura, fresca, poé-tica e permanente, como santo milagre na zona, a Castália dos banhos do Cécéo-menino.

Apolo não na perseguiu. Persegue-a o desprézo dos que a adquiriram.

Morreram o dendezeiro, semente levada de urubu, e uma das duas mangueiras que a sombreavam.

A essa bela sombra repousava o que havia de enriquecer as letras nacionais com a Cachoeira de Paulo Affonso», para, livre de perigo, cair à bica, jorrando farta, forte e fria, um gôzo!

Lá estão ainda a fonte, a mangueira que ficou, e a prole vigorosa do dendezeiro velho que morreu; o brejo, e no fim da declividade, de meia légua de extensão, o Paraguaçu, a pequena distância do pôrto de Castro Alves», nome dado por iniciativa do coronel Clementino Pereira Fraga, quando membro do Conselho Municipal de São Felix.

Era então chamado pôrto Papa-gente», por muito constantes os óbitos por afogamento e por febres de mau caráter, notadamente de viajantes. Estes últimos com assus-tadora freqüência após as cheias.

O velho casarão descrito e o porto são do nosso pleno conhecimento. Debaixo das velhas telhas do ninho onde nasceu o maravilhoso vate da Pedro Ivo», pernoitámos vá-rias vezes; e várias vezes, numa embarcação que não sabe-mos o nome, nem descrever, por falta de fórmula, atravessa-mos o rio naquele pôrto.

Tudo ali que deveria ser conservado, zelado e estimado, foi, estúpida e livremente, destruído. Havia, num cómodo apropriado, lindo altar que teve a mesma sorte que a casa. Destruíram-no também.

Ao pé dêle, tudo inclina a crermos, e cremos, o Cecén recebesse af o Sacramento do batismo. Ser-nos-á possível argumentos capazes de um consórcio com a razão?...

Deus nos ilumine.

Chama-nos a crer haver-se realizado a celebração do batismo do Cécéo, na capela da fazenda, onde nascera, o tem-pestuoso de Julho naqueles tempos. Julho era então, dos meses do Inverno, o mais chuvoso, o mais ventoso, o mais frio, o mais insalubre. O trânsito, sendo já perigoso desde Junho, multiplicavam-se no correr dele, os riscos ao viajante. Ato-leiros, bròcòtós, buracos, ladeiras íngremes e escorregadiças, paus, pedras, põças, rebentões, resvaladouros, tranças de ramos derreadas, obrigando o cavaleiro ao incomodo incômodo de. momento a momento, dobrar-se sobre o cabeçóte do selim; e, em conseqüência, o castigo de repetidas e repetidas mo-lhações pelas bátegas pesadas da água caída das folhas ao movimento da passagem. Daf viajar por tais caminhos, e em tais tempos, somente os forçados pelas duras leis do indispensável.

Fôra batizado o Cécéo na igreja matriz da sua paró-quia, só de um meio de condução se teriam valido para êle os seus afortunados genitores a tipóia, espécie de charpa, ainda usada hoje pelo catingueiro. O que nos não é possível admitir. Pensarmos também noutra hipótese de condução é enganar-nos. A impossibilidade é flagrantissima. Não permitiriam os quatro mêses da sua idade, nem os ze-los e a educação dos seus venturosos pais, metessem-no, tão mimoso e tenro, numa coberta, lençol ou toalha, ao jeito de rede. pendente do pescoço de alguém, um escravo, sem dúvida, para penosissima viagem de doze léguas, ida e volta, exposto a mil perigos, por caminhos-de-pé-posto, ou caminhos-de-cabras, só agrestias, rudezas e dificulda-des, acrescidos dos precipícios criados pelos rigores da estação, como eram os que ligavam Buritiba

às Cabacei-ras, até 1855, ano em que fôra feita a primeira estrada que é a atual, pelo governo Pedro 11. diminuindo-lhe, de seis, para quatro e meia léguas a distância.

Não bá pais que com os recursos de batizar o seu filho pequenino, sem os riscos e incómodos de uma viagem esea brosa, cheia de sobre-saltos, o desastre aos olhos do viajante. como seria em Julho de 1847, para o insonte Cècéo, que não se valha dêles. E os pais de Castro Alves, dispunham Iran-

camente de todos os meios precisos à solenidade do seu batismo, em casa.

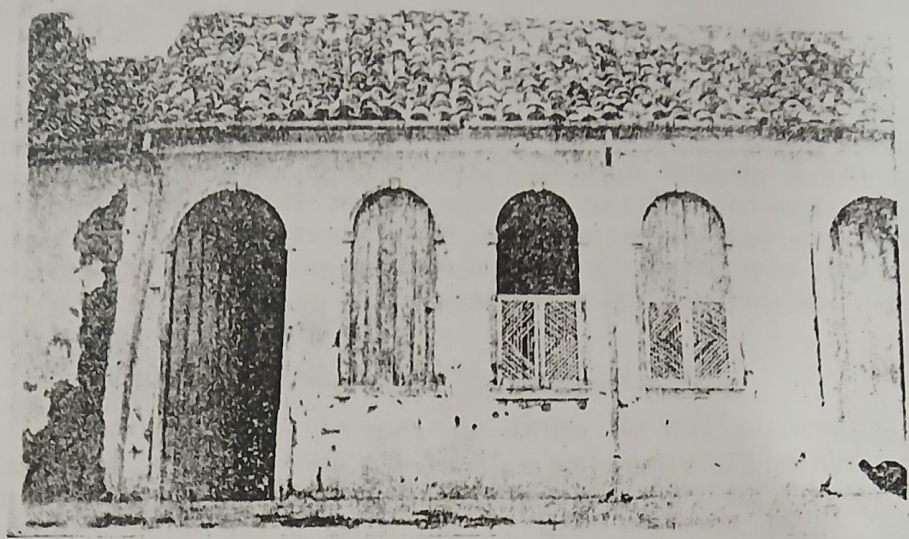
Tinham o seu santuário e a amizade e confiança do padre João do Monte Olivete Paiva, provadas pela preferência. E êste sacerdote amigo, cauteloso e prudente, teria reconhe-cido mais fácil a sua ida às Cabaceiras, que a vinda do pequenino batizando à igreja matriz.

Além disto, ninguém ignora ou nega que os fins das capelas ou santuários nas fazendas de quem os podia pos-suir, não tinham somente o officio de ostentação de riqueza, luxo ou vaidade, senão também para efeitos religiosos: a missa, o casamento, o batismo, sem o penoso dos caminhos, particularizando o nosso caso, seis léguas com extensas declividades escarpadas, pedregulhos, buracos, espinhos e tudo o mais que faz ruins as estradas e penosas as viagens, principalmente; e o ensejo de dar a gabos os predicados de nobreza e fidalguia, cousa comum naqueles tempos.

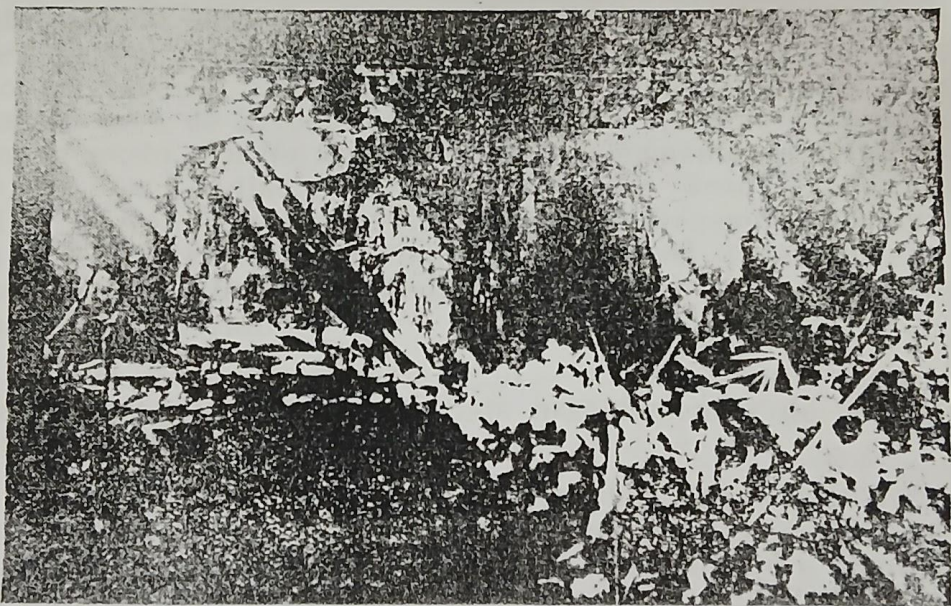
Parece-nos aos olhos aquele altar, luzente de ouro, belo de talha, rico de ornatos e paramentos, bem iluminado a velas de cera, o padre João do Monte Olivete Paiva, o acólito, o tenente-coronel Dionísio de Cerqueira Pinto e dona Fausta Constança da Silva Castro, o dr. Antonio José Alves e dona Clélia Brasilia da Silva Castro, membros da sua familia, ami-gos, e o pequenitate Cècéo, nos braços de uma preta, todo bonito de azul e madrepérola, como a escrava da fazenda. Maria Bernardina, contava que vira; tudo no dia 9 de Julho de 1847, na sala da capela da velha fazenda Cabaceiras, depois de rezado o santo sacrifício da missa, ainda ao aroma do incenso que se queimara em graças ao Senhor.

Há mais outra razão forte, que em muito robustece o nosso pensamento, haver sido de licença a celebração do batismo, conforme declara o respetivo assento, já, a farta, divulgado.

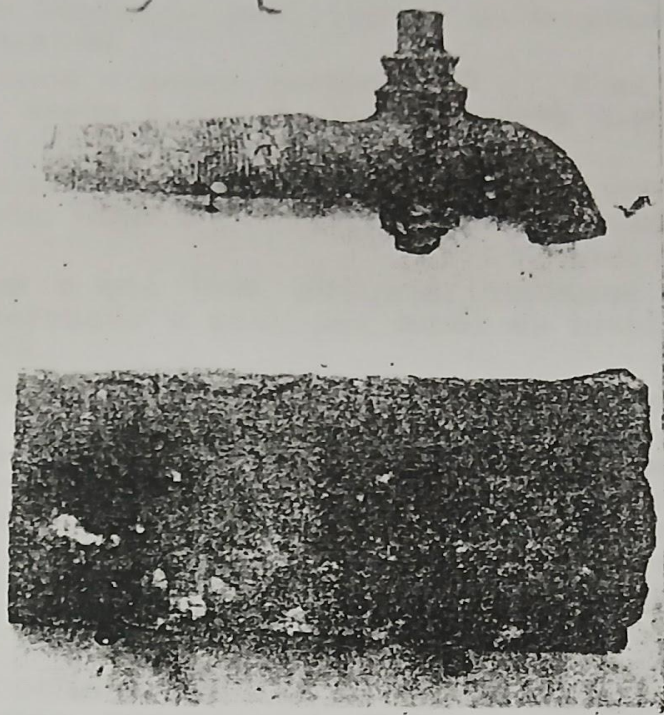
Evidencia o fato dessa licença, amizade entre o sacer-dote Paiva e a familia Alves, pela preferência; ou então por-que o velho vigário da freguesia, incapaz de viajar, por velhice, ou por qualquer outro motivo, cometesse a celebra-ção do ato ao aludido ido padre, e mais porque se o batismo ocorresse na matriz, o ceremonial a dispensaria, acordemente com o constante da prática de cá, alcançado ainda de nós, que, algumas vezes, servimos de padrinhos, na matriz, com sacerdote estranho a ela, sem essa formalidade, porque em tal caso, é como se o ato fora celebrado pelo próprio vi-gário da paróquia, e é por êste assinado o termo de assento respetivo, sem nele figurar o nome do batizante.



*Casa onde residiu Castro Alves, quando na escola
do Prof. José Peirolo da Silva — Muritiba.*



*Banheiro no íntimo da floresta, meio da encosta da montanha,
quási vertical, em cujo elevadíssimo cimo estão o templo
e o convento de São Pedro Velho.*



Pregos ripais, de ferro, com 5 e 6 cents. de comprimento, usados há 300 anos, encontrados num pedaço de ripa de cedro, da casa mais antiga desta zona, a qual pertencia a Alexandre Dias de Gusmão, e fôra demolida, arruinada, há mais de 40 anos.

Torneira, de bronze, com 1250 gs. de peso; 24 centímetros de comprimento e 3 de diâmetro, na boca, 11 de circunferência máxima.

Tijolo de argila arroscada, rica de ferro e de mica em pó, pesadíssima. Tem 3 quilos, 26 cents. de comprimento, 12 de largura, 5 de espessura. Uma e outro do banheiro do convento de São Pedro Velho, tudo em Muritiba.

O padre Olivete Paiva, não era coadjutor, pro-pároco, ou ainda encarregado da freguesia. Viera de fóra, preferido pela amizade. Era amigo da família Alves, quis batizar the o filho; e porque a solenidade seria celebrada fóra da matriz, e em capela particular, houve mistér a licença do vigário da freguesia, indispensável pel pelas circunstâncias. Neste fato o motivo de, no assentamento do batismo do Poeta, não constar a declaração de praxe quér das suas capelas. nesta igreja matriz, ou em qual

O registo do batismo de Cécéo, reza assim:

Aos nove dias do mez de Julho de mil oitocentos e quarenta e sete, de licença minha, (o grifo é nosso) batizou so-lemnemente, o padre João do Monte Olivete Paiva, a Antonio. branco, nascido há quatro mézes, filho legitimo do dr. An-tonio José Alves, e de sua mulher Dona Clélia Brasilia da Silva Castro, etc. Vigario José da Costa Moreira.

Quando o costume era, e está nos livros propios, como consta de várias certidões extraídas dos mesmos, que temos à mão: «Aos quatro dias do mez de Julho de mil oitocentos e sessenta, batisei solemnemente nesta Egreja Matriz, a José, etc.. O Vigário Salustiano Alves Sampaio. Aos vinte e sete dias do mez de Outubro de mil oftocentos e oitenta e trez, batisei solemnemente nesta Egreja Matriz, a Procopio, etc.. O Vigário Tito Livio dos Santos». Aos vinte e dous dias do mez de Setembro do anno de mil oitocentos e oitenta e nove nesta Egreja Matriz, baptisei solemnemente a Corne-lio, etc.. O Coadjutor Pro-Párocho Padre José Martins da Silva. Aos trinta e um dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos e noventa trez baptisei solemnemente nesta Egreja Matriz, a Enedina, etc.. O Vigario Padre Olavo Borges de Carvalho ».

Teor éste, com a declaração nesta igreja matriz -como consta de todos os demais assentamentos de batismo nela realizados.

Os batizamentos celebrados fóra dêla, mas em qualquer das suas capelas, os seus respetivos assentos, rezam assim <<Aos trinta e um dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos e oitenta, o Coadjutor Revevendo Padre Jose Martins da Silva, baptisou solemnemente na Capela das Cabeças desta Freguesia, a Almerindo, etc. O Vigario Tito Livio dos Santos».

Celebrado, porém, o batismo por padre estranho, fóra da matriz e das suas capelas, esta a norma: Aos dezes-

sete dias do mez de Março de mil oitocentos e oitenta e trez, o Reverendo Vigario Padre Guilherme Pinto da Silveira Salles, na Matriz da Freguesia da Cachoeira, baptisou de licença minha (o grifo é nosso) a Umbelino, etc.. O Viga-rio Tito Livio dos Santos.

Lavrado e assinado o termo, não pelo batizante; mas, como o do de Cécéo, mento do batizando. pelo vigário da freguesia do nasci-

Estará vazio o nosso raciocínio?... Não é possível estar, porque assim é, que é; e que consta dos livros res-petivos.

Mas voltemos à selvagem destruição da velha casa, em cuja sala-capela, teria o Cécéo recebido a lustral e os san-tos óleos.

Destruíram o que lhes cumpria, humanos que são, o dever de conservação e zelo, por amor da história e maiór glória da pátria.

O vetérrimo coqueiro que tantos hinos alegres derra-mou então da voz dos músicos alados, alegrando as as madru-gadas aos pais do Poeta, lá está ainda enfiado bem alto no espaço, conservado pela natureza, não derramando agora alegrias, mas nêrias carregadas de satidade e de lágrimas, insulado no meio do taboleiro, verdadeiro para-raios; porém sempre poupado dos raios e das tempestades, qual se as tempestades e os raios tivessem coração e soubessem sentir. Ventos e coriscos que têm no seu officio a liberdade de destruir e devastar, poupam-no! O homem que tem a assis-tência da piedade, porque tem alma; que tem amor, porque tem coração; que tem luz, porque tem cérebro, não poupou, entretanto, o ninho da admirável trindade poética José, Guilherme e Antonio de Castro Alves! E se foi o precioso, e ficaram os monstros.

Dessa perfeita natureza de homem, não foram os ho-mens que o demoliram, que o arrasaram!... Homens bruteza, homens tiges, homens bronze, que, mascando fumo, um patuá cosido num cordão caçurrento, pendente do pescoço, sem a fugida do ar, a descoloração do rosto nem o vacilar dos passos que são da iminência do crime, vibraram picaretas e alavancas, e, cantando, reduzi-ram a torrões e a pó aquele santuário. E, empós, como se vitoriosos de feito nobre, numa gargalhada que expunha de maneira estranha as gengivas negras, os incisivos amarela-

dos do nojento vielo de mascar, limados em ponta, os cani-nos acavalados, em desafogo do mau instinto uivaram:

Tu viu marvada!? Nesse mundo vélo furado que nós tudo dento dële, in de poco, tudo tem sen dia!

Acabara-se tudo all sob o cinzeiro da indiferença daque les a cujos cuidados deveria ser conservado tudo dali.

Para os que cultivam a saúde, há muito que lagri-mar na duçura melancólica daquela dolorosa devastação.

Divulguemos agora o que se não divulgou ainda o mo tivo da impatriótica e inqualificável demolição da velha casa grande da fazenda Cabaceiras.

As sucessões hereditárias ocorridas, veio ela a pertencer a dous herdeiros desarmonizados entre si; e, de lado a lado, sem recurso de um poder adquirir a parte do outro. Assim lhes não sendo possível a promiscuidade, resolveram desmanchá-la, para cada qual, com a metade dos destroços que lhe tocasse, fazer a sua morada.

E lá estão assentes nos terrenos da antiga fazenda, feitas dos restos do velho casarão, as duas habitações, e mais uma casinha onde vendem e bebem cachaça; embriagam-se e cospem.

Viçando da seiva do chão onde foi o ninho do Poeta, vimes, num dia de sol, entre pesados e fejos dias de in-verno, rica e futura roça de fumo.

O belo e o triste confundidos!

Eis af quanto o nosso nada consentiu à nossa pena, traçar do que havia ainda por dizer e noticiar, relativamente ao imortal cantor dos Escravos, que tem a sua mais perfeita biografia, enfeixada na mimosa prenda saída das mãos magistras do muito moço e já notabilíssimo burilador. Pedro Calmon, com o acertado e expressivo nome e Amores de Castro Alves». Vida

Que é coração? Ah! é o cérebro, ditando-nos a obrigação indeclinável de aqui dizermos do valor dessa obra. O tardio da lembrança nos será perdoado. O fato de já haver lido os originais dêste livro, o empolgante escritor brasileiro de quem nos vamos ocupar, não importa. Sobre tudo não nos move nem nos alenta nenhum ânimo de elogiar. Não só pela carência de importância da nossa parte, mas ainda por desnecessário e inútil, e até desrespeitoso do próprio elogiado.

A apreciação, que vamos lançar linhas abaixo, nasceu-nos neste momento em que revemos provas deste trabalho, cujo prefácio já se acha composto e impresso, e o seu eminentíssimo autor, tem as graças da Pátria, dispensa franca-mente as nossas.

Nosso fim é um apenas aproveitar a oportunidade, e dar brilho e vida à HISTÓRIA E ESTRELA DE MURITIBA, servindo-nos do nome de grandes, mormente neste passo, já enriquecido com o de Castro Alves.

A Lisonja não embala aqui o seu incensário, senão a Verdade, em cujo espelho se refletem as imagens da Justiça e da Sinceridade, em toda a sua pureza e formosura.

Maravilhoso espírito o desse grande escritor que há dadivado à pátria, do que é seu sòmente; novo e livre de dívida a modelos. Há seguido o seu rumo fulgurante e afortunado, sem cobrir

pègadas de ninguém; sem se abrigar à sombra de qualquer bandeira, até das mais gloriosas. Cul-tuando a verdade, veio «in-loco, viu, ouviu, investigou, inqueriu, visitou, colheu provas, ajuizou, levou ao cadinho dos seus singulares talentos toda essa indispensável cõlha, e apurou o ouro de lei que nos seduz, nos encanta, e é o livro a que nos referimos.

A beleza e a elegância do estilo, nessa obra, são trata-das primorosamente. E ésse mesmo especial primor é conservado no trato da minúcia, da verdade, da pureza da linguagem e da luz com que realça a exposição e expli-cação dos fatos, enlevando o leitor, de modo que éste experimenta na leitura de tão preciosas páginas, o magne-tismo do vivo, em letras só recordações e saúdades de um morto.

Mimoseados com um exemplar desta rica jóia à Pátria, lemo-la com o.rosto em festas, a alma às excelsitudes da gratidão, cheio, todo íntimo, dêsse bem indefinível que, cer-tas vezes, aos caprichos do desejo é um til; os olhos, acesos de fé, no céu; a voz santificada pela amizade, ansiosos de jeito para dizer dela, dádiva de Deus a Pedro Calmon, rico e opulento cérebro que o passou à pátria, engrandecendo-lhe os valores literários e históricos, diamantizando-a res-plendidamente.

Por que é, Deus, que, todos filhos, plendor a uns, e só ferrugem a outros?... tanto de es-Perdõe-nos Pai, se nêste insensato perguntar, apanhado da inveja, e assim pôsto fóra do coração, haja de de qualquér

dos vicios que Vos ofendem como Senhor, e nodõem a nós, servo humilimo.

Jeremiar é o consolo melhor dos desauxiliados dos fa-vores celifluos.

Mas essa dor é tão profunda, que só gemidos não a cu-ram, nem consolam.

Aragão, e Valência, e a Rússia tiveram Pedros gran-des. O Brasil também tem o seu nas virtudes e nas letras pátrias.

Aqueles foram cognominados grandes, mas eram pe-quenos, por maus.

Provaram à evidência, afistulada a honra, a piedade afer-rollhada dentro do peito.

Um com o jus que fez à excomunhão; o outro porque se tornou carrasco.

O nosso é maiór que aquêle, porque é grande a serviço do bem. Porque, com a Justiça nalma, alcandóra, glorifica. hipinotiza e vence; ama e quér, orgulha, soberaniza e en-riquece.

Sublime éste destino!

Afrontemos éste imenso tesouro todo, e sejamos francos. fortes e verdadeiros: «Vida e Amores de Castro Alves, en-

cerra, homogeneizados, num estrelado de imagens novas, o útil e o agradável. Na substância dêste livro magnífico. sôbre todos os títulos de superioridade nos variados ramos da ciência das letras, há o de êle ser eminentemente bahiano, biógrafo e biografado; e, ainda, o de primar

entre os seus congéneres, com ser o mais perfeito e completo. A éste julgado, só um considerando há a ajuntar: que o Cécéo, estu dante, foi também charadista.

Perfeito e completo, repetimos, porque Pedro Calmon deu-nos, e ao mundo, lin linguagem exemplar, rica de expressão, inteiramente clara, conveniente e convincente, equilibrada a coordenação das idéas, o estilo no seu gênero próprio. Nada de empréstimo, além das citações indispensáveis. Modelo? Propriedade do aurífice. Firme, e iluminado de seus fulgores, tomou rumo, pisando caminhos nunca trilhados, buscando o cabedal preciso. E o encontrou, novo, de lei, e dële sob um plano admirável, construiu o monumento que é, sem favor. Vida e Amores de Castro Alves".

Nesta pinturesca cidade, esteve éle, o festejado Pedro Calmon, e o outro dos seus corações, a outra das suas luzes. sua extremosa e extremecida Herminia.

O coração, a luz de desvelada mãi dos mimos com que Deus the engrandece, apropriando-lhe o nome de pai. Ela e çle sós. Buscaram, viram, inqueriram, colheram provas, jun-Laram ao raro de sua alta altura, e a grande obra al está erecta, para sempre, orgulhando-nos e dando-lhes a condição sublimemente invejável de credores da gratidão nacional.

Um fragmento dêste ouro, assim filigranado, para que-brar a monotonia, dessa música sem melodia, nem respeito ao contraponto: «Raiava uma catástrofe. As mágoas secretas esvaziam-lhe a paisagem de cores fúnebres o seu «exílio». Tudo the parece despovoado e lúgubre, porque está triste. Faltam-lhe o sol e o norte. Não tem as largas águas de Ca-piberibe, nem as ondulações vestidas de palacio, da Bahia...

Ouro tudo aí, não há dúvida, refulgindo na tensão dos seus máximos quilates, artisticamente burilados.

Outra migalha tirada à mesma jóia, nada que vale muito, cuja perfulgência e beleza emparaísam a alma do ledor: Tudo socega socegado. O céu salpicado de estrelas que se diria suando gotas de luz. As massas de arvoredos negrejando no lombo dos môrros, e là, no promontório, o traço do Fa-rol, com o seu penacho de lume. O castelo achatava, na sombra, os muros de quinas vivas, cujas guaritas seculares suspendiam sôbre o mar prateado de cúpulas também bran-cas. O areal estendia-se, resplendendo de luar, até muito longe. Errava, no esp espaço, um perfume de mata, de salsugem, de terra agreste, que parecia uma respiração quente de amor».

Era venturoso nêste pequeno cocuruto de terras tradi-cionais, o poeta. Falava da lua com a «virgem dos seus últimos amores». Mais feliz aí talvez do que no vasto São Paulo. Feliz como Aglaus nos seus nadas.

O nítido, o polido, o magistral dêste quadro, a vida, as tintas, tudo nele tão vivamente impressiona, que expõe aos olhos a fotografia do local em toda a sua plenidão encantadoramente poética e histórica.

Até aquela mistura de perfumes incompatíveis, que lhe admiravelmente completa a estese, parece-nos em afagos às delicadezas da olfação da gente, embriagando o espírito.

Ainda do mesmo seu ouro: «...não queria dormir debaixo da garôa de São Paulo, o último sono: queria o aconche-gasse um abrigo sob o sol risonho de sua terra, e deixassem que no carinho do chão natal se transformasse, devagar, em seiva vegetal, flores companheiras dos poetas, outras vidas, creadas de sua morte...>>>

Isto é belo e bom de verdade!! Música! Mimosidade!! Magnetismo!!! Faz sentir-se, como que desfrechada de punho impiedoso, a áclide terrível da dor, devassando os recessos mais íntimos da vida, em busca das lágrimas.

Por que não ajuntar, minha pena, mais um Maquela trindade de M M. aquela inebriante doçura toda? Ajuntemos: -Mel. Mel, puríssimo, cândido, como o das abelhas e o das flores cheirosas dos candeais virentes dos claros taboleiros, onde Deus achou devéra nascer o que preferira talvez morrer lá, onde tudo é amplo, que debaixo de um céu apertado como é o das grandes capitais.

Estilo correntio e fácil, onde os ventos da novidade varreram o gasto, o usado, o servidoço, elegante assim no trato da ciência, recorda o notável e saudável Miguel Couto.

Este grande escritor brasileiro, como Pedro Calmon, vencia o abrolhoso, os abismos da ciência, com uma ternura doce, mimosa, como o palidejar da lua.

Miguel Couto ilustrava encantando. Pedro Calmon ilustra deliciando a alma da gente a flores e perfumes.

Assim, e por todas as demais divícias de sua portentosa imaginação, o nosso Castro Alves, nem ontem, nem hoje, foi tão largamente biografado como no precioso livro em causa.

Em Vida e Amores de Castro Alves, o sentimos retornado ao vivo.

Páginas, incomuns, na sua construção, ajudadas também dos mimos da distintíssima consorte do autor, á qual louvo e admiro respeitosamente.

Muito critério, meticoloso exame dos fatos, ilações inatacáveis e incontestáveis, elevação de conceitos, cenários, diafaneidade de estilo, tudo milagres da prodigiosa inteligência do grande escritor brasileiro, o maior da Bahia atual. Firmou-se assim a imortalidade do poeta.

A história que a ilustração e a cultura edificam na <<<Vida e Amores de Castro Alves, é a das que o quasi di-vino Vieira chamava «mãe da verdade, émula do tempo. testemunha do passado e exemplo e aviso do presente, ad-vertência do futuro».

Oh! acode-me neste segundo, não haver sido apenas o super-humano Vieira, o que sentenciara desta luminosa fei-

ção. Mas, Cicero também. Eis o seu hino: Testemunho do tempo, escola da vida, mensageira de antiguidade».

Éste o nétar do imaginoso historiar de Pedro Calmon. Nenhum acidente, nenhuma nota fóra do seu ofício, nem a mais, nem a menos. Tudo absolutamente medido, fixado por firme e precioso diapásão. A Harmonia imaculada!

Sempre borbotante dos lumes do veraz, adornada de imagens surpreendentes de novidade e beleza, brilhante como o ouro das telhas de Khamon, brotada do seu grande poder intelectual, essa formosa história da vida e amores de Castro Alves, qual do sangue de Adonis brotaram as Anê-monas.

Falar de acidente e notas é falar de música; e o dis-tinto biógrafo, conta-nos o Castro perdido dela. Fotografa-nos Idalina, solfejando, rindo, bem junto dêle, envolvendo-o em harmonias e carícias. Éste quadro poético; esta fotogra-fia assim mimosa, assim viva, assim impressionante, nos afirma o encanto do Cécéo, igual ao que Augusto, dentro de si, experimentava, quando alvo dos olhos infernalmente voluptuosos de Cleopatra.

Idalina, por ventura, sera possuidora do maravilhoso anel de Gygés?...

Sem nenhuma vacilação nem dúvidas, lavadas do ânimo da lisonja, Vida e Amores de Castro Alves, é vida mesmo sòmente. Vida e correção de linguagem, de narração, do colorido das cenas, quadros, fotografias, episódios e poesia, qual nos mostra o título que lhe é abertura, e o último membro do período que o encerra, que são, um e outro, três belos versos líricos seti-sflabos, de composição harmô-nica nos seus metros. Assim para mais forte e mais fundo ferir a saüdede do ledor.

Garcia de Rezende, pensa haver um aviso no querer Jesus nascer num lugar pobre, como o em que nasceu, para não estimarmos muito as riquezas. Perdõe-nos ainda o Re-dentor, se assim é. Eu estimo de toda a estima de que é sucetível a minha força espiritual, as riquezas do talento, quais as que distinguem Pedro Calmon no cenário das letras pátrias.

O partido «Liberal que se vinha enfraquecendo pro-fundamente, de êrro seu, desde o gabinete de conciliação constituído pelo Marquês do Paraná, reorganizou-se com programa novo, ainda de combate ao « Conservador», que

parecia gozar das graças e preferências da Corón, em defesa dos seus interesses nosta treguesia, é confiada no tenente-coronel da Guarda Nacional Manuel Fernandes de Castro, sob a orientação do conselheiro Francisco Prisco de Souza Paraiso, notável politico, chefe liberal, e tão seu intimo, que lhe escrevia, em carta datada no Rio, em 19 de Junho de 1880, entre outras palavras, as deste quilate: Combine com o Dr. Manuel Caetano, que é nosso leal cor-religionário; e se for preciso conceda-se o terço; porque ainda assim, nossos inimigos não farão coisa alguma. As vezes não podemos empregar o ferro, e só o geito tem mais força que elle, e mais consegue. Combine com o Dr., que é o mesmo se ouvisse a seu compadre e amigo muito amigo que lhe deseja preponderância segura».

As hostes conservadoras eram dirigidas pelo tenente-coronel Marcellino José da Cunha, chefiado por João Mauricio Wanderley, Barão de Cotegipe.

Um e outro destes diretores locais, revelando-se cada qual mais interessado da evolução social e de outros ramos do progresso exigido da sua terra, por direitos adquiridos nas lutas eleitorais, pela coragem, eficiência, constância no combater e devoção à lealdade, nunca transigiram nem recuaram.

Que do partido «Conservador, Buritiba nada conse-guiria, era espêlho a cidade da Barra, de cuja desventura dá notícia a Comissão Roberts». (1879)

Esmaecida era já, senão mirrada, a esperança nascida a Buritiba, da honra e orgulho de andar pelo seu solo S. M. Imperial, quando, como as águas do Céu, que revigoram as hastes murchas, é anunciado o desejo do cons. Antonio Candido da Cruz Machado, presidente da província, pelos conservadores, em 1874, de excursionar pela zona cachoei-rana, então das mais prósperas, cultas e importantes da Bahia.

Ao encontro dessa vontade acorreram todas as vontades, acenderam-se; menos à dos conservadores de Buri-tiba. Estes, silenciaram. Fôra hoje, diríamos «puseram-se na moita ».

Os liberais, porém, com o seu chefe local à frente, honram-se em declarar ser-lhes honra insigne S. Exa. acei-tasse êles o recebessem e hospedassem.

Que achado a aceitação! ó cajadada de mestre! teriam exclamado.

Chama à porta do chefe liberal, o mensageiro do par-tido na Cachoeira. É a aceitação do oferecido no presi-dente. Corre a bon nova. Reünem-se. Delineiam as festas. Estabelecem o programa. Trabalham. Nasce o dia da an-siada visita. As ruas estão limpas e engalanadas. Nenhum conservador. Movimentam-se as familias e o povo. Chegam os chefes dos arraiais e os seus amigos. A filarmónica do partido, rompe num vibrante dobrado em seis por oito.

Cantam os trombones. São erguidos vivas entusiásticos e calorosos à «São João, ao chefe e ao partido liberal. Marcham todos para o ponto da recepção.

Garboso cavalo preto, à frente de luzida cavahada, surge na volta da rua larga e humilde, é S. Excia. ea sua distinta comitiva. Dá-se o encontro. Que festa! Põem-se a pé. Os escravos cuidam dos cavalos. A foguetaria está varando os ares e espoucando forte. Chovem pétalas de rosas. Orações. Hinos. Cumprimentos. Abraços. Uma criança oferece rico ramo de flores perfumadas ao emi-nente visitante, que sorri entre os seus adversários vanglo-riosos. Forma-se brilhante préstito, aos sons da música, rumo do palacete do tenente-coronel Manuel Fernandes de Castro, onde o ilustre Presidente da província, é acolhido com muita alegria e carinho, outros discursos, outros hinos, ovações, e hospedado condignamente.

Reçumantes de contentamento, correm as horas. Ter-minado o almoço, anuncia-se num tom de admiração: vem o coronel Marcellino da Cunha! Lá

Levada esta notícia ao conhecimento de S. Ex., de que o chefe conservador local, vinha acolá, ligeiro incômodo assaltára-lhe, obrigando-o a recolher-se ao quarto que lhe estava destinado ao repouso.

Há um movimento estranho. Era o chefe conservador que chegava. Recebido educadamente, e anunciado, o sr. Presidente não no pôde receber.

Voltam ao poder os liberais, com Lafayette, Leoncio de Carvalho, Gaspar Martins e Sinimbu, em 1878. Havia dez anos de apeados déle.

Vem para a Bahia, como presidente da província, o notável brasileiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, barão Homem de Mello.

A zona cachoeirana sempre afamada; e, por isso, atraente, logrou de logo a honra de uma visita de S. Ex

E, em Buritiba, o recebeu, como era regular, o tenente coronel Monuel Fernandes de Castro, que, com os seus amigos e correligionários, o cercou de todas as homenagens. Mos-trou-lhe as necessidades da freguesia, e no que de mais urgente ela deveria ser atendida; fazendo cabedal do vulto da sua população, da sua força eleitoral e das rendas com que concorria para os cofres públicos em geral.

Apoiado, e ouvida formal promessa de que tudo se faria de acordo com os seus intuitos e aspirações, voltando-se para os amigos, diz num tom seguro de convicção:

Agora, sim.

Começa o prazo da espera. Rebenta-lhe em brótos, a essa importante visita, a árvore que lhe era quasi morta, árvore verde da esperança. a

E o tempo lá se foi por diante, e essa formosa e querida árvore revivescida, tornou a murchar, murchou e morreu.

Entra 1880. Distraem-se os seus fados, e nasce na fazenda Còbòcò, pertencente à sua capela filial de N. S. da Conceição das Laranjeiras, de família distinta, o que lhe hoje é glória imensa Clementino Rocha Fraga.

Cècéo, nas Cabaceiras; lôiô, nas Laranjeiras.

Clementino Fraga, grande desde pequeno! Nos seus estudos das letras primárias, distinguiu-se sobre todos os seus colegas, pela conduta, pelo procedimento, pelo incomum da inteligência.

José Pedro de Souza, o seu professor a severidade personificada, sorria-lhe admirado e com festas no coração.

Nós, que fomos seu colega, que de inveja ajuntamos à Nós, que dos demais alunos, diante do brilho que êle emprestava a todos nós, e do quanto envaidecia o venturoso mestre!

Hoje, porém, como nos honramos dêle! Êle, o segundo bem que o Supremo concedera a Buritiba, num período de mais de dous séculos.

Em a nossa estante de letras bahianas, enfileirados ao lado dos livros de Pedro Calmon, Carneiro, Ruy, etc., hon-

Jamo nos de ter e ver entre os seus trabalhos, tão úteis quão preciosos, os denominados Erros e Preceitos de Medicina Social, Sciencia e Arte em Medicina», «Doenças do Fi-gado, Orações á Mocidade», «Questões Actuais de Patho-logia e de Clinica», «Discursos e Conferências, a nós gentilmente dadivados pelas formosuras do generoso do seu esplendido coração. Fez o nosso espírito, inebriado das opu-lências de aceso prazer, a sua leitura que nos revelou certos arcanos de um feitio novo de sentir e aproveitar o útil e de saborear e fruir o agradável, virtudes consorciadas neles a primor. E, deste ar, enlevado de encanto a encanto, qual se fora à magia dos sons da lira de Timóteo, viveu desde o fes-tivo instante em que a Fortuna, aberta nnm sorriso fidalgo, lhos entregou, até ontem, quando Marte, ameaçador, auri-trémulo, vencia o zênite dêste céu, a cujas marav maravilhas azuis e auricolores nasceram o que tangeu as trombetas de uma poesia robusta e enérgica, pela vitória da Liberdade, e êsse construtor eximio de bronzeas trincheiras contra as agres-sões das doenças, em defesa da saúde. Obras, estas últimas, que já constituíram o seu autor, benemérito da gratidão da lhumanidade, não

importando Sergeant, no seu arrojado avanço, julgar-nos capazes de voltar as costas ao nosso bem feitor, e de esquecer a moeda ainda aquecida do calor da mão caridosa que nó-la esmolar. Ciência e caridade! Delas diz Heitor Pinto, clássico antigo: <a sciencia é areia; a caridade, cal. Juntas e mistu-radas sustentam, fortificam e perpetuam as pedras do edi-fício».

Bravos a ésse nosso distintíssimo contrerrâneo, que tão mimosamente ajunta e mistura essa areia e essa cal na sua arte e na sua obra.

Uma solicitação agora: permita-nos o seu notabilíssimo autor, digamos quanto o nosso intimo pôde ver, sentir e go-zar no ouro daqueles seus livros, a-pesar de os olhos do homem sem inteligência e sem letras, não terem função de apreciar o belo, por serem como os de certas serpentes e de certos ratos. Existem, mas não vêem.

Maravilha o copioso de léxico em todos os artigos, o vigor dos epitetos, o brilho do figurado. Emparelha-se, a essa riqueza, o magnífico do estilo, próprio, apropriado, sisudo e nobre, com pouco de costumário e muito de novidades, sem nenhum abuso; tudo justo e eficaz, belo e expressivo.

Horacio Flacco, Albalat e o cônego Manuel da Costa Honorato, autorizam essa afirmação justa e fundamente sin-cera.

A disposição dos pensamentos, o ajustamento oracional e a harmonia da frase, música de veludo e mel; principal-mente em *SCIENCIA E ARTE EM MEDICINA*, tocando ao sublime, quando, com a alma e o coração sentidos como os versos de Sapho, chorando o seu infortunado amor, diz do grande e imponente Miguel Couto, o honesto e santo sábio. Chega-se a experimentar nêsse passo de verdade e mágoa, o escritor e orador às amarugens de uma saüdade querida e doce como o lume da cabeleira dos cometas.

Armas da dedicação, da tenacidade no humano, senão divino lutar, pelo bem do próximo, fragoadas do aço da per-severança, do constante de investigações, para vencer o sofrimento e o padecer de todos nós, com enriquecimento do tesouro da Pátria, são os seus magníficos livros. Remédio ressuntivo que não apenas cura; mas também serve de alimento, há neles. Há conselhos que, seguidos a pleno, são fonte de força e de vida. Há, ainda, prescrições que, na essência, importam pão a necessitados. Rico amál-gama de ciência e caridade.

Nas questões ventiladas, ininterruptamente dominante a luz do saber, o método, a pureza da doutrina. Tudo perfeito e sadio a demonstrar na sua imaculabilidade o incomum das virtudes e o precioso da graça de instruir e orientar, e de enriquecer a ciência, deleitando com o distinto da elegância e o milagre da beleza. Acantoado o interêsse pessoal, somente a classe, a história, o mundo em mira.

O MEDICO E O DOENTE, raios de sol de verão ao pino do meio dia, derramados de céu escampo nas brenhas da ignorância. Que ventura!

O médico a cuja presença, ainda no mais abrolhoso do seu sagrado ministério, em que o cuidado é ordinariamente mais cruel que a dor, nem sempre resistem as lágrimas e o desespero. Presença que, quando impressionante pela perfeição do todo, pela tonalidade da voz, pelo equilíbrio das maneiras e da ação, pela serenidade, pela viveza do olhar é demulcente ao leito, e bonança ao lar que a doença angustia e apunhala.

Como o médico de hoje desmente o de ontem! O de ontem que Francisco de Moraes dizia mais perigoso na paz que os inimigos na guerra, porque destes nos defendemos e àqueles nos entregamos, cuidando achar remédio para a vida, e achamos a morte. O de hoje acha a própria morte, buscando a vida do cliente.

Os adornos que esse artigo expõe são para se dizerem de inspiração não de cá, tal a magnificência deles. A esperança, sim; porque a esperança é também o pulso forte que nos ampara nos resvaladouros da nossa existência.

O HABITO DE FUMAR, outro manancial de saber, verdade e bens. «Sem saúde não pôde haver elegância». legacias. Esta a chave de ouro de alto quilate late que o fecha, a propósito da mulher fumar para emagrecer; e, magra, tornar-se elegante.

Atacar o vício e acatar a virtude, deve ser a missão precípua da mulher. Somente ente na virtude ela encontra beleza e elegância; porque a virtude, sobre ser saúde da alma, é o ombro que sustenta a sua grandeza. Há simples gestos que maculam o candor, como o látex da mancenilheira ulcêra a pele.

Que diremos então de um vício?

Mas a mulher hodierna, como as eólias de há dous milênios, introduziu-se na sociedade masculina; e nesta, louca-mente, dá-se ao culto dos vícios e das paixões, que deprimem, anemizam, deformam, consomem e matam. Desatentas à saúde, fonte de beleza, e aos olhos, que atraem, que, pasmos e penalizados, se fitam nos farelos de sua carne, no lixo de sua pudicícia, no horrível da sua desventura, vende-se e revende-se, e, depois, num leito de hospital, já mortos os sentimentos cândidos, arruinado o espírito, e se lhe da boca não escorrer então sangue e pus, escorrerá o nojento de miserável coprolalia. Desta feição, infrutíferas a ciência e a caridade ao seu infortúnio.

Ontem, Maria Iligênia ao saber da sentença condenatória de seu pai-Alvarenga Peixoto, morreu de dor; dor das que no crisol do coração purificam para o céu.

Qual a que, hoje, introduzida na sociedade masculina, cativa do vício, para haver elegância, não rirá ao padecimento alheio, e chorará à morte dos pais?

O que acabamos de escrever é néctar ofertado dalma na taça undiflava da sinceridade. E quanto bem queremos a ela que assim nos deu do melhor de sua essência, prova evidente de haver achado ventura nas páginas dos livros, cujo alto valor deram aso a esta digressão. Se nos não

fôra o mal da sovinice da Natureza no partilhar da luz :: nós, não seria aí êsse latão, mas o ouro de lei merecido.

Não cessavam as lutas partidárias, cada vez mais infla madras, e a sorte caprichosa em tudo the negar, não cansava de sempre a sempre the proporcionar honras de visitada pe-los grandes chefes do Estado, para a moer depois com o suplício da espera, e derainuf-la com a decepção do de-sengano.

Cai o partido liberal, do qual tudo esperava. São os conservadores convidados ao poder. (20 de Agosto de 1885).

É confiada a Cotegipe a organização do novo mi-nistério.

Trocam de lugar a Tristeza e a Alegria..

Miséria!! Miséria!!! Que é?!... 13 de Maio de 1888. Os seus ricos, imprevidentes, reduzidos a pobres. A sua lavoura, por falta de braços, extinta. Os seus engenhos, abandonados.

(1889. Deus! Deus!! Oh! Estrela horrorosa!!! - A variola invade-lhe os lares, sem distinção de classe, e quási os despovõa!

15 de Novembro. Estupor! O povo da Capital do país estremece e pasma, logo à manhã, ao ouvir a sorprendente notícia de Pedro II despojado do trono, da deposição e prisão dos seus ministros, da instalação do novo regime e novo governo orientado pelas forças armadas, com o ma-rechal Deodoro da Fonseca à frente delas.

20 de Dezembro, S. Felix elevada à categoria de vila. Sob as mais fagueiras esperanças, e melhores auspícios, inicia-se a vida republicana.

A êsse tempo, um buritibano sexagenário, comerciante de tecidos, que fora senhor de escravos, à vista da mudança dos costumes, achou do seu dever mudar de nome também; e mudou, com fundamento nesta lógica:

Se menino, chamavam-the Olavinho; feito homem, passaram a chamar-lhe Olavo. Logo, estando velho, deveria chamar-se Olavão. E mandou pintar na fachada da sua casa comercial, em ostentosa parangona, Olavão José da Silva.

1890. É criada a cidade de São Felix, por Decreto de 25 de Outubro, dez meses depois da sua elevação a vila.

E a velha Buritiba? A mesma desventurada de sem-pre, com o nome corrompido, a fronte pendida ao hostil da fortuna, envergonhada da inércia da seu povo, negligente até para reclamar contra a desatenção dada aos seus direitos, adquiridos como grande contribuinte dos cofres públicos, além do numeroso do seu eleitorado, sem atinar que é na Iraqueza e na indolência que o infortúnio cria raízes, cresce, frutifica e vence.

E' isto: onde a estrada da vida se bifurca, o buritibano não toma o caminho da alma, à direita; senão o da esquer-da, feito para os pés.

São Felix, que assim não há errado, está ao pino do seu fastígio, com brio e brilho.

Fundados novos partidos dentro das normas constitu-cionais do novo regime, são entregues os destinos políticos de Buritiba, a um seu extremado filho tenente-coronel Clementino Pereira Fraga.

Este político, de atitudes francas, operoso e leal, não se poupa na luta da felicidade e progresso do povo por éle dirigido politicamente. De perfeita e absoluta incontestabi-lidade são os direitos defendidos por esse ilustre homem de bem, direitos da sua terra, de cuja eleição dispunha, sem esforço nem dispêndio.

Buritiba tinha, e tem, possibilidades de grandes rendas e probabilidades de novas fontes de receita.

Naquela época arrecadavam na séde da freguesia, os impostos de trinta armazens de sêcos, molhados, louças, vidros e ferragens, e de grande número de outros estabele-cimentos menores; de nove lojas de tecidos, artefatos de tecidos e miüdezas, de duas casas adornativas, duas farmá-cias, duas padarias, três fábricas de torrar e moer café; de quatro grandes fábricas de charutos, e de várias pequenas; de seis armazens de beneficiamento de fumo e café; de onze açougues; de vinte e oito oficinas diversas; de uma salgadeira de couros, e os relativos a duas feiras semanais fortemente concorridas; e mais os de dous importantes e grandes distritos, com regular comércio de portas abertas, com fortes armazens de compra, escolha e enfardamento de fumo; muitas propriedades agrícolas, boa criação de gado, e de outras fontes de receita que enfadaria enumeradas.

Sóbe à presidência do Conselho Municipal o tenente-coronel Clementino Pereira Fraga, e cuida carinhoso das necessidades do seu importantíssimo reduto político.

Lúta. E somente depois de dez anos de arrecadação. numa soma superior a quinhentos contos de réis, a Inten-dência adquire, por preço infeliz para o vendedor, uns restos de sobrado velho, cujas obras não foram terminadas, e denomina essa desventura com o nome faustoso de Mercado Municipal.

Não estaciona af o operoso da sua vontade e ação. Antepõem-se-lhe os obstáculos gerados da sina ingrata de Buritiba. Ele resiste. Impossível demovê-lo. As razões que lhe dão direito são poderosíssimas. Traem-no. Era às vésperas das eleições municipais de 1899.

É investido das posições de chefe, violenta e indigna-mente extorquida ao coronel Clementino, porque lutara pelo bem da terra que representava, e era a sua de nascimento, o saudável padre Olavo Borges de Carvalho, que tomou posse do cargo de conselheiro Municipal, em 1.º de Janeiro de 1900.

Teria feito boa politica, não fora os elementos de que se acercara. Tão nocivos e perniciosos que tornaram a sua administração odienta e odiosa, com sacrificio até da Igreja.

Cousas ainda do destino de Buritiba que vem assistindo à mudança de tudo, ansiosa da hora da do seu infortunio que se mantém firme na sua terrível teimosia de angustiar e diminuir.

Caem e sobem intendentes. As fontes de receita multiplicam-se continuamente. O tesouro municipal queixado de definhante. A cidade atendida nos seus reclamos. Buritiba relegada ao mais criminoso desprezo.

É a Bahia surpreendida ida com o rompimento político-par-tidário do dr. Severino Vieira, chefe do antigo «Partido Re-publicano da Bahia, com o governador do Estado dr. José Marcellino de Souza, dado em 10 de Abril de 1907, motivado pela sucessão governamental.

Por efeito desse acontecimento sóbe ao poder municipal de São Felix, talvez o mais importante político do interior, coronel Rosalvo de Menezes Fraga, tomando posse do cargo de intendente, para o qual fóra eleito em pleito livre, a 1.º de Janeiro de 1908.

Pouco fez S. S., por motivo de moléstia que o forçou a uma viagem de tratamento à Europa, donde voltou aparen-temente curado, para o desgosto que logo o levou à sepul-tura: (10-11-911) a cisão do partido em que militava; resultando a transformação dos seus amigos ricos, que for-mavam a maioria do Conselho Municipal, numa plebe de Iscariotes.

Empossado no governo do Estado o dr. J. J. Seabra, e à frente da política desta zona, o eminente deputado federal, grande político e advogado dr. Manoel Ubaldino Nascimento de Assis, a Honestidade administrativa e partidária que se havia reservado por olendida, restabeleceu-se em todas os ramos da atividade pública, passou a freguesia de Buritiba à direção do autor deste livro, honra que o arrastou aos golpes da má vontade daqueles ricos que, traiçoeiramente, abandonaram am as suas fileiras, e eram dos tais de unhas aparadas de que nos fala Vieira na sua Arte de Furtar».

Juntaram-se a estes, buritibanos, e por bem os servir, Buritiba nunca teve tão cruéis inimigos. Negavam-lhe o mais comezinho benefício, sugerido em seu favor, obedientes, senão servis, aos algozes dela.

A esperança, porém, inspirada da estima do Chefe, não se desvigorizara a calor nenhum. Era cada vez mais intenso o seu vigor, de um dia elevar e fazer feliz a terra de Castro Alves, tão desfavorecida da fortuna, com o seu apoio.

Este o desejo, e o só motivo da nossa entrada na luta. E lutamos com este fim tornar grande a terra do nosso nascimento.

Havendo o dr. J. J. Seabra, deixado ao critério do Partido, que o indicou e elegeu, escolher o seu sucessor, em movimentada e muito concorrida Convenção, dada em 28 de Agosto de 1915, foi, com aplausos unânimes, apresentado ao brioso eleitorado bahiano, o nome, por todos os títulos e requisitos de distinção, digno e honesto, querido e capaz, do dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão, político dos mais eminentes do País. A fundamentação do ato convencional, firmou-se nas suas formosas virtudes civis e sociais, perful-gências de espírito, cultura, lealdade e patriotismo.

O acertado e feliz dessa candidatura, pôs em evidência a dignidade e inteireza de zelo da grandeza da Bahia. dos seus adversários, homenageando-o com a resolução de não apresentarem candidato em oposição a ela.

É esse acontecimento a prova provada do direito adquirido pelo portador do nome apresentado. Reconbereram-the em geral. jus a um pleito exato, unânime e pacífico, pelos reais serviços prestados, por ele ao Estado, a Nação e no Povo, como professor de Direito, na Imprensa, na Tribuna na Assembléa Estadual e na Camara dos Deputados Federais, onde também dirigiu, como leader, os seus insignes pares, impondo-se, pela prudência, reflexão e segurança, à admiração nacional.

Na fase da escolha, entretanto, houve um momento de ligeiras inclinações para o nome do eminente dr. Paulo Fontes, que logo passou, sobressaindo-se o deputado Ubaldino de Assis, nesse particular.

Algum tempo depois de haver assumido a curul go-vernamental o seu distintissimo titular. dr. Antonio Moniz. honrou-nos com amistoso convite, por intermédio de um amigo comum, Faria de la Tour, para um entendimento. Março de 1919, ia-se esgotando.

Ouvimos-the «se nos interessava dirigir politicamente o municipio de S. Felix, sem intervenção de terceiros.

Era a exclusão do nosso grande chefe Ubaldino de Assis!

Desinteressamo-nos.

Estavam abertas as portas para a entrada do adver-sário.

Como tudo de cá existe para prevalecer a lei do desa-parecimento, não tardou muito caissem sôbre as nossas mais queridas esperanças, as durezas irrecorríveis dessa deter-minação divina, cavada das nossas culpas.

Deus houve por bem viesse ao nosso encontro o desen-gano, doloroso, mas sincero.

Numa noite, à mesa daquele respeitavel político. chefe dos importantes municipios da Cachoeira, São Gonçalo, Maragogipe. São Felix. Cruz das Almas. Alfonso Penna e Castro Alves, senhor de grande prestigio, que tocou ás raias de mandar à Camara Estadual, cinco dos seis deputados do seu distrito eleitoral, (segundo) jantavamos, e todas as ca deiras, em torno da lauta mesa, estavam ocupadas. Chega à sala o escritor Alberto Rabelo, e depois de enaltecer o belo da grande mesa, põe-nos ao ombro a sua destra, e diz:

Futuro intendente de Muritiba.

A estas palavras, ergue-se, de relance, o chefe, e em tom forte e decidido, descobre-se.

Estão enganados! Em quanto me for possivel, Muri-tiba e Conceição não serão municípios; porque nunca farei de dous municípios bons, quatro ruins.

Respondia, assim, por tabela, o meu prezado amigo e efe, não ao dr. Alberto, mas a uma carta circunstanciada chefe, sobre as condições e possibilidades de Buritiba, que lhe asse-guravam o direito de elevação, que a nossos esforços The fora dirigida e assinada, quando no Rio, com assento na Ca-mara Federal, pelos quatro deputados estaduais, então, re-presentantes do nosso partido na Assembléa Legislativa do Estado, Antero de Assis, Virgilio Reis, Ramiro Villas-boas e Ramiro Pimentel, os quais, para êste fim a visi taram.

Ouvira tão desencantadoramente, tão cheia de aguçadas pontas, a condenação formal do berço do seu nascimento, o filho que o não queria estagnado, senão galhardamente ca-minhando para cima, o que só lhe prendia na política.

E que mais? Agravada com a circunstância de haver sido proferida pela força na qual depositava o todo da sua confiança, para o alçar à altura a que tinha êle jus incontestá-vel, por todos os títulos. A fôrça que pelos relevantes serviços eleitorais que lhe eram prestados, com

toda a dedicação e sem ónus nenhum, nem uma penal, para ela, em muitos e repetidos pleitos de cujas urnas saíra toda vez vitoriosa, estava no dever de alça-lo.

À face de semelhante propósito, possível não seria por motivos de ordem pessoal sacrificadas as conveniências e prerogativas de uma importante localidade, com rendas federais, naquela época, 1919, superiores a duzentos contos de réis; estaduais e municipais nunca inferiores a cem. com tendência a subirem muito, dado o aumento constante das fontes de receita, pelo alargamento do seu comércio, da sua indústria e lavoura, pelo aproveitamento das suas riquíssimas fontes de energia hidro-elétricas, pela sua população, densa e operosa, capaz de grande eleitorado. Uma importante freguesia com cinco capelas e três imensos distritos de Paz, tendo, na séde, cinco praças e vinte e quatro ruas amplas e longas, cheias de habitações lotadas e super-lotadas, muitas propriedades agrícolas com grande produção de Tumo e café, clima e água que são verdadeiros tónicos, terrenos úberes, capazes de outras várias culturas rendosas.

A esperança caída, morta; o desengano triunfante, era o quadro.

Abre-se a luta com fervorosa campanha para a composição da chapa de candidatos à renovação da Câmara e à do terço do Senado estaduais.

Entra um buritibano. Eis a grande oportunidade para a alforria de Buritiba.

Dão-se os precisos entendimentos, com este ânimo, em favor da harmonia dos grupos partidários locais, cedendo-se tudo, sob o princípio de tudo pela elevação da terra comum, à categoria de vila e município.

Realizam-se as eleições, e é lealmente respeitado o estabelecido debaixo da mais límpida confiança.

Reconhecido e empossado na Câmara, o que deveria chefiar as correntes harmonizadas, pisando o pacto com existência subordinada à sua responsabilidade, apresenta o projeto da elevação combinada, desencadeando, em seguida, contra estas mesmas facções, a mais violenta e mais injustificável e injustificada perseguição de que há notícia nesta zona, com o apoio franco do presidente do Senado, naquela época.

E porque silenciar ao que concerne ao governador?

Este, magoado com o deputado Ubaldino de Assis, que, de logo, lhe não apoiou o nome à governança do Estado, cerrou lábios e ouvidos.

A Impunidade firme assim no seu trono, impéra tiranicamente!

À Câmara dos Senhores Deputados Estaduais, esse projeto foi apresentado em sessão de 3 de Junho de 1919, com as assinaturas de vinte e sete dos seus membros.

Coube-lhe o número 49.

Aprovou-o, em 18 do mesmo mês de Junho de 1919, Comissão de Constituição, Justiça e Legislação, composta dos senhores Archimedes Pessoa, Carlos Seabra, Cosme de Farias, Demetrio Urpia, Durval Fraga, Francisco Rocha, Francisco Sodré e Vilobaldo Campos.

O Senado de sua vez, em 11 de Julho seguinte, dá a sua aprovação ao parecer da Câmara, firmada pela respetiva comissão Antonio Pessoa, Carlos Guimarães, Eduardo Velloso e Jeronymo Gonçalves, sendo após baixada a lei da elevação, que tomou o número 1349, de 8 de Agosto de 1919,

assinada pelo dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão, governador do Estado, e pelo seu secretário dr. Gonçalo Moniz Sodr  de Aragão.

Entusiasmos. Exaltações. Inconveniências. Distúrbios. Gritos, berros, urros:

- Morram os excomungados! (eram estes os traídos).

Apavorantes descargas de armas de fogo estrondeiam reforçando tais hediondas vozes, que se repetem:

-Morram!! Morram!!!

No primeiro dia de 1920, há simulacros de instalação da vila. Carentes, por isso mesmo, de importância.

O dr. Moniz, restitui a curul governamental ao seu grande amigo dr. J. J. Seabra, que é empossado em 29 de Março de 1920.

Visitamos S. Exa., e no correr das nossas falas, dos seus lábios, ouvimos:

Vamos acabar com aquilo lá; pois não devem ser município, quatro casas debaixo de jaqueiras.

Ao que, respeitosamente, objetamos:

Não, dr.! Perdão! É uma localidade importante.

Assim defendida, é conservada a lei da municipalização.

Até parece, Buritiba, daí para cá, dever a quem, des-truindo disposições geradas de forte impressão ocasionada da baixeza de algum espírito vilanaz, que a derrocara, con-seguira, com a verdade, manter e consolidar a sua hierarquia de vila e município.

Abril do mesmo ano de 1920 estava em doze, quando, para efeitos de harmonia política relativa à nomeação do primeiro intendente, se reunira extraordinariamente o partido Democrata». Após essa reunião, a sua comissão executiva, enviou ao chefe dessa agremiação partidária, e governador do Estado, dr. J. J. Seabra, uma carta, em que o partido opinava em favor do candidato Turibio Ferreira Gomes. Dêsse importante documento fomos portador para o chefe do governo. Recebemo-lo da confiança do senador Antonio Pessoa, e entregamo-lo ao seu destinatário, que, no momento, almoçava, na casa da sua residência à Vitória, 8.

Logo após da chegada de S. Exa., nesse dia, ao palácio Rio Branco, foi assinado o ato da nomeação do capitão. Turibio Ferreira Gomes, que no dia catorze, às duas horas

da tarde, o povo que, pela manhã, fizera celebrar, na matriz, missa solene em ação de graças, com animadas festas abrilhan-tou a cerimonia de sua posse no cargo de primeiro intendente de Buritiba, perante o primeiro conselho municipal legal, composto dos senhores Antonio Pedro de Sá Barreto Junior, presidente; Avelino José de Matos, 2.º secretário; João Altino do Fonseca, vice-presidente; Joaquim Sanctes de Souza Castro, 1.º secretário; professor 1.º secretário; professor José Ferreira da Costa, José Fig Figueiredo da Silva, José Pereira Mascarenhas e Manoel Geraldo da Silva, conselheiros.

Encerrados os trabalhos da posse, o Intendente baixou as necessárias portarias de nomeação dos primeiros funcio-nários do município, cabendo, a de secretário, a Raymundo Ferreira Coelho; a de secretário da Intendência, Intendêr a Aurino da Silva Santos; a de tesoureiro, a Antonio Michel; a de amanuense, a Atanagildo Alcantara Vieira; a de fiscal-geral, a Francisco Antonio Dias; a de sub-fiscal, a Durval Dionisio da Mota; a de porteiro e contínuo, a Cosme Fran-cisco Pinto; a de encarregado do asseio, a Alvaro Borges de Carvalho; a de encarregado do mercado, a Durval Cesar de Magalhães; a de zelador do cemitério, a João da Mata Trindade; a de agente arrecadador, a Oscar Galdino do Nascimento.

Teve a honra de ser-lhe o primeiro juiz de Paz, o seu digno filho João Fernando de Oliveira. Criadas as coletorias, foram logo nomeados Anfilofio Fernandes de Castro e Manoel Rodrigues de Oliveira Passos, coletor e escrivão da federal. Para a estadual, no cargo de coletor, o governo proveu João Batista Pereira Fraga; e, no de escrivão, Ernesto Florencio Pitanga.

Depois talvez de quási três séculos de fundada e de duzentos e catorze anos de ereta em freguesia, Buritiba entrava assim a gozar as honras de vila e município.

Faltavam-lhe ainda as de termo e cidade, a que tinha direito, e que, por isso, logo lhe foram conferidas.

A administração do seu primeiro intendente, capitão Turibio Ferreira Gomes, foi efêmera, doze mésees apenas.

Doze mésees perturbados por agitadíssimas lutas parti-dárias, e de decadência do prestígio do seu partido, atijada a fogueira pelo presidente do Senado, além das dificuldades e embaraços naturais que os acontecimentos antepõem a tudo que se inicia.

A receita com que, por força de lei, administrou, foi insignificantíssima: vinte e um contos de réis, prevista no orçamento de São Felix, de cujo município fora Buritiba desmembrada. Governou dentro dela, e levou a efeito quanto lhe foi possível, sem mínima discrepância dos seus deveres de homem de bem, como superiormente brilhara em todos os ramos da vida. Instalou a intendência em casa condigna, com todo o material e mobiliário precisos. Montou o serviço de asseio com o necessário veículo, animal e todos os utensílios pró-prios. Feito o que, volta-se às obras públicas. Evita o desabamento dos restos de um sobrado velho que servia de mercado, cujas ruínas acabam de ser retiradas do seu lugar, melhorando-o sobremodo; dota a ampla rua das Flores», com bem feito calçamento; muda outras a melhor; assim fontes e estradas; luta contra a usura e a favor da indústria, do comércio e da lavoura; amortiza a dívida originária do desmembramento, e inicia as diligências por bem do ensino, tempo em que é restaurado o regime da eleição para intendente. Os seus municípios, satisfeitos, apresentam ainda o seu nome, que, de logo, mereceu franco apoio do ex-governador do Estado, qual demonstra o telegrama seguinte:

<< Cel. Amphilophio Castro Muritiba n.º 8985 Bahia 30 Jul. 1920-Muito grato comunicação escolha Cel. Turibio candidato intendente, pedindo caro amigo fineza transmittir meus agra-decimentos demais amigos participaram essa justa deliberação Partido. Att. Sauds. Antonio Moniz».

Em consequência, no dia vinte e dous de Agosto de 1920, o eleitorado, são e digno, em número de duzentos e oito, lhe sufraga o nome, tornando-o vitorioso, numa eleição escrupulosamente procedida dentro dos trâmites legais, e fiscalizada com todo o rigor da parte do governo do Estado, pelo senador Carlos Pinto, conselheiro Freitas da Silva e o capitão da polícia Alcino de Cerqueira, que de tudo documentaram o candidato vencedor.

A propósito dessa vitória, o eminente Dr. Antonio Moniz, senador da República, ainda uma vez, telegrafou: n.º 692.400 24-8-28 Anfilofio Castro Muritiba. Aceite minhas congratulações muito sinceras pela sua vitória eleição Intendente, pleito livre rigorosamente fiscalizado. Affetuosos abraços. Antonio Moniz».

Essa vitória foi alcançada contra a vontade do presidente do Senado, e com truques e indignidades, qual seja, entre as mais graves, a falsificação de um telegrama, com a firma do Integro Juiz Federal Paulo Fontes, falsificada, em que, ainda falsamente, noticiavam os falsificadores concedida um ordem de habens-corporis, impetrada contra os interesses do

candidato Turibio Gomes, a que deram amplo e longo curso na vesper véspera do pleito, com festas e foguetaria, por todo o município.

Continuon à frente dos negócios municipais o mesmo titular e candidato, legalmente eleito em urnas livres e fis calizadas, até o pronunciamento do Senado, respeitante a petição de recurso que lhe fora interposto pelos vencidos

Éste órgão do poder legislativo do Estado, relegando a um canto a sua importância e moralidade, em satisfação dos caprichos partidários do seu presidente, dócil e desrespeitoso do público, não obstante as provas flagrantes aos olhos, como fossem as assinaturas da comissão fiscalizadora da eleição, presidida por um dos seus pares, ao iniciar dos seus trabalhos em 1921, dá ganho de causa aos que per-deram, cuja derrota fóra noticiada circunstanciadamente por toda a imprensa do Estado, o Democrata, jornal officioso, eo Diario Oficial, sobre todos os outros seus colegas. Ambos órgãos do Governo, conseqüentemente do Senado.

Assim, pela Prepotência, esbulhado da posse dos seus direitos conferidos pelo povo, em urnas eleitorais livres na fórmula da lei, o capitão Turibio Ferreira Gomes é substituído pelo maior devedor de impostos municipais naquela época, seu competidor derrotado.

Motivado por curta ausência do seu titular, a cadeira de governador do Estado é ocupada constitucionalmente pelo presidente do Senado, o qual antes de a aquecer, cria o termo de Buritiba.

1560 e 17 de Julho de 1922 são o número e a data da lei respectiva.

Volta da capital da República, o dr. J. J. Seabra, e reassume a governação.

Senão seu primeiro ato, mas dos primeiros dos atos seus, é a sanção da lei número 1562, de 3 de Agosto de 1922, honrando ainda esta terra do extraordinário Condoreiro, com o título de cidade.

Instalados festivamente no dia oito seguinte, o termo e a cidade, empossou-se no cargo de primeiro juiz do seu

foro, o bacharel Alvaro Clemente de Oliveira, e como primeiros auxiliares da sua justiça João Benjamin Ferreira Coelho, na escrivania dos feitos cíveis e criminaes, e Belmiro Fraga, no tabelionato.

A Decência, imperiosa, ordena silenciemos quanto à delegacia policial.

Não há dúvida haver a sorte de Buritiba ferrado-se no sono, em face de tantas elevações.

Ahll... Bem refletimos agora, tanto bem não foi por bem; senão para o nu a que se acha reduzida e exposta aos olhos envergonhados de todos quantos a desejam gloriosa e feliz.

Candidato à presidência da República, necessitou o dr. Arthur Bernardes, de um homem para dirigir a campanha eleitoral na Bahia.

Trabalhavam a esse tempo, no mesmo escritório, os doutíssimos advogados Aurelino Leal e João Luís Alves. Este, reconhecendo no seu eminente col colega e companheiro, os requisitos do homem procurado, convidou-o a um enten-dimento com o Dr. Bernardes, do qual resultou a aceitação mansa e pacífica de todas as condições apresentadas, e conse-qüente assentamento de compromissos de ordem especial da parte do candidato.

À declaração dêste de que haveria por vitória 5.000 votos, na Bahia, o Dr. Aurelino, rumou para sua terra, e sendo cá, foi seu primeiro passo a fundação de um jornal. E o fez. Fundou A Imprensa, cuja chefia redacional con-«A fiou ao brilhante jornalista Virgílio de Lemos.

Incendiou-se a luta a grandes e vigorosas chamas de inteligência, critério, denodo e amor patriótico.

Nenhuma falha da parte do seu orientador, nem da parte de nenhum dos seus orientados.

Buritiba, também, garbosa e esperançada, marcha de-baixo dessa grande bandeira,

Fere-se o pleito, e o dr. Aurelino, ao rêvés de 5 mil, dá 16 mil votos à chapa mineira.

Em face dessa inesperada votação, o candidato Bernar-des, destranca a chave de ouro os reconditórios do coração, e com efusivos telegramas de agradecimento sem-fim, reafirma o estabelecido naquele entendimento do palácio da Liber-dade em Bello Horizonte, realizado na presença dos Drs. Raul Soares e João Luis Alves.

Conhecido de Buritiba também era o plano politico do Governo da Bahia.

E seria a renúncia do Governador, quando conhecida a vitória do candidato adversário.

Plano previsto muito feliz, e de seguro resultado, sugere rido ao Partido Democrata, pelo insigne escritor, orador e-político, dr. Moniz Sodré, amigo também de Buritiba

Buritiba está radiante!! Duas estradas firmes abertas Ao seu futuro.

Noticiada a vitória do Dr. Arthur Bernardes, a ânsia se estabelece nos democratas da Bahia, à espera da renúncia combinada, e esta não se dá. A revolução vem als, foi a escapatória.

Estava sacrificado o partido; e, por isso mesmo, o Dr. Moniz Sodré.

Ráia o 15 de Novembro constitucional. Estavamos no Rio, e assistimos à posse do novo presidente, e a subida do Dr. Miguel Calmon à pasta da Viação e Obras Publicas, ao invés do Dr. Aurelino, à da Justiça.

Estupor! O Dr. Miguel Calmon que apoiou o Dr. Ber-nardes, na véspera do pleito, com uma chapa heterogênea da sua própria organização...!?!?

Inicia-se a luta da escolha de candidato à sucessão Governamental da Bahia.

O dr. Bernardes, esquecido dos compromissos assenta-tados, senão firmados, quando governador de Minas, ordena aos seus amigos apoiarem a candidatura Góes Calmon, apresentada pelo Dr. Seabra; e, depois, pelo mesmo, abandonada.

Buritiba neste sentido recebeu o seguinte telegrama:

«Amphilophio Castro. Muritiba n. 447 61 12/12/923 Nictheroy Realizando-se proximo dia 28 eleição Governamental estado solicito caro amigo necessidade não ser distrahido um só voto do Dr. Goes Calmon candidato aceito concentração republicana pt Espero todos correligionarios es-pecialmente os que me são pessoalmente dedica-dos sagrarão o nome escolhido sem vacilação pois este é dever que não pode ser iludido pt Sauds. Cordeaes.

Aurelino Leal.

Sobe ao governo do Estado o salidoso Dr. Francisco Marques de Góes Calmon.

Tudo por terra!! S Ex, de posse da cana do leme, den direção inesperada à não.

Se Buritiba estava dentro 17 Outro não deveria ser e desenlace

A esse novo golpe de expado preta, para cosarnos da lin-guagem do Dr. J. J. Seabra, em certa feita, de referència a um amigo comum, que se não andou com lealdole na tota da qual sain vitorioso o nome do Dr. Epitacio Pessoa, como candidato à Presidencia da República, tombou morto a emi nente jurisperito baliano e notável jornalista Dr. Aurelino de Araujo Leal.

Eis ai como se fanam esperanças de raízes bem apro-fundadas.

Como apreciamos, não há dúvida, a sorte de Buritiba foi presa de sono pesado.

Muitas elevações por junto.

Ah! Caimos no X !!. Bem viamos não ser por bem, tanto bem, senão para maiores tristezas. Estamos vendo e sentindo na acabrunhante vergonha de não possuirmos ainda hoje, vinte anos depois, nada de cidade, quando antes, em a nossa humildade de distrito de Paz, tudo possuíamos para ser cidade.

Buritiba não tem qualquer melhoramento por que haja razão sincera de admirada, senão de lamentada. Até o sa-dio do seu clima, o impaludismo e a tuberculose o vão pouco a pouco perdendo.

Como Cruz Machado e Homem de Mello, o governador Góes Calmon, proporciona-lhe grande prazer honorifico, dis-tinguindo-a com uma visita, em 12 de Outubro de 1927.

Em plena e absoluta harmonia com as dos seus ante-cessores: festas, banquetes, promessas c... nada.

Movimenta-se a máquina politico-administrativa sob tal influência; porém sem nenhum benefício para a comuna, quando chega Outubro de 1930.

Novo Governo, novo regime, e a mesma gente na direção de Buritiba. Após a bonrosíssima visita do presidente da República, o Exmo. Sr. dr. Getulio Vargas, em 27 de Agosto de 1933, acompanhado também do governador da Bahia, na pessoa do Tenente Juracy Magalhaes fomos presentes. Vimos S. Exa, ao se aproximar da entrada da humilima casa de aluguel, a mesma de agora,

ocupada pela Prefeitura, abrir os traços fisionómicos us festa de um sorriso contente Vencidos os magrissimos tres degrans da entrada e aos olhos a tristeza da sala. tada e nua, triste, muto pobre, desajoi a cor que Pytias de Aristóteles, achava mars bela, aparecera viva, em toda a sua expressão mais Intima em alguns rostos. Em sua Excelência, o Chefe da Nação, tão forte ela se gerou e viven, que de logo mudou em ac queados os traços retos da alegria com que tocara os pés no solo solo buritibano.

E o eminente Chefe da Nação, que outra ponta po deria experimentar ferindo-lhe deante da falta imperdoavet de tudo que ali dominava, senão a própria do ines perado?

Um assento condigno, que se oferecesse a S. Exa em que descançasse, debalde buscar-se-in também ali

A casa, sem o asseio a que estava obrigada, e des. pida de qualquer adôrno.

Um fel, que amargava retalhando, castigou a todos os corações, amigos de Buritiba, ao também notarem a falta de um livro onde the ficasse, honrando e envaidecendo-lhe, a preciosa assinatura de S. Ex., que, tão generosamente. aceitou o convite do seu Prefeito, a visitá-la, graça do mais elevado valor moral.

A campanha da sucessão presidencial da República, estala violenta. A imprensa põe lenia à fornalha Sobem as labaredas. Alteiam-se apavorantes. apav Alcançam apices nunca alcançados. Um vulcão!!

Ráia Novembro de 1937. Chega a 10. Eis o Estado Novo, e morto aquele vulcão. Buritiba, contente, aguarda melhores dias. Dias éstes que já nasceram para as suas con irmãs; e ela, até hoje, os espera ainda!

Nascer-the-ão? Como The nascerem se o seu infortit nio há conservado à frente dos seus destinos os mesmos dirigentes de sempre!"

Buritiba que, que, quando freguesia, era admirada nas suas possibilidades e predicados gerais, passa a ser lastimada

Pena à miséria da falta de tudo de água, de asseio, de assistência, de casa própria para sua prefeitura, detenção, esgoto, estradas, higiene, matadouro, mercado, etc, nesta hora que tudo progride!!!

Descer da admiração à lástima, que é que significa? Piorar? É suave ainda... E ser desgraçado. Desgraçada, a terra do divinizado Castro Alves?!

Desgraçada, a terra do admirado e insignissimo cien-lista, notável médico, orador esplendido, escritor sem jaça, abalisado mestre, doutor Clementino Fraga?!...

Minha pobre terra, não és de todo desgraçada, porque ainda aos teus inimigos não foi possível arrancar-te a língua.

Brada, minha pobre terra! brada! brada, aqui-del-rei!!

Se nos não entendes porque te havemos tratado, até agora, pelo teu nome de criação, que o desleixo e a igno-rância deformaram, vamos transigir: Brada, ó Muritiba!, brada, amparo e proteção! brada socorro!!

Formosa Muritiba, defende-te!

Sabes que domina em o teu solo a areia fina e frouxa, funda e fresca, e a argilosa; a argila ferruginosa e a figu-lina; que a melhor argila, pela pureza, para a fabricação de telhas e tejos, tens no teu seio: que o massapé ama-relo. (tauá ou taguá) o caboclo e o preto, ricos de álcalis e de húmus, de excelentes qualidades para enriquecer, e grandes brejos lavrados, são partes das ubérrimas terras tuas, formosa terra do meu nascimento!

Terras, onde o boi, o cavalo, a cabra, a ovelha, o suíno, galináceo engordam sem intervenção do homem, pela riqueza da população vegetal!

Terras, onde, às trovoadas, brotam as melhores espécies de gramíneas e ciperáceas, e viçam, e crescem de modo que, de cabeça alevantada, se nutre o gado, a coberto, assim, de estragar as cavidades dentárias que tanto influem no preço dos cavaleiros, porque se lhes conhecemos por elas a idade, aproximadamente.

Terras ainda ricas de sílica também, onde sempre que há chuva, o lavrador ativo e bem avisado, aplanta mandioca. para, em doze meses, se haver com abundância à mesa e à camarinha, aplanta milho e cana, e tem cana e milho com fartura,

Os tubérculos da mandiões, desse tempo, по еттения muritibanos, estão em perfeitas condições de produzirem farinha de pau ou de guerra, de tapioca, aparas para outras espécies de farinha, várias validades de beljus: polvilhe para fabricação de grande variedade de saborosos sequ lhos, bolachinhas, biscoutos e doces, e para engomados,

Quando pubos, dão a massa para bólos, caldos, cremes, cuscus, mingaus, papas, sopas, etc; e são isens de posen de camarões e pitus fluviais. Atraem-nos, sem igual, a armadilha.

Trituradas as folhas, fervidas em vasilha descoberta. para a volatilização do ácido prússico de que são portadoras, fortemente espremidas, e, depois, de mistura com carnes gordas, visceras, chouriço, toucinho, pimentas e outros tem. peros, dá soboroso prato, muito apreciado entre gente humil de, prato que é costume servir-se às manhãs, a que chamam maniçoba. Não é propriamente guisado, nem entra peixe no seu preparo, como supõe Candido de Figueiredo, talvez, se. não o mais perfeito filólogo dos últimos tempos.

No preparo para fabricação de farinha, dão a curuera, bom alimento de engorda de galináceos e suínos; a raspa, para estrume; a manipueira, formicida eficaz, a chamada maniva, alimento mui nutritivo de gado vacuum e cavalari, além da sua principal serventia de semente, depois de redu. zida a torozinhos de dez centímetros de comprimento, que uns enfiam totalmente nas covas; outros, porém, deixam fóra um dos nós, cujo olho voltado para cima. Processo, éste último, de mau aviso, por ficar a semente sujeita à des. planta na ocasião das limpas».

Igualmente, o chão privilegiado de Muritiba, produz a mandióca doce ou aipim, a que o sergipano dá o nome de macaxeira. Não contém o suco venenoso da mandióca amarga. Serve-se, o tubérculo assado on cozinhado, untado ou não com manteiga. Dá farinha, presta-se a grande variedade de bo los, e ainda de condimento culinário.

Com o mesmo copioso e pronto que produzem estas euforbiáceas, e a cana e o milho, produzem banana, batata, feijão, inhame, laranja, mamona, mendobi, repolho, tomate. etc., etc..

Para as plantas, não humidifobas, Muritiba tem baixadas e brejos muito benignos.

A cana do género sacarino, produzida nestes sitios, é mole, fortemente doce, e ótima para rolêtes e caldo, e pa gam com grande prodigalidade o trabalho do lavrador.

Fumo

Desde pouco depois do nosso descobrimento, data o início, entre nós, da cultura desta preciosa solânea, que em toda terra brasileira acha pábulo, e se alimenta e vive, seja a semente de casa, seja vinda.

Mas em nenhuma outra, como na da Bahia, cabendo o primado às nossas matas muritibanas, que a Cruz das Almas, diligente, como soe ser em tudo que lhe é bem, qual ao nosso distrito da Sapucaia, chamou a si; e, de culpa nossa, nos tomou a vanguarda, desaparecendo assim o nosso nome que, muito acreditado e conceituado, brilhava nos mercados estrangeiros, onde as grandes marcas atuais, feitas de fumo nosso, em nossos armazens, levam chapas dizendo-se de outras procedências, como se possível noutras partes genero igual, e operários aptos e escrupulosos como o muritibano.

Neste nosso grande e rico Estado, onde houve começo o cultivo do fumo, são múltiplas as vantagens oferecidas da sua lavoura, porque o solo silicoso e rico de húmus é o de que temos fartura, e o que mais lhe convém.

A natureza, nesse particular, foi também pródiga com Muritiba. A unicidade dos seus fumos é um fato indiscutível.

Apesar do rudimentar dos meios empregados pelos seus lavradores, geralmente analfabetos e pobres, ela o produz com grande resultado.

Não como descreve Rocha Pitta na sua História da América Portuguesa, até dez arrobas por mil pés, sobretudo de dous córtes; mas até seis, quando o fumo, com tempo favorável em terreno bom e forte, que dá até treze córtes, e não somente dous, qual vimos no Fumal; nós e o culto cientista bahiano Sr. Dr. Heitor Froes. Vimos e contamos treze!

Claro, aroma delicioso, fino, leve, elástico e resistente; folhas de limbos largos, nervação delicada, lisas, ora apre-sentando pêlos granulosos a que chamamos em vulgar carrosquilhos, é o fumo das nossas boas malhadas ».

Sobre tão preciosos atributos, não amarga. Ao fogo, 6 docilidade admirável! Queima bem, certo; não enrugam; isto é, não faz beijo. A fumaça é azulada e tenue, e não ataca a pituitária, como nos sucede com a de fumos outros. Além disso é adocicada e solta. A alvura da cinza encanta: como o aroma delicia!

O fumo è de Muritiba, a fabricação do charuto é em Muritiba, o beneficiamento é feito em armazens de Muriti a fama e as vantagens são para São Felix e a Cruz das Almas

Come vem isso a talho, recordar a poeta Felinio Elsie na sua ode ao seu camarada Aguiar: Telmoso infortunio!.

Nos anos de 1935, 37, 38 e 30, não obstante nos domínios, entre outros pequenos, très grandes armazens, dos maiores do Estado, no gênero, terem trabalhado com desasado movimento, não consta da tabela organizada pelo Instituto Bahiano do Fumo, houvesse Muritiba entrado com um só fardo!...

Dá o bom para o crédito e recheio de cofres alheios Nunca o seu fumo é pesado. E, em regra, leve. Esta magna virtude deve-a ao solo e à regularidade do tempo:-sol e chuva convenientes e certos. Raros registos de excessos. Dal a sua reconhecida estima e preferència sobre o de todas as demais zonas, para a indústria charuteira.

O volume de um quilo de fumo leve é maior do que a de dous realmente pesado. Conseqüentemente, maior número de manocas, de folhas, de capas, de charutos.

Um quilo de capas das matas de Muritiba, que o seu fumo tem a folha larga, é leve e suporta bem o humedecimento indispensável, não se parte ao espalmar, nem ao polimento do charuto, nem ainda ao fazer do bico, seja até o talho de bandeira, a charuteira, sendo honesta e prática dá de mil a mil e quinhentos charutos médios perfeitos; isto é, sem pistolas, nem sujeito a ela ao ser estufado, ou a de enrolamento à queima, nem a pé ou a bico postiço.

Ora, fumo de qualidades assim superiores, considerados já por autoridades européas, pouco inferior ao bavanés, se tratado adequadamente, e por processos acomodados à razão e à inteligência, é-nos fatal a dispensa do estrangeiro, por desnecessário, e certo o charuto genuinamente nacional, produzido todavia somente na Bahia.

Cem mil réis, por quinze quilos, já alcançamos para uma das nossas safras, e estacionamos ali deixando de ser ricos, para sermos pobres, por aferrados nos maus processos, e pela falta dos sentimentos de rivalidade, tão comuns na luta da vida, entre os povos instruídos e educados Não há justificativa que nos absolva de semelhante crime atentatório também dos interesses da nossa pátria.

Consagremos, portanto, o carinho pleno da nossa atividade entranhado interesse à lavoura, dispostos à conservação dos seus frutos da melhor qualidade, que ela satisfará inteiramente, todos os desejos e necessidades nossas, porque é fonte que em tempo nenhum toparemos seca à nossa sede, é celeiro que está provido constantemente de trigo para o nosso pão e o dos nossos filhos, é esteio em que póde o pobre arrimar-se tranquilo dos cuidados de cair, porque é a força garantidora da grandeza da pátria e da integridade da sua independência.

Impossível vencermos aquele pouco não nos e Vençámo-lo, recolhendo as sementes, quando uniformemente secas, colhidas de pés vigorosos, propositadamente conservar vados ilesos para esse importante fim, pendurando os cachos, livres, de modo que sejam arejados em cheio, até o dia da sementeira, por meio de peneiras, em alfobres altos, adubados convenientemente, para a segurança da reprodução, da exuberância, da saúde, força e qualidades na prole.

Se a malhada é situada em terrenos elevados., Maio é a quadra propícia da transplantação, devendo as plantas contar quarenta dias de nascidas. Sendo, porém, situada em terras baixas, Julho e Agosto são os meses próprios.

As covas devem ser fundas; e, se esgotado o terreno, armazenado um pouco de estrume na sua base. Devem guardar, de uma a outra, o espaço necessário ao máximo desenvolvimento das folhas, e das raízes, para arejamento, humidade e luz, sem prejudicar nem ser prejudicado pelos pés vizinhos.

O trabalho da chamada quebra dos torrões que é o resolver de torrões em terra solta de que nos fala Vergílio nas suas imortais Geórgicas, pela magistral tradução do excelso Castilho, devemos fazê-lo com quinze dias contados do da transplantação, afoufando e achegando bem a terra às covas, para maior facilidade da penetração e da conservação da humidade, e destruição de insetos, e qualquer vege-tação ou plantas nocivas à lavoura.

A capação, inteligente, será feita quando com dez folhas o pé de fumo. A desólha, a seu tempo. Amadurecidas as folhas, obrigada a sua colheita ou corte entre dias de sol, sendo preferível o primeiro pro-cesso. Isso para enrola, se, para o charuto, quando a meio amadurecimento, ou ainda entre esse estado e o verde, se queremos fumo claro.

Colhem-se e depositam se em cestos apropriados, abrigo dos raios solares. Depois, enfia-los e pendurá-las a sombra, para a secagem. an

Sécas e macias, a manocação imediata, com a devida seleção das folhas e uniformidade geral. Em seguida acamá-las em lugar pauperrimo de luz e de ventilação, para o pronto e o perfeito da cura.

Que riqueza de safra!, que estimal, que pedidos de preferência!, que preço!

Oh! alegria nos campos, na cidade, nos lares! Que movimento no comércio, nas fábricas, nas reparti ções da fazenda municipal, do Estado e do Pais!

Não ambicionemos grandes plantações para as quais nos falem os meios necessários ao seu tratamento e terras suficientes. Esforcemo-nos pelas safras ótimas, porque não somente valem mais pela excelência, senão ainda pelo ba-rato do beneficiamento. Não é isso racionalíssimo? Lutemos, interessada e patrióticamente, para evitar a importação daquilo que podemos substituir com vantagens para o nosso bolso e o tesouro da nossa Nação; lembrados sempre de que fomos nós que já em 1559, enviavamos se-mentes de fumo a Portugal, e que não alcançamos ainda o lugar que a natureza nos reservou, dotando-nos de todas as condições de vitória e triunfo.

Temos, portanto, a nosso favor, a graça, a generosidade e opulência naturais, que são tudo, cumpre-nos consorciá-las com o trabalho dirigido pela inteligência e pelo escrí-pulo, e deixaremos de conduzir aos ombros a responsabili-dade dos maus preços.

Não há parte, em Muritiba, onde se não cultive o fumo. Nos pequenos quintais, até, é ele cultivado.

Raras são as casas que não sejam pequenas fábricas de charutos. Em todas as mesas é o fumo e a sua indústria que, direta ou indiretamente, põem o pão de cada dia.

As fábricas, devidamente legalizadas, pagam de dous a cinco mil réis diários a mil e quinhentos operários, em mé dia. Número que se compõe de passadores do fumo, molha dores, destaladores, secadores de torcida, espalmadores" selecionadores de capas, abridores de capote, entregadores de fumo nas charutarias, charuteiras, formeiras, prensadores, carimbadores de selos, cortadores de selos, seladores, ane lados, selecionadores de charutos, enroladores, encaixado-res empapeladores, ferradores de tampos, estufadores, emba-ladores, faxineiros, raloeiros, serventes e mestres das diversas secções.

Estes estabelecimentos adquirem, em grande quantidade, os melhores fumos, a que submetem a rigorosa escolha, en-fardando a mata chamada, e armazenando-a para ser uti-lizada após de completa a cura, vendendo o de mais

São observados escrupulosamente os principios higiêni cos; e a fiscalização fiscalização não cede na exigência do apuro de todo o trabalho, da molhação do fumo até o arranjo das caixinhas.

A produção diária, sujeita a pedidos da freguesia, mon-ta, ordinariamente, em média, a cem mil unidades.

Os armazens beneficiadores trabalham, em geral, com duzentas mil arrôbas, arrôbas, ocupando nas suas necessidades mais de seiscentos operários, vencendo de quatro a cinco mil réis diários cada um.

As melhores marcas e mais acreditadas na Europa, em grande parte, preparadas em Muritiba, com fumos seus espe-cialmente, levando, porém, a chapa: Cruz das Almas.

Café

A pequena árvore, arvoreta ou arbusto a que chama-mos caféiro, vindo, da Guyana Francesa, para o Brasil, em 1723, e que do Rio de Janeiro nos foi trazido pelos Barbadi-nhos, frades italianos, em 1788; o arbusto que numa cons-tância admirável, mantém imáculo o verde fechado das suas folhas lisas e lanceoladas, luzidias, quando novas, a que Jus-sieu classificou entre as rubiáceas, e Linneu, na pentândria do seu sistema, com o nome de Coffea arabica, tem, em Muritiba, favorabilissimos terrenos e ares para medrar, mul-tiplicar-se, produzir muito, e enriquecer os que se dedica-rem à sua lavoura, com interesse, inteligência e amor.

Não haja reparo a isso, porque originária da Abyssinia ou da Arábia Feliz. Não importa ser de lá, para prosperar com opulência em terras muritibanas, como então acontecia.

Muito já produziu o chão de Muritiba. Muito, e de excelente qualidade.

Não havia quintal, sítio ou fazenda sem o seu cafeeiral que, à floração, encantava pela alvura, pelo aroma, pela festa das abelhas; na maturação das bagas, pelo tom carregado do ensanguentamento dos ramos, pela promessa de grandes e alegres dias futuros.

As sementes que, após de torradas, é que tomam o nome de café, produzidas em Muritiba, são maiores um pouco que as de Moka, e menores que as da Chapada. Tem, porém,

sobre essas, a excelência de mais cheingas, de achumbado da côr ser mais belo, e firme. Isto é, não empalidecem, não se deterioram, portanto A sua torrefação e infusão, feitas com esmero, a água imediatamente ao levantar fervurs é mais aromática, mais saborosa, mais digestiva, mais reanimadora, que a conseguida do café de qualquer outra zona ou procedência. E por isso mesmo, que vinho benéfica

aos cansados, aos descansados, nos obesos, nos intelectuais! A fleuma, a tristeza, a sonolência têm nele um desfeto impenitente.

Essa fonte, esse poderoso elemento de riqueza, tem a sua lavoura nula em Muritiba, onde, aliás, já teve eficacidade.

Não é isso lamentabilissimo, dadas as condições ex-postas?...

São, entretanto, lavouras relativamente baratas ao lavrador.

Com mil pés de fumo não despenderemos mais que sessenta mil réis: se não pegarmos também no pesado», e o nosso povo ao lado, rente, interessado no minimo dos gastos e no máximo das arrobas.

Auxiliados ou não, apuraremos cinco arrobas, senão seis

Teremos pronta, à venda, uma arroba de café, de cafeeiral já feito, por cinco mil réis; vinte litros de farinha de mandioca, por mil e quinhentos réis.

Posto seja opulenta assim a lavoura, em o nosso meio. êsse meio de vida, há sido alvo de desamor e de irreflexão. Não é baixo, senão alto, o número dos que se têm deslocado do campo para a cidade, com prejuízo próprio e de todas as demais classes: prejuízo consequente da mingoa da produção e do aumento do consumo. Criando, portanto, a escassez. E bem sabemos que, onde a escassez é presente, nunca esta desligada de sua terrível companheira. a carestia. Não discutimos relativamente ao tempo do serviço que se vinha fazendo com 100 trabalhadores, e se passou a fazer com 200. Deixamos esta parte à inteligência do nosso leitor, que logo verá o aumento do consumo e a diminuição de dias de ser viço; o campo vazio: e, depois, as ruas cheias de socupados.

ÁGUA Precioso elemento que, como ao rico, serve no pobre; como ao beija-flor, à onça; que entre as suas mil utilidades, no tugúrio da pobreza tem uma, providencial, a maisa de servir de espelho.

Ninguém melhor a possui, nem com mais fartura, que

Muritiba, porque melhor não há. Não há, porque não é possível haver.

As inúmeras vertentes muritibanas brotam copiosamente e resistem nos mais prolongados e ardentes verões.

Por toda parte uma fonte, um riachinho, cada qual mais puro, mais fresco, mais resistente às demoradas ausências das chuvas.

As águas das suas cisternas, colhidas até cento e trinta palmos de profundidade, são opulentas, e se não corrompem. São leves, cristalinas, ótimas de beber e para outra qualquer necessidade. Utilizadas para cozer, amolecem bem o aipim, o andu, a batata, o feijão, o inhame, o milho, etc..

Não atacam a nenhuma verdura, nem hortaliças, sejam elas das mais ricas de sulfuro.

São também prestadias, sem nenhum inconveniente, à rega de plantas de jardim, e para lavagem de roupa, branqueando-a facilmente, não só pela cristalinidade, senão ainda por dissolver bem o sabão, produzindo espuma abundante, tudo sem nenhum precipitado.

São-lhe constantes as festas do léste. Da Primavera ao Outono domina o nordeste às tardes, e o norte, às manhãs, nas quadras regulares. Quando remotas as trovoadas, caem os alíseos anunciadores da estiagem conseqüente. Se, por-ventura, os interrompe o sudoeste ou o sudoeste, certos alguns dias frios e de chuva fina, a saúde ameaçada, e, logo, atacada da gripe, todavia sem gravidade, do defluxo e das dores reumáticas. De raro a raro, vêm-lhe, do Poente, as branduras do zéfiro.

O Inverno tem por companheiro inseparável o sul.

Está a duzentos e quarenta metros acima das cidades marginais do Paraguaçu, São Felix e Cachoeira, ao norte da do Salvador, a cinco horas a vapor ou a automóvel, numa planura de grande extensão nas cimas da serra Muritiba, onde, a saúde, o amor e a poesia, doçuras do céu, fizeram o seu paraíso, sorri a Muritiba, ainda que do profundo dos seus maus fados.

O nome desta serra não está dicionarizado, nem a sua existência consta dos nossos tratados ou cartas geo-gráficas.

Estende as suas vinte e duas ruas, cinco praças e três largos, de um casario, com raras exceções, modesto, numa área de mais de três mil metros, do começo da rua «Danne-

mann, no Nordeste, ao fim da rua Barão de Capivary. no Sudoeste, entre São Felix a Cruz das Almas; e de mais de mil e quinhentos metros, da rua Dr. Pedreira Franco à Visconde do Rio Branco, mais ou menos do Sul ao Noroeste.

Divide-se, ao Norte, pela margem direita do rio Para-guaçu, começando do porto da Passagem, (não pela foz do Paratigi, como, erradamente, consta do mapa municipal) abaixo da Jerry O'Co-descendo até o pôço do Cobocó, abaixo, onde desagua o riacho da Légua.

Nessa linha ficam à esquerda: a foz do Paratigi, Santo Estêvam do Jacuipe, São Gonçalo, Conceição da Feira e Cachoeira.

Partindo do riacho da «Légua», beirando a mata do Pa-pagaio, rumo direito à Cruz do Século, ganhando daí o cume da serra «Buritiba, e dêle descendo, passando pelo boqueirão da segunda ponte da estrada de ferro, ao rio Capivary, no poço do Chapéo, tem-se marcado, ao Nascente, a linha divisória entre Muritiba e São Felix.

Subindo-se daquele pôço à foz do Caminhoá, vai-se deixando São Felix à esquerda até encontrar terras da Cruz das Almas. Ainda pelo Capivary, até a foz do riacho da «Lagoa Séca, divide-se com a Cruz das Almas. Dêste ponto, que está próximo da estação do Sapé, à nascente dêste riacho; e, daí, pela estrada até o porto da Passagem, acima da foz do Paratigi, no rio Paraguaçu, com Castro Alves, mais ou menos ao Poente, a três léguas da fazenda Caba-ceiras; e não somente até a foz daquele rio, (Paratigi) como está no mapa errado, que custou 15:0005000 ao Município; e que devido a êsse e outros defeitos, embarçará sobremodo a ação e esforços do distinto e inteligente Sr. Delegado Municipal do Recenseamento.

Ao Sul. a estrada de ferro Central da Bahia, partindo de São Felix, risca a margem esquerda do Capivary, nos seus limites, num percurso de quasi trinta e oito quilômetros, com uma estação no quinto, (Dr. Salvador Pinto) que lhe está da sede a dous quilômetros mais ou menos, por uma estrada, parte plana e parte com uma inclinação ora de trinta graus, ora de menos, e não no seu seio, porque a sua fortuna, sempre má, não permitiu à frente dos trabalhos respectivos, alguém com tal interesse.

É agradável, entretanto, e pitoresca essa caminhada ao

viajante, e muito mais ainda no excursionista, inteligente e observador.

Não tem pessoas letradas. Não tem o gosto das letras. Não the é objeto de atenção a literatura, ou cousas outras de linguagem.

Está o município às portas de vinte e um anos de vida administrativa independente, e dirigido per homens seus.

Quatro lustros sem nenhum fruto, quando, dado o vulto das suas rendas, deveria tê-los opimos. Não conta, igual-mente, nenhum do estirado tempo de mais de dous séculos que servira à Cachoeira e a São Felix, como contribuinte e eleitor.

Sua receita orçada vinha empacada até Outubro de 1930. Apenas sessenta contos de réis. As fontes tributárias, entretanto, num forte crescendo, e o aumento, e a criação de novos impostos, sempre constantes, e tudo por fóra...

Estabelecido o novo regime decorrente do movimento revolucionário triunfante, a politica e administração municipais passaram ao domínio de uma facção deslocada do mes-mo grupo que as vinha orientando, não se revivendo a

êsses mesmos ares as esperanças de progresso. Não devendo alongar estas linhas, comecemos nossa demonstração, pelo exercício de 1934.

A receita orçada para esse ano, foi da importância de cem contos de réis, renda arrecadada, cento e treze; a mais treze contos; 1935, orçamento, cem contos de réis; arrecadação cento e doze contos; a mais doze contos; 1936, orçada cento e cincoenta contos, arrecadada duzentos e vinte e quatro contos; a mais setenta e quatro contos; para 1937, orçamento cento e oitenta contos, arrecadação duzentos e onze contos; a mais trinta e um contos, para 1938, orçada cento e oitenta e um contos, arrecadada duzentos e dezassete contos, a mais trinta e seis contos; para 1939, orçada cento e oitenta e um contos; arrecadada, inclusivamente a taxa de \$005 por pé de bana-neira, já dado o cacho, (porque incid incidente na taxação, quando setenta de quatro anos de idade) duzentos e setenta e seis con-tos e oitocentos mil réis. A mais quási cem contos de réis!! 1940 orçamento duzentos e vinte contos de réis, arre-cadados duzentos e vinte e nove contos e seiscentos e oi-tenta e dous mil e quinhentos réis; sôbre o aumento, de vinte contos de réis, orçamentário, quasi dez contos para mais.

Véem-se al vários superavits, isto é excessos das receitas orçadas em relação à despesa, que não aparecem. como era de esperar nas leis orçamentárias imediatas e ainda que, a despeito de assim sobejar, as receitas subse quentes foram conservadas na mesma estima inferior à arrecadação apurada, e com desprezo do aumento incessável do seu relativo manancial de renda. Nenhuma estagnação, nem decréscimo, como acabamos de ver, sofrera a sua arrecadação. Ao contrário. A cons tância do seu curso há sido sempre para cima. Taxas ma-joradas; impostos

novos, pelo desenvolvimento comercial e industrial, e crescer da população e novas fontes de receita de iniciativa particular. De modo que faz cálculo seguro aquele que estimar em cinco mil contos de réis o total das suas rendas arrecadadas nos seus vinte e um anos de existência municipal.

Muito! Mas é tão pouca a sua sorte...!

Os seus retalhos, entretanto, não prosperaram, e não têm férias no clarinar de novos triunfos.

Muritiba, coitada!, lança olhares e encontra a maioria das suas ruas, as suas praças e largos, sem nenhum benefício, paupérrimos e desasseados.

Só carrapicho e sapos, a última e triste morada de seus filhos.

Atola-se no Inverno, e respira pó no Verão. Busca, debalde, os serviços de água, asseio, esgoto, higiene, assistência! Mercado? Matadouro? Detenção? Casa preferível própria? Não tem. Estradas? Também não tem. Que é que tem então? Muito simples: nada.

Nada? Não é verdade. Tem o serviço de luz e dívidas que pagar.

Ah!!! Tem porque lhe é o oposto do que é em todos os seus congêneres, esse serviço fonte abundante de renda.

Ó desventura incomparável a da terra muritibana! Rica, enriquecendo, e desgraçada! Dando dos seus inesgotáveis tesouros de energia hidro-elétrica, riquezas e riquezas, e somiticamente servida de luz, e a sua população pagando mil e duzentos réis por kilowatt, adquirido, ó absurdo clamoroso!, da usura de segunda mão, garras a que está atirada pela má sorte.

É ultrapassar as raias do infortunio!

Não lhe há também poupado a Ceifadora eterna

Tem-lhe roubado o melhor da sua sociedade, ao tempo em que o Destino vai levando os seus para outras plagas, justamente aqueles que preencheriam os vácuos. Porque é que a abandonam rendidos assim à sorte?

Presentindo talvez o desabamento geral, recelosos de esmagamento pelos escombros. assim tão de-pressa?!

-Mas a esquecem logo! E porque é que a esquecem

Porque o desditoso esquecido é melhor ao coração, que lembrado.

E ela não grita a rebate...!

Geme apenas:

Onde o suor do rosto dos meus habitantes, trabalha-dores e escravos da lei?!

Suor de três séculos de cativoiro; suor de quatro lustros de alforria. Séculos contados de anos e anos infelizes!

E silenciámos a essa terrível pergunta!...

Será que alguém nos iniba de falar?

É a Incúria que nos toma a boca empalidecida e tré-mula, com a mão asquerosa e húmida.

Moeda execrável com que te pagamos a ti. Muritiba, o berço que nos déste entre flores e aromas, e a vida que nos con-servas com o sadio dos teus ares, com o fecundo do teu seio.

Concluamos esta primeira parte do nosso trabalho.

Dentro do negror do milagroso eclipse que envolveu o universo, quando da crucificação de Jesus nosso Senhor, cruzavam-se aos olhos dos espíritos cândidos, fortes raios de luz, expondo as imagens do Perdão e da Esperança, des-cerrando as cortinas dos pórticos do céu à humanidade re-dimida. Dentro, porém, do horroroso das negridões da tua desgraça, ó Muritiba! abrem-se tétricas linguas de fogo ver-melho-negro, e lá, bem no fundo, as Queixas escarnecidas e ludibriadas, reduzindo-se a cinza; o Bem e o Amor assassi-nados; triunfantes, ébrios de gozo, o Desengano e a Descrença, estrangulando as belezas da vida, aos teus filhos, que te querem e amam, ó Muritiba infeliz!, terra de São Pedro e do Senhor Bom Jesus do Bom-fim, por unhas impatrióticas esfarrapada e nua.

MEIO DA JORNADA

A gente que lê. Floresce mais,
é mais pacífica e morigerada, mais unida
e rica, mais poderosa, mais contente,
mais amável e mais amada.

Castilho, o cego *iluminado*

A CRUZ AO CALVÁRIO

Ler sobretudo. Ler enobrece. Ler salva.

No jardim, a flor que belezal que perfume! No pomar, o fruto; ó sabor! Na floresta, a colmeia: ó doçura! Na terra, o ouro; que riqueza! No mar, a pérola; que preciosidade! No ar, o som; que maravilha! No firmamento, a cor, ó poesia que O milagres!

Que é tudo isso, porém, senão do mundo, e somente para o mundo? Que é senão recreio dos sentidos?

E não será nunca jamais, dando a recreio os olhos, o olfato, o paladar, a audição, mas recreando o espírito que chegaremos ao fim a que Deus nos destinou.

Criadas e achadas boas todas aquelas prendas, criou Deus o homem; e de si the deu uma partícula. Superiorizou-o, portanto. Nessa distinção a graça das letras para o perfeito cumprimento da sua função. Feito o que, entre essa principal obra sua, e a imortalidade, abriu ampla es trada, réta, florida, iluminada, conducente à ordem. à harmonia, ao progresso, à felicidade e à vitória final Ele e a glória.

A esmola, tomada no devido apreço, gera alegria e gratidão no intimo do esmolado, que o

tivér puro. O esmolér sente-se assim feliz. Esmo-lou-nos Deus o dom de ler. Como agradar a Deus, expondo-lhe o valor em que havemos essa divina graça, e o nosso agradecimento por tão profunda caridade e tão subido bem? - LENDO.

O livro que tendes nas mãos, não é um pri-mor de arte, mas é honesto. Encerra nas suas in-formações a verdade em toda a sua esplendidez e perfeição, com que Deus a adornou para nos eno-brecer, e garantir o nosso triunfo aqui e além.

Segunda Parte do Livro

RESUMO HISTÓRICO. - Buritiba é o nome de fundação da aldeia, uma das onze mandadas fundar, com a sua igreja, em 1559, por ordem de dom Pedro Leitão, segundo bispo do Brasil. Muritiba é corrutela dessa palavra, vicio motivado pela facilidade da troca do bem m, e ainda porque o indio não pronunciava b, senão m. Em 1705, dom João Ve autori-zou a criação de vinte freguesias, e entre estas foi Buritiba ereta em Matriz, pelo notável arcebispo dom Sebastião Mon-teiro da Vide. Somente depois de duzentos e catorze anos foi elevada a vila e município, pela Lei n. 1349, de 8 de Agosto de 1919; e, logo após, a termo e a cidade, pelas Leis n. 1560, de 17 de Julho de 1922, e n. 1562, de 3 de Agosto de 1922, cujas instalações foram realizadas solene-mente em 1.º de Janeiro de 1920, e em 8 de Agosto de 1922.

CATEGORIA -. Cidade. Lei Estadual n. 1562, de 3 de Agosto de 1922, baixada pelo governador do Estado Dr. José Joaquim Seabra.

COORDENADA GEOGRÁFICA -. Latitude Sul 12° 26' 30" Longitude W. G. 39° 04' 30" ONO. Maiór extensão Léste a Oéste, 55 quilómetros e 500 metros; compreendendo os distritos das Cabeças, Geolândia, o norte de Itaporan, e os povoados Aldeia, Bananeiras, Barroada, Cabaceiras, Cipoal, Encruzo, Portão, Quixabeira, Retiro, Timbóra, (aliás Tymborá, ou simplifadamente Timborá) e Torto.

ALTITUDE. - Sobre o nível do mar - 255 ms.. Diferença de nivel de São Felix 240 ms..

SUPERFICIF. - 961 quilómetros quadrados. (Lei n. 1349, limites da freguesia). Hoje, porém, reduzidos a. mais ou menos, SSO, com o desmembramento do distrito de sub-delegacia da Sapucaia, em favor da Cruz das Almas. De acordo com o mapa, errado, do município, que deixou fóra a faixa fronteira à foz do Paratigi, ao Porto da Passagem, no Paraguaçu, com cerca de 100 quilómetros de superficie, tão de Muritiba, que o município de Castro Alves, não na re-censeou, 784 quilómetros.

Lamires - Dee. Lei n. 11050, de 30 de Novembro de Começa na foz do rio Paratigi, no rio Paraguaçu, por éste rio abaixo até a foz do riacho Quatrocentos, dai em linha reta até o marco da estrada de rodagem São Felis-Muritiba, dai em linha reta até o rio Capivari, no boqueirão, onde está a segunda ponte da estrada de ferro Central da Bahia, por éste rio acima até a foz do rio Ca minhoá, no rio Capivari, por éste rio acima até a foz do riacho da Lagða Séca, abaixo da estação do Sapé, por este riacho acima até sua nascente, na Lagða Séca; dai em linha reta até o rio Paraguaçu, na foz do Paratigi.

ALTERAÇÃO DESTES LAMITES. - Ao invés de rio abaixo até a loz do riacho Quatrocentos, até a foz do riacho denomi nado da Légua, alteração que o governo houve por bem fazer depois da publicação do Dec. Lei n.º 11089. Ficando assim o município com 784 quilómetros quadrados, de superficie.

A lei n.º 1349, de 8 de Agosto de 1919, que elevou Muritiba à categoria de vila e município, diz: Art. 2- O novo município terá os limites da atual freguesia de São Pedro da Muritiba. E ditos limites conhecidos, são: Da foz do rio da Légua, no rio Paraguaçu, e por éste acima, margem direita, até o pôrto da Passagem neste último rio; déste pôrto, seguindo pela estrada, dividindo com Cur-ralinio, até a foz do riacho da Lagða Séca, abaixo da estação do Sapé, déste ponto, dividindo com a freguesia da Cruz das Almas, pelo rio Capivari, até a

fazenda Grande do doutor João Espinola, e por esta, dividindo ainda com a mesma freguesia da Cruz das Almas, descendo até a encruzilhada da Cruzinha, tomando ali a estrada direta até o rio da Areia, e daí à foz do rio Caminhoá, no rio Capivari, e por este abaixo até o póço do Chapéu daí, passando pelo boqueirão da segunda ponte, dividindo sempre com São Felix, até encontrar a volta da ladeira de Muritiba a São Felix, entre as casas das fazendas do Numa, do lado de cima. à esquerda desta linha divisória, e a do comendador Henri-que Teixeira, à direita, do lado de baixo, partindo dali ainda dividindo com São Felix, a encontrar o rio da Légua, no principio da mata do Papagaio, e dali, pelo dito rio da Légua, abaixo até a sua foz no rio Paraguaçu.

As Cabeças, isto é, o arraial das Cabeças foi elevado a distrito de Paz em 1881, pela lei provincial n.º 2 149, de 14 de Maio, com os limites do distrito da subdelegacia, de cujo ato deve constar as suas divisas com Muritiba, as quais debalde buscamos.

O ato do Governo do Estado, de 12 de Junho de 1501 que criou o distrito de subdelegacia de São José do Aporã, hoje Itaporan, determina-lhe os seguintes limites: Principia no riacho de Bruce, por este acima, dividindo com as Cabeças, pela vasante da Ingõa dos Palames, e deisto nos Tocos, pela estrada da Quixabeira, até a passagem do rio Paraguaçu, no lugar denominado Papa gente, e dali, rio acima até o porto da Passagem, a encontrar com os limites da vila de Currálinho, seguindo por estes a encontrar com limites da freguesia da Cruz das Almas, pelo rio Capivari, até a fazenda Grande do doutor João Espinola, e por esta, dividindo com os mesmos limites da Cruz das Almas, descendo até a encruzilhada da Cruzinha, lado esquerdo, até o rio Capivari, e daí pela vasante do riacho Sangradouro, até a estrada que vai para as Cabeças, compreendendo as fazendas de Manuel Ignacio de Almeida, Leopoldo Machado, Silvestre Ribeiro Machado, José Theotônio de Oliveira, a encontrar com o riacho do Bruco, onde principiam estes limites.

LIMITES ENTRE OS DISTRITOS. - (Lei n. 11089) Muritiba com Cabeças: Partindo da foz do riacho Bruco, no rio Paraguaçu, por este riacho acima até sua nascente; daí, em linha reta até a fazenda Còbocó. Muritiba com Itaporan: Começa na fazenda Cobocó: daí em linha reta até o rio Capivari, passando pela fazenda Laranjeiras. Cabeças com Itaporan: Principia na lagoa dos Palames; daí em linha reta até a fazenda Cobocó. Cabeças com Geolândia: Começa na foz do riacho dos Brejos, no rio Paraguaçu, e por este riacho, acima até a lagoa dos Palames. Geolândia com Itaporan Começa no porto Castro Alves, no rio Paraguaçu, daí em linha reta, passando pelo lugar Cabaceiras, até a lagoa dos Palames.

NOTA. - A determinação destas divisas força-nos a perguntar a nós mesmos: Em que distrito estão compreendidas as fazendas Cabaceiras, Cobocó, Laranjeiras e a lagoa dos Palames?. Onde no Paraguaçu a foz do Bruco?

DISTANCIAS INTERDISTRITAIS. - de Muritiba às Cabeças, 6 quilômetros (reta 5) a Geolândia, 18 quilômetros; (reta 15 1/2) a Itaporan, 21 quilômetros; (reta 16 1/2). De Muritiba aos povoados à Aldeia, 11 quilômetros; (reta (reta S) às Bananeiras, 18 quilômetros, (reta 13 1/2) a Barroada. 12 12 quilômetros; ao Bom-Jardim, 21/2 quilômetros, (reta 2) ao Bom-Sucesso, 4 quilômetros; (reta eta 3) às Cabaceiras, 27 1/2 quilômetros; (reta 25) à Cachoeirinha, 2 quilômetros: (Estação Salvador

Pinto da Central da Bahia, linha quási reta) à Catinga-Seca, 20 quilômetros, ao Cipoal, 9 quilômetros, ao Cocão, 9 quilômetros; ao Encruzo, 21 quilômetros; ao Gravatá 6 quilômetros, à Lagóia Seca, 36 quilômetros; (reta 33) às Laranjeiras, 9 quilômetros; os; a a Manuel Ma Vitorino (Ponte da E. de F. Central Central da da Bahia) Bahia) 27 27 quilômetros quilômetros ao Maribondo, 15 quilômetros, no Portão, 4 quilômetros, à Quixabeira, 24 quilômetros ao Retiro, 3 quilômetros; à Timbora, (aliás ao Tymborá), 48 quilômetros (reta 43 1/2) ao Tôrto, 12 quilômetros. Das Cabeças a Geolândia, 14 quilômetros; a Itaporan 20 quilômetros; de Geolândia a Itaporan 20 quilômetros, de Itaporan à Estação ou Ponto da E. F. C. da Bahia, Severino Vieira, 21/2 quilômetros.

DISTANCIA. - da Capital, 190 quilômetros a automóvel; 46 milhas pela linha interna da Navegação Bahiana; em linha reta 70 quilômetros.

OROGRAFIA. - Divide-se (distância por automóvel) com o município de São Felix, de onde dista 5 quilômetros, ao Léste e ao Sul; com o de Cruz das Almas, de onde dista 21 quilômetros, ao Suéste e ao Sudoéste; com o de Castro Alves, de onde dista 70 quilômetros, ao Oéste; ao Norte, com Santo Estevam do Jacuipe, de onde dista 48 quilômetros e com São Gonçalo, de onde dista 35 quilômetros; ao nordéste com o de Feira da Conceição, de onde dista 23 quilômetros; tam-bém nesse vento, com o da Cachoeira, do qual dista 6 quilômetros, ligados entre si por estradas transitadas, não só por veiculos, mas por pedestres e animais, também; estas últimas de menóres distâncias. Entre Muritiba, Cachoeira, Feira da Conceição S. Gonçalo e Santo Estêvão, a majestade do Paraguaçu.

CLIMA. - Saúdável em geral. De Setembro a Março, caem as chuvas graúdas, acompanhadas de trovões. Sopram os ventos do quadrante norte. Esta a quadra de mais ma alto calor 30°, à sombra, raramente acima. De Abril a Agosto, caem as chuvas miúdas, e dominam os ventos do quadrante sul; descendo a temperatura até 17°, casualmente abaixo. Na zona da catinga, porém, sobe a 32°, à sombra, e desce a 15°, com raros acessos ou decessos.

ESTAÇÕES. - Goza de duas apenas, com ligeiras e espo-rádicas perturbações uma de Abril a Agosto, agradável, com raros dias abaixo de 20° centigrados. Esta é a das chuvas leves, do Sul, que lhe são próprias para plantação de hortaliças, café, capim, feijão, fumo, laranjeiras e milho; a outra de Setembro a Março, alegre, aprazível e saúdável,

com alguns dias em que o termómetro sobe até 30, natural mente, isso à iminência das trovoadas, que são, em comum, do Norte, e torrenciais; mas sem exressos. Depois das quais - flores, mel, frutos, gado gordo, abundância e saúde gerais

Astros - O Sol e-lhe sempre kialino. As proximidades das trovoadas, lá vem um dia no qual se apresenta sem o seu maravilhoso fulgor costumeiro, derramando-se nans tons amarelados Esse acontecimento afasta os ventos, faz o ar abalado, e aumenta a tensão termomètrica. Não será por outro motivo, que não por falta de observação, talvez o nosso desconhecimento do fenômeno a que a ciência cogno-mina parélio. De espaço a espaço, porém, ei lo dentro dum circulo, halo, ou auréola, ora de prata, ora com uns longes morenos de ouro, ei-lo, quasi sempre, morrendo num ocaso de logo. A Lua nunca se mostra merencórca. Quando re-cebe a grande invasão da luz solar, resurge ensanguentada. para, vencida a linha do horizonte, triunfante e vaidosa, exhibir sua máxima riqueza argentea, quasi lavada das man-chas escuras. Largos véos de lindos cirros, que nunca se mu dam em cúmulos, nem mesmo se tornam opacos, mas sempre de uma transparência milagrosa, acrescentam-the, a intersa los, a doçura poética. poética. Não são, porém in essas nuvens filamen tosas, senão de vez a vez imenso lençol de recamos esten-dido entre o astro snave e o céo, dando assim à celagem. pãlidamente iluminada, um que de silêncio religioso. Venus ou Vésper, a que, a sua gente do campo, chama de l'apa-cela ainda à claridade do fim do dia, principalmente em Abril, cheia de luz, rutilando a largos raios, de um jeito que, a primeira vista, o apreciador, encantado, pensa ter nos olhos belo e vivo crisantemo de ouro polido, a abrir e a fechar as pétalas, numa ânsia de voar, majestosa, qual se olhando o sitio onde o Sol mergulhou, resplende sôbre o Poente.

DILOCULOS. - No Inverno è alcançada da névoa subida do vale do Paraguaçu. Quando, porém, muito baixas as nu vens, isso depois de dias castigados dos ventos frios e das chuvas finas do quadrante sul, tem-na de si, não só ás ma nhês, senão também logo após de pôsto o Sol. Sto-the ordi nariamente limpidos no Verão. No Inverno, hã os de prata e outros em que o grande astro, mostrando-se num rasgio de nimbo, encanta. O Sol racamente nasce entre nuvens, e em céo acinzado.

OCASOR - Sempre com ouro, fogo, ferrugem ou sangue. e grande poesia. Ora cirros-estratos, ora bela cordilheira de cúmulos-nimbos ortados de ouro, ora de cirros-camulos ferrugineos, nunca jamais pãlidos.

VENTOS. - E-lhe constante o léste. As manhãs, o norte, baixo, leve e fresco; aos anoiteceres, até as 22 horas, mais ou menos, bafeja-lhe, caricioso, o nordéste, na Primavera e no Verão. Estes os ventos do seu Estio. Estio. Mas, de quando a quando, eis o sudoéste, provocando chuvas finas do léste, espalhando com a sua friúra desagradável, defluxos, gripes; agravando o estado de portadores de doenças pulmo-nares, atacando reumáticos e a velhice.

HIDROGRAFIA. - Caminhoá, ao sudoéste; Capivari, ao sul da cidade, e Paraguaçu ao norte, rios principais. Riachos - Areia, Bamba, Bruco, que na sua passagem pelo engenho velho Cobocó, perde o seu nome, e toma éste último; Inácia, João Gaspar, Lagoa Séca, Mato, Padres, Sangradouro, Sujo, Vilaboim, boim, (águas preconizadas como medicinais) com duas lindas quédas, o qual ao passar pelo Gravatá, recebe o nome de Cabeça-do-boi, e Xandinha, afluentes do Capivari; Brejos, Cabocla, Fundo, (salgado) Genipapo, (forte) nasce no município de Castro Alves; Gravatá, com uma linda quéda; Lambi, (salgado) Légua, Rafael, Saco, Salgado, (água finíssima e potável, com uma lindíssima cascata de cerca de cinquenta metros de altura) desembocam no Paraguaçu. Lagoas Água Branca, Bravos, (não séca) Cavallo, (muito grande) Carpina, Jacaré, Palames, (muito grande) Pindoba, Redonda, (importantíssima pelo tamanho, pela profundidade, por pis-cosa, por não secar, viveiro de jacarés, com o interessante de serem salgadas as suas águas da parte norte, e doces as da parte sul) Salgada, Séca, Sitio, (grande e não séca) Três Lagoas e Viração, nos distritos de Cabeças, Geolândia e Itaporan; no distrito séde da cidade São Pedro Velho, Urbano e Zezinho, (não secam, am, água potável). Ipueiras Contenda, nas Cabaceiras e Timborá, perto do arraial dêste nome, no rio Paraguaçu; a segunda, muito piscosa e farta de jacarés de papo-amarelo, grande protuberância sobre o focinho, valentes e ferozes, atacam o homem. Vertentes há uma infinidade, onde todos se abastecem, cada qual mais rica de água da melhor qualidade; assim grande porção de Cisternas, de trinta a cento e vinte palmos de profundidade, raras salôbras. Cachoeiras <<<Gamelleira» e «Marcello», no Paraguaçu, poderosas; «Buraco do Inferno» e «Cachoei-rinha da Roda, no Capivari. Acidentes Aporá, (serra) insulada sôbre a serra Buritiba, no distrito de Itaporan.

Nas câtingas há tanques de água pluvial, aparada e recebida por meio de levadas, que, depois de assentada, é ótima para beber, e sadia.

NOTA - O riacho do Bruco nasce ao sul da povoação das Cabeças, e segue o seu curso rumo do Sul, indo se lançar, com o nome de Cobocó, adquirido na sua passagem pelo engenho velho desta denominação, no rio Capivari, onde tem a sua foz. Em Muritiba, nem em parte nenhuma dos seus domínios, há rio, riacho, córrego, ou outra cousa qual-quer com o nome de Bruco. Como, porém, se explicarem as divisas, entre Muritiba e as Cabeças, ao

Norte, começam-do na foz do riacho Bruco, no rio Paraguaçu, que não tem tal afluente? (Vide Limites entre os distritos, Lei n.º 11089 - 30/11/38).

Éste, um dos mais hostis embaraços ao serviço do recenseamento.

RIOS PRINCIPAIS. - Abundanciar o necessário, dizem ra-ciocínios antigos, não involver corrupção, porque nunca será desperdício. Muritiba está entre o Paraguaçu e o Capivari seus rios principais. O Paraguaçu, já referido no corpo dêste trabalho, após do fervedouro dos timborás, desce, rico de várias espécies de peixes e de sucuris, mais ou menos manso, sem notáveis acidentes nem meandros, dei-xando ilhas que são aproveitadas para lavoura e para man-gas, pastagens naturalmente cercadas, todavia sujeitas a inundações nas cheias; formando pôços aqui, pôços acolá. de águas de feição negra, remançosas, boas de beber, entre margens de pequena relevância, com bonita população de aves, insetos e beijaflores; agóra enfeitadas de árvores e arbustos; adeante atapetadas de gramíneas; outras vezes culti-vadas; de, quando a quando, um anzol, uma groseira, um jèrèré; recebendo, na margem direita, uma infinidade de veios; a esquerda, outros veios, o Crumatai e o valente Jacuipe, prin-cipal fator das grandes inundações das cidades de S. Felix e da Cachoeira, até que lhe toma a frente, detendo-o, a extraordinária barragem «Jerry O'Connell, estendida nos seus 350 metros de extensão, numa altura de 35, como a afrontá-lo: Cresca se quisér seguir o seu destino! Epo cas das cheias, de Novembro a Março. O Capivari, que transborda em qualquer estação chuvosa, parte das vizinhan-ças do Genipapo, e pequenino, gemendo à hostilidade de uma raiz, gorgolejando ao entrave de uma pedra desviando-se aqui de um tronco, ali de uma rocha, entre margens baixas e leito arenoso, ora ao sol, ora à sombra de velhas ingazeiras, crescendo sempre, para depois de 68 quilóme tros dêsse curso assim poético, e de haver passado por pes-cadores vários, e várias lavadeiras, derramar-se da pedra da Roda, 4 1/2 metros de altura, formando a cachoeira

denominada Cachoeirinha da Roda. Nome, assim composto, e usado, depois da roda do antigo engenho Cachoeirinha, denominação, esta última, tomada, à queda aludida, Conti-núa o seu rumo. Agora, o leito de pedras; as margens, altas paredes de pedras. E vai êle roncando, espumejado, até, de uma vez, rolar, assombroso e poético, do alto de 8 metros no Buraco do Inferno, fechado entre escarpas, tão elevadas que só ao zénite, o sol the cai à tona,

Neste sitio de coturno carrancudo, ao pé das lages ne-gras em que se choca e se despedaça o rio, as suas aguas se juntam num belo pôço, profundo e piscoso.

PEIXES E CRUSTACEOS. - Acará, (termo tupi) dos Cichlidaes, gênero Geophagus; acary, cary, (t. (t. tupi) família preto, pele áspera, felo, do lodo, a boca, em baixo da cabeça, é provido de acúleos serrilhados, mas estimado; bicudo, fam. dos Mugiles; camarão, crustáceo conhecido crumató, (t. tupi) família dos salmonídeos, gênero physostomus; jundiá, (t. tupi) espécie de bagre; mandi, (t. tupi) família dos silurideos; matrinchan, (t. tupi) characino,

peixe-cachorro, Pardumado cresce até quarenta centímetros, não anda encardumado, tem dentadura forte, é mordedor; tem uma barata branca no céu da boca. E' comestível e se assemelha, mais ou menos, ao robalo; piaba, (t. tupi). characinídeo, pequenino. E' o terror dos pescadores a anzol iscado com vermes. Piau, (t. tupi) família Characideos, género leporinus; pírá (t. tupi) espécie de bagre, vive no fundo; piranha, família dos Characídeos, género pyrocentras e serrasalmo. E' vora-císsima e armada de dentes terríveis. Pitu, família dos Palaemonidas, crustáceo decapodo, macruro. E' saboroso e muito estimado. Robalo, Perca labrax; traira família dos characideos. E' saboroso a pesar de mui carregado de espinhas. E' armada de fortes dentes ponteagudos. Dá-lhe éstos peixes o Paraguaçu. O Capivari dá-lhe acará, cama-rão, jundiá, matrinchan, moreia, piaba e traфра. Éstes são os seus rios principais. Do primeiro já dissemos alguma cousa na primeira parte dêste livro.

AVES E PASSAROS. - Anum, arapapá. (pernalta ribeirinha) espécie de marraco; araquan, (de caça), azulão, (de canto) bacurau, (noturno) bem-te-vi, (de canto) bibiu (de canto) caboré, (noturno) caboclinho, (de canto) canário, (de canto) cará-cará, (rapina) cardial, (de canto) carriça, coleira, (de canto) cuiu, (trepadora, de gaiola, como as de canto) curió, (de canto), fidalgo, (de canto) frango-de-agua, (aquática, de caça) garça, (aquática, de caça) penereiro, (rapina) grunhatá, (de canto) inhambu, (de caça e de

gaiola) João-de-barro, (construe, de barre, o ninho sôbre o galho da árvore, principalmente jurema, com entrada para o Poente, e camarinha a salvo da chuva e dos ventos) ju riti, (de caça) marido-é-dia, (o seu canto é, por vezes, a re-petição modulada do seu nome. Não vive em prisão) mar-réco, (de caça) pato, (de caça) paturi, (de caça) perdiz, (de caça) periquito, (de gaiola) pomba. de caça e de gaiola) rolas, (de caça e de gaiola) sabiá, (de canto) sangue-de-boi, (de gaiola, pela beleza do vermelho das suas penas) sanhaçu, (de caça) saracura. (de caça) sofré, (de canto e lindo pelo colorido da plumagem e dos olhos furta-cores) suindara, (noturna) astu na) astuta e diligente, na sua caçada de coelhos, imita o ladrido destes, e se lhe responde algum. está irremissivelmente devorado. E o preto feio e triste de toda parte. A criação de galináceos é pequeníssima, e feita sôlta nos quintais, quér na cidade, quér em todo o município.

ABELHAS. - Jatal, mandaçáia, munduri, tubi, uruçú. Suas colmeias são ricas de mel e cêra da melhor qualidade; mas raras pela nossa incúria. As flores que tornam mais precioso o cortiço, são: as do assa-peixe, da caçutinga, do cafe-zeiro, da candeia, da laranjeira e do tinguí.

OFIDIOS. - Caninana - (Spilotes pulatus) Ataca os ni nhos e o homem; cobra-de-duas-cabeças; as; (Lepidos ternon microcephalum) cobra de cipó, (Herpetodryas sexacarinatas) colubrideo; cobra-de-cascavel, (Crótalus horriduz) coral, da família das colubrideas, é venenifera cobra-verde, cobra-de-espada; jararaca do rabo-branco, venenosíssima, jararaca-do-campo, amarelo-mostarda, a qualquer movimento estranho. achata-se e toma a côr do

chão onde estiver. (*Liophis al-madensis*) jararacuçu, (*Lachesis alternatus*) muçurana. (papa-ratos) colubrideo: (*Oxyrhopus claelia*) papa-pintos. colubrideo: (*Herpetodryas carinatus*) sucuri, boideo (*Eunectes murimus*) surucucu-pico-de-jaca, viperideo. (*Lachesis mutus*).

CARNIVOROS. - Furão, gambá, lontra, maracajá amarelo, mosqueado, murisco e preto, raposa. sarigué. O segundo, (*Putorius foetidus*) é caçador: põe o ânus. a jeito, à entrada de ocos ou de covas, onde sentir dentro o morador, (coelho, preñ ou rato) e esguicha uma espécie de óleo de cheiro infernalmente desagradável, que, chegado ao ninho. o desgraçado que lá estiver, arrebentará fóra, desatinado. (surupembado, na linguagem catingueira) doudo, para morrer nos dentes do inimigo. Essa terrível secreção é também arma de defesa, e onde é utilizada, fixa os seus horríveis efeitos por dias e dias.

DESDENTADOS. - Preguiça, tamandua, (de caça) tatu, (de caça)

MARSUPIAIS. - Sariguela (termo tupi).

MOLUSCOS. - Caracol. (*helix similaris*) A sua concha, ora amarelo-queimado, ora gris, é usada pelos tomadores ou sugadores de pitadas de esturrinho ou rapé, como cornim-bóque.

QUELONIOS. - Cágado-de-água-doce, jaboti, (de caça).

QUIROPTEROS. - Morcegos comuns e vampiros.

RANIDEOS. Gia, comestível. Ra verde e das moutas ou rubeta, (rana arbórea) que ao sentir ameaçada, muda de côr, tomando, rápido, a do pouso onde estiver, pondo-se dêste modo a coberto da gana inimiga.

ROEDORES. - Acuti, (cutia) (de caça) capivara, (de caça) coelho, (de caça) paca, (de caça) preá, (de caça) ratos.

SAORIOS. - Camaleão, (de caça) jacaré-mirim, jacaré-açu do papo amarelo, (acomete o homem e dizima crias de carneiros, de cabras e de porcos) papa-vento, teiu, (de caça).

UNGULARES. - Caititu e veado (catingueiro) (ambos de caça).

FORMIGAS. - Saúvas. A terrível inimiga das plantações. Uma noite apenas lhes é bastante para a população de um buraco arruinar um mandiocal; um parreiral. Formiga branca ou cupim; formiga açucareira; giquitáia, miüdi-nha, cuja mordedura é dolorosíssima.

MOSQUITOS. - Certos nas margens do Paraguaçu os aculicídeos transmissores do sezonismo. A causa morbigena dessa moléstia, parece estar na estagnação das águas deixadas do rio, em barrocas, caldeirões, gravatás, ipueiras, etc., quando após das grandes cheias transbordantes, deixa as terras marginais e retoma o seio. Originário do rio Una, próximo das Lavras Diamantinas, dizem o germe dessa doença; acrescentando-se que somente depois de o Paraguaçu receber as suas águas é que se torna sazonal.

As gentes da vizinhança do Una, aconselham, como preventivo, o uso da aguardente com água de limão. Fomos assim aconselhados, e o fizemos, quando atravessámos a zona; nós e um dos digníssimos Dezembargadores do Tri-bunal de Justiça do Estado. Há-se verificado casos de febres de outro caráter; de o paciente falecer dentro de quarenta e oito horas após da manifestação do mal.

FLORA. - (de uso terapêutico).

Abacateiro. - O decocto de suas folhas é muito reco-mendado como poderoso diurético.

Agrião. - (*Sisymbrium nastartium*) Herbácea da familia das cruciformes. Serve-nos, o branco, como diurético e es-tomáquico, e como hortaliça, eru ou cozinhado. O violáceo é depurativo

Alcaçuz. - (*Glycyrrhiza glabra*) da família das papi-lionáceas. E' usado como diurético.

Alecrim. - (*Rosmarinus officinalis*) labiada, aromática. O decocto é recomendado nos casos de partos difíceis.

Alfavaca-de-cheiro. - labiada, aromática, é usada em ba-nhos pelos reumáticos. O decocto da raiz é de eficassis-simo resultado nos resfriamentos, defluxos, rouquidões e catarro pulmonar.

Alumã. - estomacal e abortivo enérgico.

Angélica-do-mato. - é estimulante. umbelifera, aromática; sua infusão

Arnica. - da família das compostas usos conhecidos.

Arrozinho. - (arroz-do-mato) graminea; diurético enér-gico.

Arruda. - (*Ruta chalepensis*) rutácea, aromática; é em-pregada contra os maus olhados, e como emenagogo.

Artemisia. - da família das compostas, aromática. amarga; usada como emenagogo.

Assa-peixe. - (*Boheméria caudata*) branco, urticácea, diurético.

Assa-peixe. - (*Boheméria caudata*) violáceo, urticácea. Usa-se o çumo com ótimo resultado contra belidas.

Azedinha. - (*Rumex acetosella*) é estimada como re-frigerante. Contém sal de azedas.

Babosa. - da tribo das aloíneas, liliácea, uso co-nhecido.

Bamburrá. - (arbusto) aromático. Aplica-se, torrado e reduzido a pó, como antiséptico.

BETONICA. - (*vettonica*) labiada, aromática, o pó das folhas, é esternutatório. A raiz é emética e purgativa, con-forme a dóse.

Cajueiro. - (árvore. *Anacardium occidentale*) da fami lia das terebinthaceas de Jussieu. A primeira casca do tron-co entra na composição de tinta preta; a chegada ao lenho. é usada como adstringente poderoso, pelas puérperas. E'

rico de resina. O pomo dá saborosa compota, do suco faz-se delicioso refrigerante; fermentado, da vinho de gôzo. E' diurético e anti-sifilitico. A castanha, quando verde (muturi) dá apetitosos pratos; séca, contém no tecido esponjoso da casca, ativíssimo óleo cáustico e inflamável Aplica-se contra cravos e verrugas, destruindo-os. A amêndoa é oleosa, dá manteiga. Assada, é saborosa. Emprega-se, inteira ou dividida, em doces. Torrada, levada ao pilão, socada e reduzida ao chamado fufu, serve-se de mistura com café, e em comidas africanas, como seja o vatapá, etc..

Calêndula. - (maravilha) da família das compostas.

Uso conhecido.

Cambará ou camará, (Lantana camara) verbenácea Uso conhecido.

Caneleira. - (árvore. Laurus cinnamomum) laurinea.

Uso comum.

Capeba, (arbusto, termo tupi. Piper macrophyllum). O decocto da raiz ou das folhas, uma chicara por ingestão e um banho por dia, cura as opilações; e assim também a usam os hidrópicos. O chá é empregado contra as moléstias do estômago e do fígado, e o fazem também contra certas doenças uterinas. As folhas aquecidas, e assim applicadas, têm propriedade desobstruente e calmante

Capim-açu, - (Cyrtopogon alperrunium, graminea) pisado e aplicado, é hemostático.

Cardo-santo. - (Centaura benedicta) da família das cactáceas é empregado como anti-febril.

Catinga-de-porco, - (árvore) é de efeito maravilhoso como tônico e contra as moléstias das vias gástricas e digestivas. O chá é saborosissimo.

Catuaba, - (árvore. Erythroxylon catuaba) as folhas e a entrecasca são usadas, em decocto ou infusão, como excitantes nas debilidades gerais do organismo.

Cipós, de várias espécie, para armarrilho de cêrcas, para cordas, para fabricação de cestos, jacás, etc., e uso medicinal.

Crista-de-galo. - (Celosa cristata) da família das amarantáceas, é usada, o suco, nos casos de inflamação dos órgãos visuais. Nos de contusão, associado a pequena dose de sal; e, em decocto, para úlcera no estômago. Conheço um caso de cura, depois de esgotados os recursos da ciência, na pessoa do Sr. Isais Lopes, já desesperançado, e desenganado pelos grandes médicos de cá e do Rio.

Datura, - (arbusto) violácea, é venenosa, da família das solanáceas (Estramonium).

Datura, - (branca) as flores sécas dão um cigarro sumamente calmante. Os asmáticos usam-no, nas suas crises, com grande proveito.

Erva-doce - (umbellifera) uso conhecido

Erva-de-passarinho. - (*Coranthus brasiliensis*, *lavantha cea*) quando parasita da laranjeira, o çumo cura aftas, a espécie a que o vulgo apelida de canto de sabiá.

Erva-de-Santa-Maria, - (chenopodiacea) O çumo contra aftas.

Erva-ferro, - (*Chenopium vulgare*) Aplica-se o çumo em incisões. Contém iodo.

Esponja, - (*Luffa Egeriacia* Mill) O bagaço do fruto é empregado no serviço de lavagens; na fabricação de chapéus, cestinhas, sapatos para banhos e adornos de toucador

Fedegoso, - (leguminosa) febrífuga.

Fel-da-terra, - (*centaurea menor*) anti-febril, amarga

Folha-da-Costa, - Esta folha contém grande porção de çumo de que se prepara um xarope especial para moléstias das vias respiratórias. Põe-se uma fôlha, sobre ela uma II-geira camada de açúcar, outra folha, outra camada de açúcar, e assim por diante. Colocam-se estas folhas, deste modo dispostas, numa vasilha enxuta, e leva-se no fogo até que elas vertam todo o suco. Feito o que, escorre-se, e tem-se então o xarope. E' empregada também, aquecida, nos casos de frieira.

Folha-santa, - para aplicação no tratamento de feridas.

Hortelã-verde. - (*Mentha viridis*) Otálgico.

Ipecacuanha, - (*Cephaelis ipecacuanha*) rubiácea.

Uso conhecido.

Jalapa, - (convolvulacea) uso conhecido.

Janaüba, - o fruto é medicinal de uso comum. O leite é empregado em cataplasmas nos casos de luxação

Jandiroba, - (*Teuillia trilobata*) cucurbitacea. Em-prega-se contra mordeduras de animais venenosos.

Jarrinha, - ou mil-homens, da família das aristolochias E' empregada, em banhos, em casos de orquite blenorragica. O abuso atrofia o órgão tratado.

Joazeiro, - (*Solanum falsii*. DUN) Árvore de espi-nho, tamanho mediano. O fruto é quasi esférico, com ligeiras depressões nas extremidades, ao jeito de pequenina ma-

çanilha, de casca amarela e polpa branca, Aspera, muito estimado dos gados vacum, caprino e lanigero. Nas grandes secas, somente ela conserva o verde escuro das suas folhas. A sua entrecasca, rapada, substitui o sabão na lavagem da roupa e no banho em aguas salobras. Séca

no sol e redu zida a pó, é empregada como dentífrico Expoma, limpa primorosamente os dentes, conserva-os, e não ofende a gen giva nem as mucosas bucais. E levemente amargo. Tem também, esse pô, uso antiblenorrágico.

Jurubeba. - (*Solánum mamosum*). E empregada nas hepatites crônicas e nas moléstias dos órgãos digestivos. Desperta o apetite e facilita a digestão.

Losna, - aromática, de sabor amargo. E anti-desinté rica, e é também usada em casos de embaraço gástrico. E' cordial, emenagogo, febrífuga e antiséptica.

Malva, - (*Monadelphia polyandria*) as folhas são usa-das em decoções mucilaginosas, cataplasmas, etc.. Emo liente e cicatrizante. icatrizante. As flores, que são de um lindo azul, em infusão, empregam-se contra o catarro pulmonar.

Malva branca macia, - (*Lida Velluta*) o çumo das folhas é anti-ofídico.

Malvaisco, malvácea, - o mesmo que altén, é usado em clistéres contra prisão de ventre. O decocto, contra frieiras. Emoliente.

Mamoeiro, - (*Carica papaya*) árvore. O látex do fruto verde ou do caule é peptonizante; e é empregado como an telmítico. O decocto das folhas maduras ou sêcas, nos casos de indigestão e incómodos estomacuos.

Manacá, - uso conhecido.

Mangericão, - (*Ocimum minimum*) aromática labiada. Usa-se o chá contra defluxo.

Maracujá-açu, - (t. tupi) passiflórea. Tem várias virtudes officinais.

Maria-preta, - (*Conoclinium prasiifolium*) da familia das compostas, cordeácea, aromática e excitante. O decocto é saboroso; e è usado contra tosses, resfriamentos, rouquidões, catarros pulmonares.

Mastruço, - (*Lepidium sativum*) crucifera. E' aplicado em casos de contusões, interna e externamente; contra as afeções pulmonares, associado ao leite de vaca, e é ver-mifugo.

Melissa, - tônico do sistema nervoso, e estomacal.

Mentastro, - dores reumáticas. (*Mentha rotundifolia*) synanthérea. Contra

Milho, - (os cabelos da espiga) diúretico enérgico só-bre o que mais o for.

Mostarda, - uso comum.

Mulungu, - (*Pediculus capitir*). A espuma da entrecasca extingue piólhos.

Papoula, usada contra insonia.

Parietária, empregada como diurético. Tem também propriedades emolientes e adstringentes.

Pau-pereira, - é aplicado na cura de bicheiras, mata os bichos. Utilizado especialmente na extinção dos vermes e lêndeas de moscas em umbigo de bezeros, bicheira em que se não deve aplicar o mercúrio doce, porque mata o paciente. A entrecasca, triturada.

Patchuli, estimulante e insetífuga.

Pindahiba, - árvore. Usa-se em tintura, nos casos de indigestão.

Pinhão, - (da haste arroxeadá) o latex é anti-ofídico. Assanhada a cobra venenifera, por meio de uma vara de pinhão, a que ela fira com várias picadas, morrerá.

Poejo, - (Muta pulegium) aromática, labiada. E' usada pelas parturientes, em certas complicações.

Purga-de-batata, - da batata ralada faz-se uma espécie de cocada; usa-se às colheres; ou extraída a substância amilácea, para usar às pitadas, na água contra a sífilis.

Purga-do-campo, - (Echites alexiaca) da família das apocynas. Usa-se a raiz em decocto. E de grande efeito catártico.

Rícino, - Uso comum.

Sabugueiro, - Uso comum.

Sapé, - gramínea de propriedades diuréticas.

Segurêlha - (Satureia hortensis) labiada, aromática. Serve de condimento, e é tônica, fortificante e diurética.

Tabúa, - (Typha minor) apontada também com vir-tudes terapêuticas. Emprega-se em artefatos de palha, como sejam suadouros de cangalha, esteiras, etc.. É macia.

Tanchagem, - da família das plantagineas. É usada, com grande êxito, em decocto, para banhos dos órgãos da visão, quando doentes de moléstia inflamatória.

Urgeão, - verbenacea. É empregada, em decocto, con-tra indigestões.

Vassourinha-doce, verbenacea. É diurética.

Velame-do-campo, o látex é empregado como caus-tico, dando o resultado almejado.

MADEIRAS. Aderno, amargoso, amóra, aroeira, brasilête, de-velho, clarafba, espinheiro-ama-canela-de-velho, abola, genipapo, gitahi, guabiraba, relo, fava-amarela, fava-cabocla, ingá, inhaiba, itapicuru, jacarandá, jacarandá, jaqueira, jurema, laran-Jeira-brava, louro, maçaranduba, matataúba, pau-pombo, pau-de-arco, pau-roxo, pindafba, putumuju, quixabinha, sassafras, sapucaia, sicupira. Isto não obstante a devastação das matas.

PLANTAS FORRAGEIRAS. RRAGEIRAS. Andrèquicé, capim angola, de planta, mimoso, açú, marmelada, angolinha, pé-de-galinha, pé-de-papagaio, guiné, gordura, tinga; beldroega, herva-dágua, etc..

Tortulhos. Tem-nos de várias espécies. O carnudo aromático, comestível, não lhe é conhecido.

PALMACEAS. Airi, buri, coqueiro dendezeiro, juçara, ouricuri, pati, pindoba, tamareira, ticum, etc..

DECORATIVAS. Amendoeira, Flamboyan, Tamarinheiro, e grande variedade de lindos fêtos.

JARDINS PARTICULARES. Amor-perfeito, angélica, boa-noite, bogari, bonina, botão-de-ouro, cravinas, cravos, crisan-dálias, crisantemos, dálias, gérberas, gira-sol, jasmims, lírios, magnólia, mal-me-quér, manacá, margaridas, resêda, rosas, saúde, sempreviva, suspiro, veludo, etc..

POMARES E FLORESTAS. Abacate, abacaxi, ameixa-preta, amêndoa, amóra, ananás, araçá, áta, banana, cacau, cajá, cajú, carambola, cidra, côco, dende, fruta-pão, genipapo, goiaba, groselha, guabiraba, ingá, jaboticaba, jaca, jambo, juá, laranja, lima, maça, mamão, manga, nga, maracujá melancia, perrucho, pinha, pitanga, piticoba, romã, sapoti, tamarindo, umbu, uva, etc..

FRUTAS PARA CREMES, LICORES E REFRESCOS. Abacate, aba-caxi, cajá, carambola, caju, genipapo, goiaba, groselha, laranja, limão, mamão, manga, maracujá, pitanga, tamarindo, umbu, uva, etc..

ARVORES TANIFERAS. Angico, aroeira, bananeira, braú-na, cajueiro, genipapeiro, jurema, etc.. Resinosas. Alme-cegueira, cajueiro, umburana, etc.. Tintoriais Açafroeira, angico. Cebola, a casca vermelha, sêca, em decocto, etc..

OLEIFEROS. A semente do algodoeiro, a castanha do caju, a mamona, o mendobi, etc..

FIBRAS TEXTEIS. O algodão, que podemos produzir de fibra longa; algodão chamado de seda, barriguda, penugem; cascas caron, e outras bromeláceas; castanha do reino, gameleira, pindaíba, ouricuri, tucum, etc..

QUINTAIS. Abóbora, aipim, alface, alho, andu, batata, brêdo, bringela, cebola, cenoura, chuchu, côco, coentro, couve, favas, fruta-pão, s, fruta-pão, giló, girimu, hortela, limão, língua-de-vaca, mangaló, maxixe, mostarda, mostarda nabiça, nabo, pimenta do reino e de todas as outras espécies conhecidas, pepino, quiabo, rabanete, repólho, taioba, tor taioba, tomate, etc..

SITUAÇÃO DEMOGRAFICA. A população do município, dili-gente e pratriòticamente, como ha sido agora recenseada. não fora o mapa, grosseiramente carregado de erros, e a falta de certos elementos de obrigação da municipalidade, elevar-se-ia de 37 a 40 mil almas. Asseguram esta afir-mativa:

O Recenseamento de 1890 (3.500 jogos)	17,390 hab.
---------------------------------------	-------------

-1941-

O numero de suas habitações:

Cidade. Urbanos	1608
» Subs	407
Vila das Cabeças. Urbs.	203
» Subs.	83
Geolândia. Urbs.	96
» Subs.	8

Itaporan. Urbs..	56
» Subs.	10
Povoados (20)..	441
Propriedades agrícolas (matrizes).	1365
Sítios (filiais)..	3412
	<hr/>
Total	7689

OBITOS. E ainda o registo de mais de 700 óbitos anuais, ou sejam quasi 2 diários; percentagem que, dada a salubridade do seu clima, demonstra, claramente, densidade de população.

Côr. 80% de pretos a mulatos; 20% de pardos a brancos.

SEXOS. Podemos também fundados em a nossa acurada observação, estimar em 45% o sexo masculino, e em 50% o feminino.

IDADES. Havendo ainda em grande conta o desvelado da nossa atenção e interesse de informar com exação, re-

gistamos: nonagenários, raros; octogenários, 1%; de 70 a 80 anos, 4%; de 50 a 70, 10%; de 30 a 50, 45%, até 30, 40%-

ESTADO CIVIL. Casados, 20%, solteiros, 75%; viuvos 5%.

ESTRANGEIROS. Três.

NOTA. - A antiga Diretoria Geral de Estatística do Estado, hoje Departamento Estadual de Estatística, divulga, para a superfície do município, 110 quilômetros quadrados. A insignificância, portanto, de um perímetro de menos de oito léguas, o que não é aceitável. O perímetro de Muritiba, baseado nos seus limites, de acordo com a Lei número 1349, de 8 de Agosto de 1919, estendendo-se uma reta sobre a sua extensão máxima, do porto da «Passagem, no rio Paraguaçu, à foz do riacho da Léguas, acharemos 9 1/2 léguas; dêste último ponto ao poço do Chapéo, no rio Capi-vári, segundo quilómetro da Estrada de Ferro Central da Bahia, 1 1/2 légua; dêste ponto até pouco abaixo do quilômetro quarenta e um, na Estação do Sapé, na foz do riacho da Lagoa Sêca, 6 léguas; dai ao porto da «Passagem», onde começamos, 4 léguas; num total de 21 léguas, iguais a 126 quilômetros, que, divididos por quatro, dão 31, os quais multiplicados por 31, mostram o número 961, que é o correspondente aos quilômetros quadrados da superfície do município de Muritiba. Hoje, porém, 880. Menos 81, que a Cruz das Almas levou com a Sapucaia. Pública também a aludida Repartição, a estimativa da população geral do município em 1934, com a soma de 29.472 pessoas, e, em 1935, com a cifra de 20.159 habitantes; uma diferença assombrosa para menos. Quasi 10.000 almas! Esse desaparecimento de 10.000 pessoas, sem haver doença epidémica que dizimasse a cidade, e o campo nem outra qualquer causa que justifique o

grosseiro da absurdidade, não é sério. Em 1936 e 37 27.265 e 27.662, respetivamente; ainda assim menos que em 34. É, não há dúvida, para corrigir.

AS JOVENS. Formosas e inteligentes. Interessantes até. Mas pouco se casam. Casadas, nem sempre são felizes com o casamento. Anseiam-no, entretanto. Tomam o caminho do seu encontro. Adeante, eis um galanteio aqui, outro ali, outro acolá, aos seus olhos, e que se passam logo ao espí-rito. São madrigalistas que lhes sorriem, como se enleva-dos. Creem e páram. Cantam-lhes galantes lōas. Elas, os escutam. Distraem-se. Caem em êxtase. Não dão que o Tempo vai desfazendo os primores que a natureza lhes pôs no rosto por dias. A um relógio que dá horas, despertam. Correm ao espêlho. Pensam-no mentir-lhes. A Realidade,

terrível como soe ser no decidir dessas pendências, surde, de improviso, a thes dizer: Não maculeis o que vos não mente. Sorprendem-se, e indagam, allitas, de si para si: Que é que fizemos!? Há um silêncio então ansioso e triste. Volta-lhes o ânimo, sob o fundamento de que contra esperan-ças só a sepultura. Cativam-se ao Artificio por ter mão à Natureza. Retomam aquele caminho, mais risonhas, mais dadas, mais bem engalanadas, agora mais que nunca. E vão e cansam. Assim enfadadas, buscam debalde cantores. Insis-tem. Sempre a mesma solidão. Pendem a frente, e uma lágrima, a mais dolorida e reçumante de tristeza da alma da mulhér, escorre-lhes rosto afóra, donde escapa e róla, e cai no chão do desengano. É o Arrependimento que chega tremendo, condenando imprevidências, seguido da sua plebe crudelíssima, a pungi-las com espinhos, uns; outros a levar-lhes aos lábios descòrados da ação do desgosto, o cálice da amargura. E lá vem um dia, ó dia tétrico e horrendo!, e alguém lhes anuncia um fio cândido entre os da sua cabe-leira, é a suprema desgraça.

OS MANCEBOs. Não constituem um tipo aproximado do outro. Quér na conformação geral, quér na côr. Defeito de raça; mal que não pésa apenas sobre Muritiba, Mu mas em todo o Estado da Bahia. Não têm o gôsto das letras nem das artes. O município há, porém, perdido, talvez, grandes ar-tistas na música e na pintura, por falta dêsse gôsto. São afáveis e prestimosos, amigos das festas, de pouca resistên-cia aos impetos da Ingratidão e dedicadíssimos às relações novas, principalmente com adventícios.

HOMENZARRÃOS MULHERONAS OBESIDADE. São rarís-simos. Raras também são as estaturas majestosas, notada-mente no sexo feminino. Homenzinhos e mulherzinhas eis quási o todo. As mulheres mais inteligentes que os homens; porém, como êstes, iguais na mania partidária, tenha ou não importância o assunto; interêsse-lhes ou não. Na sua maioria, são belas. Beleza essa que é sacrificada pela ânsia de casar e excessos outros. Há, por isso, belezas, senão formosuras, caídas aos trinta anos. Ôlhos verdes-azulados ou garços, são raríssimos! assim narizes aquilinos e retos. Os achatados são comuns. Raro é o sorriso que mostra perfeitas as arcadas dentárias. A cárie chega a ser comum até em dentes tempo-rários. No tocante ao amor, a Sinceridade sofre alguma cousa. A Dedicção nas relações, sofre muito mais. Dai o muito ordinário das, quebras de laços de amizades e conju-gais. A Gratidão

aparece-lhe em apressadas visitas. A Pro-lificidade está em todos os lares sem distinção de nenhum.

CRIANÇAS. Nascem belas e fortes, de uma parte; de outra, nascem já destituídas dêsse bens. As primeiras, de-pois, tornam-se iguais às segundas, porque as suas mãis thes não amamentaram. Afastaram-se da Natureza, e ajustaram-se ao artificial, por mui zelosas da natureza do próprio eu. As segundas, porque às suas genitoras não é possível ali-mentação conveniente, e as necessidades da vida obrigam-nas a deixá-las, durante o dia, ao encargo de estranhos a quem somente um desvélo domina: receber a paga do descarinho, e, muitas vezes, deshumanidade.

NATALIDADE ILEGITIMA. 85%. Motiva a tristeza do elevado desta cifra, a promiscuidade nas casas de trabalho; e, sobre-tudo, na celebração do casamento religioso, sem indagação de haver o nubente cumprido a lei, ou já casado legalmente, e a Igreja recebê-lo e casá-lo com outra mulhér, golpeando de morte a Família.

Esta irregularidade está exigindo providências prontas e eficazes da parte do Governo civil, em prol da legitimação do lar, com a cessação do abuso de crenças, tão prejudicial assim aos interesses da prole e da sociedade.

Numa população de entre 37 a 40.000 almas, realizando-se apenas, anualmente, 156 casamentos legais, atinge as raías do espanto pela insignificância.

CAUSAS DA MORTALIDADE. Crianças apoplexia, catarro sufocante, coqueluche, debilidade congênita, desinteria, diar-réa, gastro-interite, meningite, sarampo, tétano umbelical. Outras moléstias, esporàdicamente. Adultos carcinoma, congestão, desinteria, diabete açucarada, febres de natureza paludosa e tífica; moléstias do aparelho circulatório, diges-tivo, respiratório; moléstias do figado, sífiles, e de maneira impressionante, de mais a mais, a tuberculose, principal-mente a pulmonar. Há-se verificado casos de Mal de Pott, se bem que raros.

DEFORMIDADES FISICAS. Cegos, privados apenas de um ôlho, hemiplégicos, manetas, paralíticos, pernetas, cifras baixas.

DEFEITOS ORGANICOS. Débeis mentais, hermafroditas, ho-mosexuais ou invertidos, inferiores psíquicos, macrocéfalos, miopes, mudos, présbitas, surdos, surdos-mudos, tatibitates, vessos ou zarolhos, raros, relativamente à força da po-pulação.

DOENTES. Elefantíacos, epilépticos, loucos, paraplégi-cos, raríssimos; asmáticos, cancerosos, herniosos, são mais

ou menos comuns. Hepáticos, leprosos, (alvaraz) reuma-ticos, tuberculosos, sifiliticos, são comuníssimos.

VICIOS. Alcoolismo, de maneira estarecente, estar com casos, na mesma proporção, de delirium tremens». A onico fagia também tem os seus. O tabagismo, domina de modo impressionante, deformando bôcas, lábios; estragando gen-givas, estômagos, intoxicando em fim, enojando, emporen-Ihando.

REGISTO CIVIL Nascimentos registados, média anual, 100; casamentos. 160; óbitos, na mesma razão, 710. O número de registos de nascimentos à face do de óbitos, dá ideia de acabamento próximo da população muritibana. En-tretanto, a Fecundidade, parece, de residência no município. influíndo em todos os lares. Os partos duplos não são raros, nem os casais de doze filhos. O O observador que atentar para as saídas ou entradas das operárias dos estabelecimen-tos fabris da cidade, e fizér uma visita aos sítios e fazendas, convencer-se-à de que não é exagero estimar em 4 os nasci-mentos diários no município de Muritiba, ou sejam 1.460, em média, anuais, que correspondem ao número de falecimentos, na ordem natural das cousas, tendo-se em toda a considera-ção a salubridade local, e a quatro mil mões, um nascimento por mil, numa população superior a 37.000 habitantes.

CULTURA. Escolas estaduais, no distrito séde do muni-cípio, para o curso primário, 13, com 724 alunos de ambos os sexos, e 2 particulares mixtas, com 70 alunos; uma. custeada pelo município, na povoação de Gravatá, mixta, com 40 alunos; no distrito das Čabeças 5 estaduais, mixtas, com 272 alunos, e uma particular, fundada pelos protestan-tes, com 64 alunos de ambos os sexos; no distrito de Geo-lândia 2 estaduais, mixtas, com 106 alunos, e uma do mu-nicípio, mixta, com 38 alunos; no distrito de Itaporan - 2 estaduais, mixtas, com 115 alunos, e uma do município. mixta, com 48 alunos. Num total de 27 escolas com 1.463 alunos de ambos os sexos.

Não possui gabinete de leitura, associações literárias ou culturais; nem imprensa, nem biblioteca. É-lhe distribuído um quinzenário de formato pequenino, impresso em S. Felix. O seu cinema é excessivamente humilde. Ouve a duas fi-larmônicas. 5%, da sua população sabe ler e escrever o usual; 50%, o faz mal; 45% é de analfabetos.

Quem o responsável por esse infeliz desprezo da ins-trução? O vício religioso, que também concorre para o des-caso do amor da Pátria. Que lembra isso? Latino Coelho,

sentenciando: Abramos as cortinas à luz: «O povo que se não instrui pela exageração religiosa, é um povo descui-doso do futuro».

CONVERSAS

Numa casa comercial

Meu caro Sr. quem é vivo, um dia aparece! En-tão, como vamos de negócio? Muito bem, por certo. Não?!

De mal a pió. Não diga assim! mente melhoradas. As cousas estão considerável-
Venha prá cá, pró Sr. sabê da melhóra!... Aqui, prá se pagá uma duplicata, é um pau com formiga.

Nem tanto...! O velho e bom amigo, por exemplo, nunca perdeu prazo, nem pediu espera. Deus e eu é quem sabe os puxos. A infruência do nosso comércio, o Sr., bem sabe, que é a safra de fumo, quando dá bom preço. Os lavradó está com ela em casa, sem achá comprado; os armazem, parado; as fábrica com o trabalho munto risumido, como havê movimento? E os impôsto?! Estamos só esperando a hora de batê as tranca. Si não fosse um fiado que eu tenho espalhado aí pela roça, é de hoje que eu já tinha largado essa porqueira!...

Não é assim também!... O imposto é correia que o negociante corta no couro do consumidor. Os impostos abrem portas a maióres lucros...

Como?!!!... Só se é lá na Bahia. Aqui a coisa é outra.

Mas ouça: O imposto atinge tal mercadoria. Apa-nhamos o lapis, e verificamos para cada quilo, metro ou litro \$050. Nossa moeda de menór valor é \$100. Então?...

Não entendo êsse probrema...!

Há de entender: passamos o que vendiamos por mil réis, ganhando \$100, para mil e cem réis, ganhando agora \$150.

Que conta atrapalhada, essa!...

Nada de embaraços nem de sombras há ai - tudo li-vre, tudo claro que devido ao imposto e à falta de moeda do valor de \$050, o negociante que auferia \$100 de lucro, num litro, metro ou quilo, passou a auferir \$150.

O desmentido positivo, portanto, de que o diabo não é tão feio como o pintam.

-Lá êle, o diabo!...

- Nenhuma atrapalhação; senão muito aos olhos.

- E!... Na boca tudo dá certo. Quem quisé sabê o gosto do ôsso, que venha prá dentro dessa desgraça!... Sr...! qué que lhe diga uma coisa? O negócio que ainda pinga uma bobage é

fazenda; porque o tabaréu inguinóra. Mas, carne e bacalhau!?... Sente af e arregale os ólho!... O bom tempo já Deus levou.

- Com franqueza, eu penso de modo diverso: O mau tempo é que já se foi: o de um quilo de xarque por uma pataca, deixando de lucro \$040. Atualmente, se pagamos muitos e pesados impostos, mais elevadas despesas comuns, em compensação, contamos com o aumento do número de consumidores, com a razão para a alta dos preços; e, em conseqüência, maiores lucros. Ontem, vendíamos, por hipótese, um litro de sal por \$040. Ganhávamos quanto? Nem 10%, talvez. Hoje, porém, vendemos quatro, ou mais, a \$400, com 20% de lucro!...

- Só se isso é lá na Bahia... terra a donde eu não vou, dendê da na raiz... Aqui o riscado é outro; é mais traba-lho, muito imposto, muito fiado e lucro pela hora da morte.

- Naqueles ten tempos de suas saúdades, nesta zona, quanto vencia um operário? o trabalhador de enxada? o artista? e quantos eram? Eram talvez menos de um terço do que são hoje; e venciam de duas a cinco patacas diárias. Nos dias correntes, são em número dez vezes, ou mais, acima do que eram então, e vencem, ordinariamente, isto entre nós, mais de 3 até 205000 diários. Há em tudo isso uma diferença que muito nos enobrèce, i. é. ontem nos apresentávamos ao mundo, como pobres, pela ridiculez orçamentária. Hoje, não. Hoje, apresentamo-nos com um belo orçamento que nos impõe, como ricos, ao respeito e à admiração do mundo inteiro.

Isso é que é sabê tapiá!! Eu é que não vou nisso...! Qué que lhe diga una coisa?stamos rico assim, e tem muntos af, como eu, que não tem adonde cal morto!...

- Deixemos isso. e diga-me cá: Dá-nos ou não um pe-didozinho, hoje? Aproveite a oportunidade!... É um conse-lho de amigo, que lhe dou. Aproveite!

- Doutra vez. Não se faz nada! Tudo parado. Doutra vez
Então..

Muleque danado prá cantá! Vim prá cá dizê que os im-posto dá brécha para maió lucro...!
Aos grande, que ja'stão impapado!

Numa esquina

-Cadê o bicho? Já se amuderou?

- Passou por mim, hoje, com a mesma lata descaradade todo dia. Mas, comigo, êle se estrépa. Ele sabe disso E sabe, de sobra, qui eu não meto mão in cumbuca; nem sou Zé Zarôio, que êle foi aos queixo dêle, e êle galinhou, como uma porca. Comigo é no duro da batata.

Esse é qui é o traviá. Quem tem pena de pinica-pau dá o ôco a êle.

-Féche seu corpo, que êle tem peito que nem caran-guejo

-A garapa é essa - é se cubri.

-Coberto e de corpo féchado estou eu prá prá êle. Sou bêsta de facilitá in gente viva...! Isso não é somentes prá êle não; é prá muntos que tem aqui...!? Ele, outro dia, deu com os ólho in mim e imbalançou a cabeça, como quereno dizê que largatixa bate ca cabeça, mas não diz qué qui vai fazê. Creia, menino, me subiu, nessa, hora, um fogo prá cabeça, quí só mi deu vontade de avança e dá uma zorrada prá vortá pro outro lado a cara do miséra! Apanha um aragaço, um retombo de todo mundo, bota dentro de casa, e qué passá pur gente graúda! Eu fui que me arreboxei de dá boa noite aquele brugunço. Vim prá cá me dizé caranguejo por ser munto cortés ficou sem a cabeça. Se êle nunca vin rato roë dinheiro de cobre, vai vê na primeira careta qui mi fizê. Êle vai vê o qui é uma anizade!

- Abra seu zóio cum êle...! Arma runie é que fais visage...! Eu toda vida vi dizê qui cambotá é que suja a água.

- Nada! É mais purga que purçubejo. Um vaca que eu estou cançado de vé inguli o gomitado. voscês viro, qui mudaro de cô!?... Qué qui

É êle! Vem ali! E já vem pesado! puxando um fou-gão doido!

Qui medo faz aquilo?... Sabe de uma coisa? Deixe eu i mimbóra, qui eu não sou limão, nem quero fazé uma asneira, prá deixá meus filho atoa, e voscês, que são bôa buxa, sirrino de mim.

Na porta de uma fábrica

Êle qui vá se estourá!... Comigo éle corta, mas não veste!

Voscê diz assim; mas não se garante...

Voscê vai vê...! Eu quero qui a Mãi dágua me entorte a cara prá costa se aquele infeliz pô o pé na mi nha porta, e si eu não botá éle prá fóra, cumo quem bota um cachorro.

Prá qui diz assim na hora de meio dia!... Os anjo póde dizé amém!...

dedo. Qui nada, senhora!, é só em conto êle não bate o

Cachorra, voscê sabe quem é!... Os mais é cumo tu, qui o teu desgraçado ti enche as bandurras qui ti deixa moida, e no outro dia tu está de purungu, ca lata machu-cada, pulo meio da rua!?

Vá furando em conto a terra tá mole!...

Na feira, entre lavradores

Abença meu padrinho!

Oh! cuma vai! Deus l'abençãoe. Cumpade Mané tá bom? Cumade Jana e povo di lá tudo cuma vai!

Cuma Deus qué e é sirvido. Pulejando cum pouca saúde, e ca carestia das coisa. Oi, meu padrinho, voincê é de vê, eu truve dois arqueire de farinha, en em deu prá meia missa, conto mais prá fazê o saco!...

Ésse mundo, meu fio, tá todo dèfèrente! É caixa de pau falano qui nem gente!...; vapô avoano qui nem aribu!...; os home quereno pô o pé adiente de nosso Si-nhô... Eu mêmo nem sê adonde a gente nesse jeito vai esbarrá com simiante épa. Um cuma mim entonce, com dezasseis bóca nas costa!...

E voince é de vê a corage do povo, casano prá diente! Lá mêmo vai casá quato na sumana qui vem.

Se agora é qui cheguemo da noite de Som Cosme da véla Arvilina...!

Minha fia, é prá tu me fazê um biête.

Qui dô!! Eu nem seio, dona Duvige! Vasmincé já foi ali na casa de seo Trocate.

Dond'é q'eu vim!?

Numa Repartição Pública

Nosso Sinhô mandou bom dia a voincês. Eu vim fazê meu risisto. É uma bobaginha qui a gente bota prá fazê favó a os arrendero. Mais porém, cuma os meu mais véio sempre gostaro de arrespeitá as lei e as turidade, eu quero tê o mêmo rijume.

Assente-se para encher as guias.

Ai é cu carro apegô, meu coroné! Seu criado nem sabe po o preto no branco. Vossa incelença mêmo nem póde fazê de pru mim? Se nem póde, nem s'acanze que eu vou caçá um fio de Deus, que me faça essa caridade.

Pronto, meu coroné. Ésse sinhô é uma arma boa! Largo prua banda a custura qui tava cuseno, prá mi sirvi.

S'impatou mais nem botou in sacco rôto...

Faça favor em se sentar. Escreva: Sr.

Nesta linha?

Na primeira.

Aqui?

Póde ser mais para o meio da pauta.

C grande ou pequeno?

RELIGIÃO. Catolicismo 98 1/2; protestantismo (inci-piente), 12% Igrejas a matriz, a capela de N. S. do Rosário (na séde da freguesia) e a capela de N. S. da Conceição das Cabeças, boas; em São José Geolândia, Cabaceiras, Gravatá, Laranjeiras, Retiro e Timborá, em cada um, uma pequena igreja. Festejam-se Senhor do Bom-fim, S. José, (S. Benedito, o mês Mariano, Espírito Santo, Santo Antonio, S. João S. Pedro, (orago da freguesia) Assunção de

N. Senhora, N. Senhora do Rosário, Todos os Santos, N. S. da Conceição, Santa Luzia e Natal. Existem algumas associações para o serviço da Igreja.

COMEMORAÇÕES CIVICAS. Primeiro de Janeiro, 21 de Abril, 1.º de Maio, 2 de Julho, 7 e 21 de Setembro, 2, 10 e 15 de Novembro.

COSTUMES E CRENDICES. Tomar a algodão o canal audi-tivo externo, por que não penetre o ar, quando de purga»: não aparar as unhas nos dias de sextas-feiras, para evitar espigas; abstenção de carnes nas vésperas de certos santi-ficados, para não perder a graça do céo, não deixar chapéu em cima da cama, senão atraso certo; rezas contra espi-nhela caída, erisipela, luxações, mau olhado, etc.; incen-sar a habitação aos sabados, e atirar os restos do incensó rio à rua; não deixar vidros quebrados em móveis, porque, atrasa a sorte. Ter em casa um pé de pinhão para evitar a entrada do «sujo, e efeitos de feitiçarias. O torço, a saia e a anágoa de grande roda, os engomados roncadores, o pendacosta, a chinelinha de salto alto e bico fino, os argo-lões, os colares de contas grandes, os calcanhares assea-dos, os barangandans, das mulatas e das criolas, desapare-ceram já; salvante nas dadas às casas de candomblé, as chamadas «fias de santo, que usam tudo isso, e mais a masca de fumo.

COMERCIO. O seu comércio principal é o fumo, para cujo beneficiamento tem quatro armazens, dous na séde. dous, na vila das Cabeças, que trabalham, durante a safra, conforme as necessidades da praça, em média, com 1.200 operários, e produzem, em média, 40.000 fardos de cinco arrobas cada um destes, que são remetidos para os trapiches na capital do Estado, donde são exportados, principalmente, para a Argentina e a Alemanha, como procedentes da Cruz das Almas. O de sécos e mo molhados é composto de pequenas casas retalhistas com o capital de 2005000 até 10:00008000, sendo poucas estas últimas; o de tecidos, compõe-se de seis casas com o capital de 50:000\$000 até um. O de carnes ver-des é feito com a média de 2.400 rêses vacuns adquiridas na Feira de Santana; 600 lanigeros e caprinos e 500 suínos, adquiridos, em parte, fóra do município. O feireiro é reali-zado às quartas e aos sabados. Foi então consideravelmente animado. Hoje, porém, deixa muito a desejar. Preços cor-rentes, em média, batata doce, \$300 ao quilo; carne de sol, 2\$500 ao quilo; verde, 28000; (com ôsso) carvão doméstico, 55000 dous pequenos jacás; farinha de mandioca, \$100 o litro; feijão, litro, 15000; frango, 35000; galinha, 48000; leite

146
CASTRO

ANFILOFIO DE

(com água) \$800 ao litro; leitão, 108000; tenha, um rolinho, \$400; milho, \$300 ao litro; ovos, 25000 a duzia; porco, 28400 no quilo; toucinho, 35000 ao quilo.

INDOSTRIA. Charutos. Companhia de Charutos Danne-mann, Costa Penna & Cia, fábricas filiais, que ocupam, con-forme pedido da freguesia, 1.500 e mais operários; e oito pequenas, de vinte operários abaixo, umas e outras, com a produção anual de, em média, 30.000.000 de unidades. Fá-bricas de torrar e moer café, com dous operários, cinco; uma de sabão, uma de paralelepipedos, duas de telhas e tejos, uma de aguardente, três de massas alimentícias, uma salga-deira, todas de menos de cinco operários.

ENGARRAFADORES. Aguardente, dous.

LAVRADORES. 16.000. Esse número, entre outros dados, tem fundamento na idade capaz, entre nós, isto é 10 anos. Todos são pequenos. No município não se fazem grandes Javouras.

OPERARIOS. 6.000. Sem reservas de idade, doze anos acima, até a mais avançada, mais avançada, nas fábricas, nos armazens e nos lares do município, onde muito raros são os dêstes últi-mos, em que não entra fumo para destalar e para fabrica ção de charutos. A cifra af registada inclui o grande nú mero dos que descem para trabalhar em São Felix e na Cachoeira.

COMERCiantes, industriais, artistas, empregados, domésti-cos, crianças, inválidos e desocupados, 15.000, para mais.

PROFISSÕES. Agentes de compra e entrega, um; alfaia-tes, vinte; alugador de animais de montaria, dous; armado-res, dous; barbeiros, oito; colchoeiros, dous; consertadores de móveis, dez; doceiras, seis; empalhadores de móveis, seis; empregados no comércio, trinta; emgomadeiras, qua-tro; encarnadores de imagens de santos, um; entalhadores, dous; estucadores, dous; ferradores, tres; floristas, (flores artificiais de pap papel, pano ou palha) um; fogueteiros, fogueteiros, três; fotógrafos, (ambulantes) dous; funileiros, três; três; gaioleiros, (para pássaros) três; guarda-livros, um; lavadeiras, oito; maleiros, (para roupa) um; marceneiros, cinco mestres de obras, (prédios) dous; modistas, seis; negociantes, noventa; parteiras, (leigas) seis; pedreiros, quinze; pintores tres; polidores três; quitandeiros, cento e oitenta; regentes de filar-mônica, dous; sapateiros, quatro; seleiros um; serralheiros, e obras de latão e níquel, dous, tamanqueiros, dous; tipógra-fos, dous. Pequenos industriais, treze. Entre os tres oficiais de pintura registados, há dous de brocha, e um, que seria

uma glória para a Bahia, se não deixara o corrompesse o vicio. Tem o sentimento do belo, imaginação, finura de observação e percetibilidade da disposição das cousas; admirável segurança e presteza de traço, o alinhado das cores, o encantamento das sombras, quer num rosto humano, quêr numa folha, numa flor, num ramo, numa árvore ou num lago. Tudo sem desperdicio, senão com economia conside rável de material. É o mesmo grande artista entre as paredes de um templo, pintando-o; como dentro de um pa-lacete, decorando-o, embelecendo-o. Assim, e sem nenhum estudo da bela arte de Pedro Americo de Figueiredo e Mello, o consagrado autor do célebre quadro Paz e Con-córdia. Ainda uma vez à balha a sorte de Muritiba.

PRÉDIOS. Sobem a 7.689 as casas situadas nos seus 850 quilômetros quadrados, de superficie, construídas em geral de alicerces e paredes de adobes, esteios e engradamento de madeira, armadas, em regra, em duas águas, sempre para menos de vinte palmos até nove de altura, sem ne-nhuma defesa, caiadas; ora cobertas de telhas, das legitimas gigantescas e resistentes coloniais; aqui, imitação destas; ali, brancas, pequenas, fragilimas, fabricadas com argila im-própria e oleiro incompetente, queimadas em fôrnos incapazes; acolá, isso raramente, cobertas de pindoba ou sapé; sem caixilhos nem vidraças, ladrilhadas a tejos ordinários comuns, ora o chão nu, quintais grandes, fechados, ora a muros de adobes, ora a cerca de arame e de estacas, na sua quási totalidade de valor inferior a quatro contos de réis; não sendo para tomar em consideração os lançamen-tos fiscais, onde éles atingirem, por ordinariamente exage-rados. Estas moradias são ocupadas, em média, cada uma, por cinco pessoas, sendo maiór o número delas ocupadas por oito e mais de oito, que o das habitadas por três. Entre estes 7.689, estão os prédios da fábrica da Companhia de Charutos Dannemann, do valor de 250.000\$000; o da resi-dência do negociante de fumo Candido Pimentel Filho, do valor de 100:000\$000; o do seu sócio, Sr. Wilhelm Renning Overbeck, o

da pensão Edda, o da fábrica de Charutos de Costa Penna & Cia., e o dos armazens das firmas enfar-dadoras de fumo, Alcides de Almeida & Cin. e C. Pimentel & Cia, de valor inferior aos dous primeiros.

Os prédios são contíguos nas ruas da cidade e nas dos distritos. Nos povoados, uns contíguos, outros autônomos. Nas fazendas, são autônomos, o principal e os dos arrendatários. No perímetro urbano, não há casas, de moradia, desabitadas, nem mesmo as arruinadas.

TRANSMISSÕES. (1939). No tabelionato, 170:000\$000. Nos cartórios de paz e notas, (Cabeças, Geolândia e Itapo-ran) 35:0005000 respetivamente.

LAVOURAS PRINCIPAIS. Feijão, fumo, mandioca e milho, tudo em pequena escala. O seu lavrador, em geral, não se traja bem; não tem bôa mesa; conversa mal; raros assinam o nome, também mal. Não tem sequér longinqua noção do trato e do dever social. O analfabetismo impera entre éles. O seu trabalho é realizado a enxada, facão, foice e a ma-chado. Tem sempre em casa uma espingarda do sistema antigo, de espoletas S. B.. É ordeiro e respeitador.

TERRENOS IMPRESTÁVEIS. Charco, charnecas, enxarais, lodaçais, pantanos, pauis, não há; mas brejais sadios, ubér-rimos, convenientes à plantação do arroz, da bananeira, da cana, do capim, do quiabeiro, etc..

PROPRIEDADES AGRICOLAS. Arroladas para pagamento de impostos 1.365, matrizes, sem casas boas, sem maquinis-mos nem lavoura e criação dignas de nota; cada uma, po-rém, sempre com mais de duas até quarenta casinhas de rendeiros. Entretanto com terrenos fertilísimos e clima admirável para toda a espécie de exploração agrícola e pe-cuária com todas as vantagens acima do comum, tanto nos lucros, quanto na valorização geral, assim os poderes públi-cos interviessem em auxílio do meio. Há também argila com a presença de silicatos de ferro, e da melhor qualidade para adobes, telhas, tejos, vasos do serviço culinário, e destinados a conter água. Estas pequenas fazendas e éstes sitios, desprezando-se os lançamentos, pela mácula do interesse do jus a maior percentagem, gozam do valor de 20 contos de réis abaixo, na sua grande maioria; poucas sobem a 50, e às alturas de 100 a 150, raras atingem; dai para cima desconhecemos. Os donos daque-las humildes vivendas, cheias de numerosa familia, pagam de preço da fruição do solo que ocupam, dous dias de serviço, por semana, ao fazendeiro. Esta sorte de senhorio e enfi-teuta, constitui-se verbalmente. Apesar de, não de longe a longe, senão de perto a perto, existirem tratos de terras apropriadísimos para pastos, não há criação de vulto. Uma, duas, três rezes, pastando amarradas; se no Verão, nas bai-

xadas; se ao Inverno, em arrancadores, é o comum. A farinha de mandioca é fabricada: três a quatro mulheres, assentadas no chão, rapando, a cacumbu», a casca das raízes; ao veio do

ralador, dous homens; à «ceva », outra mulher; depois o produto da ralação é levado ao côcho-prensa, em camadas divididas por palmas verdes de ouri-

curizeiro. Esse côcho tem aos lados vários orifícios para escoamento da manipueira, líquido venenoso, tóxico violento de que, entretanto, o nosso caboclo fabricava uma casta de vinho, cujo uso o tornava encantado. Ao outro dia, ensuta a «massa e peneirada, é levada ao alguidar, de barro ou de ferro, convenientemente aquecido, para a exsicação. Um homem a vai mexendo, a rodo, até embolar; quando nesse estado, deixa o rôdo, e passa a pactar, (agitar a massa), sacudindo-a para cima, triturando-a sempre, ser-vindo-se para isso de duas taboazinhas, até que a massa desembole, e se torne fina para a secagem completa, e necessária torragem e conseqüente obtenção da farinha, também chamada de pau ou de guerra.

As casas de farinha desta capacidade, as raízes. estando maduras e enxutas, de dez a doze pés de man-dióçarangó, de ano para cima, em terrenos deste mu-nicipio, produzem 50 litros de farinha de ótima qualidade; se da denominada «itapicuru, para produção do mesmo vulto, são precisas, em igualdade de condições, as raízes correspondentes a vinte e cinco pés.

JAZIDAS MINERAIS. Há grafite e mica verde-escura em livros pequeninos. Falta, porém, o interesse de pesquisa. Pedras negras e róseas especiais para cantaria e fabricação de lages, meios-fios, paralelepipedos, etc., tem-nas em abun-dância. E o que o Paraguaçu, em os nossos limites, guarda no seio.

ILUMINAÇÃO. Sistema elétrico. Material de má quali dade. Luz deficiente nas ruas que são iluminadas... E abun dante fonte de receita municipal: não obstante adquirida. a respetiva energia, à usura de segunda mão. A sua luz mor tiça, vista nas ruas, de instalação em linha reta, lembra os cortejos fúnebres de antanho, e o observador cairá a fronte, talvez mais ao peso de pudor que de tristeza. E os manan-ciais das Bananeiras estão, em parte, em Muritiba, que tudo cedeu sem nenhuma compensação; e os seus mora-dores pagam 18200 por Kwh. de luz!!, dão 50\$000, que ficam mortos, por fiança! pagam, taxa minima, 128000. e 25500 mensais de aluguel do contador!!!

HIGIENE. E absolutamente nulo èsse serviço em Muri tiba. Quebram-se cacos de jardim, fundos de garrafas. furam-se latinhas nas montureiras e nos quintais, otendem-se, ameaçam-se, agridem-se, a titulo de combate à muriçoce, campanha essa que nada tem que ver com o municipio, nem o municipio com ela.

DETENÇÃO. Serve um dos quartos da casa de aluguel, onde funciona a prefeitura, com um orifício na porta; e, dentro, um apregado de táboas que faz de cama, e uma lata para a satisfação das necessidades fisiológicas dos detentos, que lá se fica esquecida por dias e dias. Havendo ocorrido já quatro evasões de criminosos de justiça, homi-cidas. As paredes desta casa é de adôbes; dal as fugas assim repetidas de perto a perto.

MATADOURO. Não tem.

MERCADO. Os restos de sobrado velho, que o municí-pio de São Felix, adquiriu em 1900, e reduziu a qualquer cousa a que deu o nome de «Mercado Municipal, por absoluto abandono do poder público, arruinou-se, e foi demolido.

Lixo da varredura, bi-semanal das ruas calçadas, feita por um a dous homens, e até por menores de dez anos, é colhido às quartas e aos sábados, pela velha car roça do asseio chamada, constituído, na sua maior parte, de estrume de animais, bagaço de cana, cascas de jaca e de banana, e distribuido com os fazendeiros vizinhos, que o solicitam para fortalecer as suas ferras.

OCORRÊNCIAS CRIMINAIS. Estupros, ferimentos graves. homicídios, roubos, suicídios, tentativas de homicidio, raros. Defloramentos, furtos, raptos, são comuns. Acidentes gra-ves, poucos se registam.

CEMITÉRIOS. Humílimos. Sem nenhuma obra, sepultura, mausoléu ou túmulo digno de nota; nem no da séde, nem no de qualquer dos distritos, e sempre desasseados, uns e outros.

ESTRADA DE FERRO. Central da Bahia. Estação Sal-vador Pinto. Está a 2 quilômetros, em linha reta, ao sul da cidade, no vale do Capivari, à frente de alegre bacia. Parte do caminho é plana e parte de 15 a 30 graus de declividade.

RODOVIAÇÃO. Bahia Santo Antonio de Jesus, ao norte da cidade. De S. Felix a Muritiba, há uma diferença de nível, de 240 metros, vencidos pela estrada de rodagem que, engenhosamente, aberta entre valetas de 6 metros de lar-gura e rampa de 7; tangente de 10 metros, num percurso de 2500 metros, sobe a serra Buritiba até o marco frontei-riço ao Cruzeiro do Século, onde se dá o entroncamento, com a diferença real de 165 metros de nível, do ponto de partida em S. Felix. Terreno firme.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO. Correios, 4 classe, telégrafo e telefônio. Expedição de correspondência, média mensal, 750 unidades; recebidas 1 200. Renda, média mensal, 2505000, Telegramas transmitidos, médin mensal, 60; recebidos, mé dia mensal, 60. Renda, média mensal, 3008000, O telefônio tem grande movimento, para mais de conto de réis, em média, mensal, principalmente durante o Verão.

RECREAÇÃO E DIVERTIMENTOS, Briga de galos, cinema, danças, footing às tardes e as noites na praça Coronel Clementino Fraga, ponto principal da cidade; jogos licitos, música, passeios, pique-niques, rádios.

FILANTROPIA. Nenhuma sociedade ou clube, ou o que quér que seja de beneficente nem humanitário, nem também animadores de corporações. Houve a idea da fundação de um hospital, para o que foram abertas subscrições, muito apoiadas, com resultados efficacissimos, que subiram até ao governador Juracy Magalhães, de que não houve prestação, ou tomada de contas, da elevada importância angariada até a hora presente, nem nenhuma publicação respeitante. Há um sindicato de operários.

FAMILIAS. Há transferido residência deste municipio. principalmente para a capital do Estado, muitas famílias do seu escol social. Infelizmente, têm sido substituidas por hu-mildes vindos de toda parte à busca de meios de vida nos serviços da indústria do fumo.

RUAS E PRAÇAS. Avenida Durval Fraga, (antiga Mata do Coco) sem calçamento. Ai, à frente do prédio escolar, atapetada de capim, nos trechos que não são lama-çais, numa impressionante modéstia, ve-se a cabeça azi-nhavrada do imortal Cantor da Liberdade, posta sôbre baixa e pobre coluna, olhando para fundo de quintais.

Avenida Ruy Barbosa, (trecho da antiga rua da Feira Velha, com 84 metros de extensão e 8 de largura) calçada mal feita e a pedras toscas; (trecho da antiga rua do Costa) calçado a paralelepipedos, medindo 178 1/2 metros de exten-são por 8 de largura; parte dêste trecho, e grande parte do da antiga rua «Nova», depois da Alegria», sem nenhum calçamento; no extremo, porém, cerca de quarenta metros calçados a pedras brutas, obra do seu tempo de distrito, feita pelo município de São Felix; Barão de Capivary», (antiga de Cima) calçada a pedras brutas, pelo município de São Felix; Benjamin Constant, (antiga de Baixo », depois das Flores) com 183 metros de extensão por 8 1/2 de largura, calçamento a pedras toscas, com pequenos can-

152

ANFILOFIO DE

CASTRO

teiros ocupados por um oitizeiro em cada um; Boni-fim (largo) passeios, oitizeiros e um corêto; Castro Alves", (antiga Direita da Matriz) péssimo calçamento a pedras brutas, numa extensão de 98 metros por 8 de largura; «Co-ronel Clementino Fraga, (antiga praça dos Tamarindos») é pequenina, uma parte calçada por São Felix, tem passeio, arborização, coréto

e bancos, havendo o comércio pago as despesas destes últimos. Dannemann (antigo Caminho da Cachoeira) não tem calçamento; Duque de Caxias», (antiga Direita do Comércio) depois (Formosa) calça-mento feito por São Felix, agora melhorado a paralelepipedos; continuando, porém, os velhos passeios estragados, orlando-a; Floriano Peixoto, (antiga «Sertão, depois «Nova) calçamento de pedras toscas, péssimo, na sua maior parte feito por São Felix, parte ainda sem calçamento; «Gibaut», (trecho da antiga Estrada de Minas) sem nenhum melhoramento; «Matriz», (praça ampla, bonita, em natural da sua grama) com dous trilhos de pouco mais de metro de largura, a pedras brutas, malfeitos, tomados omados de capim, partindo, um do fim da rua «Castro Alves, o outro do extremo da avenida Ruy Barbosa, numa distância de 50 metros até a igreja matriz; Mundo Novo, sem nenhum melhora-mento; Marechal Deodoro, (antiga do Tanque) sem ne-nhum melhoramento, não é plana; Marcelino da Cunha», (anti-ga Canto do Dende») sem nenhum melhoramento; «Pedreira Franco, (antiga Caminho da Cachoeirinha) sem melhora-mento nenhum; Praça da Bandeira», (antigo Largo de Santa Tereza») eza) a) sem nenhum melhoramento; «Quintino Bo-cayuva, (antiga dos Fiados, depois Consolação »), sem nenhum melhoramento; «Quinze de e Novembro», Novembro», (thecho (da an-tiga Estrada de Minas») sem nenhum melhoramento; «Sabino Santiago, (antiga da «Entrada») sem nehum melhoramento; Santa Teresa, sem melhoramento; (não é plana) Santo Estevam, sem nehum melhoramento; Dr. Teixeira, (an-tiga do Vigário) calçada a pedras brutas, pelo município de São Felix: Três de Maio, (trecho da antiga «Estrada de Minas») não tem melhoramentos; «Treze de Maio», (an-tiga Baixinha) sem nenhum melhoramento; Vinte e Quatro de Outubro», (antigo Fundo do Mercado) calça-mento a paralelepipedos, inacabado, material péssimo, assim a feitura: Visconde do Rio Branco, (antiga Manteiga») não tem melhoramentos. Há postes da iluminação em todas as ruas; mas nem em todas elas há luz. Suburbanas. ... Atóá, Caititu, Paraguai», «Ilha das Cobras, «7 Pecados, sem melhoramentos. Estradas: Uma que conduz à estação Salvador Pinto, uma ao Outeiro Redondo, uma

à Cruz das Almas, uma a Santo Estevam do Jacuipe, uma a S. Felix, e outras entre a cidade, os distritos e os povoados, todas, excetuando-se a que vai para a Cruz das Almas, que tem uma pequena ponte de cimento armado, sobre o rio Capivari, sem nenhum melhoramento, ou melhor, abandonadas.

As ruas e as praças sem pavimentação, nas estações chuvosas, mudam em lamaçais muitos dos seus trechos. As estradas transformam-se em atoleiros, abrem-se em buracos, constituem até perigo de vida ao viajante. Estrada de ferro, -Central da Bahia. Ocupa com os seus trilhos, cerca de trinta e oito quilômetros nos limites do município. Fontes. Há várias fontes, Baixinha, Baroneza oneza, Caquende, Grande, Jaqueirinha», «Leite e Padres, sem nenhum

melhoramento nos seus caminhos, nem nos seus respectivos mananciais; todas de água potável ótima.

PRÓPRIOS MUNICIPAIS Dez açougues que produzem mensalmente 400\$000 rs; uma casinha, à rua Barão de Capi-vary, de 305000 de aluguel, tomada a um tesoureiro infiel. Um cercado chamado Curral do Município, e os terrenos de uma casa adquirida há mais de dez anos, na intenção de servir de prédio prefetural, a qual, por criminoso abandono. arruinou-se, e acaba de ser demolida !!!

Governo Municipal

Prefeito	6 000 000
Representação Oficial.	1 500 000
Secretário...	6 000 000
Escriturário-contador	4:8005000
Tesoureiro..	3:6005000
Fiscal-geral.	2:4008000
Continuo.....	2:160\$000
Fiscal Auxiliar..	1:1405000
Fiscal da iluminação..	2:4005000
Fiscal do asseio..	1:4408000
Fiscal da vila das Cabeças..	9605000

PODER JUDICIÁRIO. Pretor, seus suplentes, adjunto da promotoria, juiz de Paz, escrivão dos feitos cíveis e crimi-nais, escrivão de Paz e do registo civil de nascimentos e óbitos, oficiais de Justiça.

Um tabelionato de Notas.

Renda Municipal			
Exercicios	Orçada	Arrecadada	A maior
1935	100:000\$000	112:845\$000	12:845\$000
1936	150:000\$000	224:373\$000	74:373\$000
1937	180:000\$000	211:208\$400	31:208\$400
1938	181:000\$000	217:830\$200	36:830\$200
1939	181:000\$000	276:853\$300	95:853\$000
1940	220:000\$000	229:682\$500	9:682\$500
6 anos	1.012:0000\$000	1.272:792\$400	260:792\$100

Renda Estadual	
1935.....	143:000\$000
1936.....	188:000\$000
1937.....	233:000\$000
1938.....	258:701\$000
1939.....	223:399\$200
1940.....	265:778\$600
6 anos.....	1.311:878\$800

Renda Federal	
1935.....	509:061\$700
1936.....	522:125\$400
1937.....	539:841\$900
1938.....	666:804\$340
1938.....	860:471\$100
1940.....	955:703\$500
6 anos.....	4.054:007\$940

FIGURAS ILUSTRES. - (ausentes) Dr. Adalberto de Cerqueira Campos, médico, fazendeiro-soltador; (Mundo Novo Bahia) Dr. Agnaldo Veira Tosta, médico; (Bahia) Dr. Alberico Fraga, advogado, professor na Faculdade de Direito, ex-oficial de gabinete do governador do Estado, ex-deputado estadual; (Bahia) Dr. Alencar Motta, médico; (Sergipe)

Alice Silva, cirurgian dentista: (Bahia) Aloísio Gonçalves, comércio; (Bahia) Antonio da Costa Ferreira, comércio

155

HISTORIA E ESTRELA DE

MURITIBA

(Bahia) Cel. Antonio Soares dos Reis, comércio (Castro Alves) Aracy de Almeida, burocracia (Bahia) Dr. Arminio Fraga, médico, da Academia de Medicina, e livre docente da Faculdade; (Rio) Arthur Fraga, alto comércio, da Associação Comercial, presidente do Departamento Adminis. trativo do Estado: (Bahia) Dr. Arthur Soares de Carva-Tho Castro, advogado, autor de livros científicos; (Rio) Ayrtton de Almeida, comércio; (Una) Carlos Moncorvo da Silva Pinto, engenheiro: (Bahia) Cleomenes Vieira Tosta, engenheiro (Rio Branco) Clementino de Araujo, professor de linguas, jornalista; (Rio) Dr. Clementino Fraga, da Academia Brasileira de Letras, (Rio) Cyro Teixeira de Assis, médico; (Bahia). (Bahia) Dr. Durval Pereira Fraga, advogado, orador, juiz de direito aposentado, ex-senador do Estado; (Bahia) Pe. Edesio Julio Torres, vigário da paróquia de Affonso Penna; (Bahia) Dr. Emmanuel Santiago da Motta, médico; (Bahia) Dr. Francisco Teixeira de Assis, médico, ex-deputado estadual: (Santo Amaro) Dr. Francisco da Trindade Marques, médico e cirurgião dentista, (Campo Grande Matto Grosso) Farmacéutico Gustavo Martins de Cerqueira, negociante; (Franca S. Paulo) Henrique José de Andrade, coletor federal; (Cruz das Almas) Coronel João Altino da Fonseca, do alto comércio de fumo; (Bahia) Dr. João Paulino Netto, médico; (Bahia) Dr. José Augusto Bastos, médico; (S. Paulo) José Luis Peixoto Sampaio, negociante: (Recife) Cirurgião dentista José Santiago da Motta: (Bahia) Luis Bastos Ribeiro da Silva, negociante; (Bahia) Dr. Luis Fraga, médico e diretor do Instituto Guanabara: (Rio) Manuel Martins de Sousa, fazendeiro; (Ilhéus) Mario Teixeira de Assis, farmaceutico; (Bahia) Osmundo Ferreira, comércio; (Bahia) Osvaldo Bastos, comércio; (Bahia) Otavio Carvalho, agente da Companhia Segurança Industrial, alto negociante de tecidos; (Bahia) Valdemar Passos, burocracia, (Bahia) e outros.

MAGISTÉRIO PASSADO. (principais). Carlota Leonidia Borges de Carvalho, letras, piano, prendas; Cincinato José Guedes, primeiras letras; Constantino de Freitas Britto, primeiras letras; José Pedro de Sousa, primeiras letras, grande cultura, professor de Clementino Fraga; José Peixoto da Silva, primeiras letras, professor de Castro Alves; Justino de Freitas Britto, primeiras letras; Leonidia Candida de Carvalho, muito conceituada, educadora distinta: João Frederico Gibaut (particular) inglês; Joaquim Sanctes de Sousa Castro, (particular) francês.

LETRAS DO PASSADO. No corpo deste nosso humilde,

156

ANFILOFIO DE

CASTRO

mas necessário trabalho, só a dous bens incomuns nos re-ferimos, feitos da Natureza a Muritiba. É que, por acinte, sun caprichosa fortuna, a faz esquecida das suas glórias. Muritibanos distintissimos foram José Pereira Teixeira, mé-dico de elevado merecimento e Salvador José Pinto, médico de vasta nomeada e politico, intendente de São Felix e deputado estadual.

Conforme vamos vér, Muritiba, bem mercece a graça de Terra de Poetas. Castro Alves e seus irmãos Guilherme e José. Paulino Gil da Costa Brandão, médico, egrégio poeta e notável nos complexos ramos das letras oratórias, literárias e científicas, e seu mano Carlos Brandão, inspi-rado poeta, insigne jornalista, versado em idiomas vários, o mais moço de todos, al registados, nascido em 1856, em São Pedro Velho, batizado na matriz desta freguesia de Muritiba, como informava seu respeitável parente José Feli-ciano de Argollo Nobre, ancião honesto e de instrução acima da vulgar. A freguesia de Muritiba estendia-se até o enge nho Natividade, que lhe pertencia; como também, a capela de Senhor Deus Menino de São Felix, the pertenceu até 15 de Outubro de 1857, e todos éstes seus grandes filhos nasceram antes desta data; e, em consequência, ainda todos, legítimos muritibanos.

Conta mais João Frederico Gibaut, agrimensor e jor-nalista, un espirito superior e humanitário, e Nelson de Oliveira Passos, futuroso poeta, um coração boníssimo, fale-cido no verdor dos anos.

LETRAS DE HOJI. Arthur Soares de Carvalho Castro, autor de livros científicos; Clementino de Araujo, professor de linguas e jornalista; Clementino Fraga, da Academia Brasileira de Letras: Durval Fraga orador; José Pedro de Sousa Junior, literatura e colaboração jornalística.

CHARADISTAS DE ONTEM. Antonio Ribeiro, Castro Alves, Euclides Ribeiro da Cunha. Honorio Barbosa da Rocha, João da Costa e Sousa, Libia Coelho, Virgilio Augusto Gibaut.

FIGURAS PRINCIPAIS DO PASSADO. (agricola, comercial, in-dustrial e político) Alexandre da Rocha cha Passos, major da Guarda Nacional, lavrador e fazendeiro; Antonio de Brito Leal, lavrador e fazendeiro; Antonio Germano Teixeira Pitanguy, negociante de café, fumo e molhados, proprietário; Antonio Pedro de Alcantara Grèlo, negociante de café, fumo, molhados e proprietário; Cypriano de Oliveira Sérvulo, comendador, negociante de molhados, lavrador, proprietário; Durval de Menezes Fraga, bacharel em direito, advogado;

157

HISTORIA E ESTRELA DE

MURITIBA

Durval de Sousa Lopes, tenente-coronel da Guarda Nacional, lavrador, fazendeiro, capitalista, Egas de Castro Lima, eseri vão da Subdelegacia, e de Paz e Notas, (partido Conser vador), proprietário; Elias Abdias de Carvalho, escrivão da Subdelegacia, e de Paz e

Notas; (partido Liberal) Evaristo de Cerqueira Campos, capitão da Guarda Nacional, lavrador e fazendeiro; Filinto Elisio de Carvalho, negociante: Gustavo Antonio da Fonseca, capitão da Guarda Nacional, negociante de café e fumo, fazendeiro; Hilariño de Castro Lima, negociante de molhados e padaria, e proprietário: João Antonio do Sacramento, negociante de café, fumo, molhados e tecidos, proprietário: Joaquim Teixeira de Assis, farmacêutico, maestrino; José Borges de Carvalho, negociante de fumo e tecidos, proprietário: José Candido de Menezes Carvalho, médico, negociante de tecidos, proprietário; José Francisco Pedreira Sampaio, negociante de fumo e café, proprietário; José Luis Fagundes de Britto, entrou soldado na guerra do Paraguai, e saiu major; Juvencio Adolpho Fernandes de Castro, negociante de fumo, capitão da Guarda Nacional; Lucio Ribeiro de Novais, negociante de café e padaria, ourives e proprietário; músico de mérito, capitão da Guarda Nacional; Manuel Divino da Silva, negociante, fazendeiro de criar e lavar, salgadeira de couros, proprietário; Manuel Fernandes de Castro, tenente coronel da Guarda Nacional, chefe do partido Liberal. negociante de café e fumo, fazendeiro e criador de gado vacum; Marcelino José da Cunha, tenente coronel da Guarda Nacional, chefe do partido Conservador, fazendeiro de gado vacum; Pedro Pedreira Sampaio, negociante de animais em tropas, fazendeiro criador de gado vacum, proprietário; Sabino Santiago da Motta, tenente coronel da Guarda Nacional, negociante de fumo, proprietário; Sebastião Borges de Carvalho, negociante de café e fumo, proprietário; Vitorino Antonio do Sacramento, bacharel em di-

reito, advogado, e outros. CABEÇAS. Aprigio Candido da Fonseca, negociante de fumo e proprietário; Francisco Vicetto Cândia, negociante: Gustavo Marinho Brandão, negociante e lavrador; José Patricio de Cerqueira, lavrador, fazendeiro; Luiz Damasceno Passos, lavrador, fazendeiro. SÃO JOSÉ DO APORA. (hoje Itaporan Clementino Vieira do Nascimento, major da Guarda Nacional, negociante, lavrador e fazendeiro. (REGIME REPUBLICANO) Muritiba Alcides Pereira de Almeida grande negociante de fumo, foi intendente municipal. Antonio Joaquim da Silva, negociante de tecidos e proprietário; Antonio Martins de Sousa, grande negociante de por-

tas abertas e proprietário; Augusto Cesar de Carvalho, negociante: Barão de Capivary, negociante de fumo e café, proprietário; Clementino Pereira Fraga, tenente coronel da Guarda Nacional, chefe político de muito prestígio, negociante de fumo, café e tecidos, proprietário; Clementino Rocha Fraga, funcionário do Estado, em São Felix; Deraldo de Almeida Maia, bacharel, deputado estadual, juiz de di-Euclides da Costa e Sousa, negociante de tecidos e reito; Euclides proprietário; Eufrosino Pereira de Oliveira, industrial e proprietário; Felinto Ribeiro da Cunha, negociante, Herculano Antonio do Sacramento, tenente coronel da Guarda

Nacional, negociante de fumo e café, proprietário; rietário; Inocência Panta-leão de Sousa, negociante; João João Frederico Gibaut, homem culto, advogado, engenheiro prático, jornalista; José Pedro de Sousa, professor; José Numa da Silva Junior, funcionário público em São Felix, José Feliciano de Argollo Nobre, lavrador, fazendeiro; Julio Francisco Bastos, grande nego-ciante de tecidos; cavalheiro distinto e muito estimado; Jovino Marinho Brandão negociante e proprietário; Leopoldino Alves da Silveira, lavrador, fazendeiro; Dr. Manuel Caetano da Rocha Passos, chefe de polícia do Estado e deputado federal; Manoel Rodrigues de Oliveira Passos, negociante de molhados e de fumo, proprietário; depois escrivão da coletoria federal, figura política de prestígio, caráter indocil a tudo que se não harmonizasse com a digni-dade partidária e a honra individual: Olavo Borges de Car-valho, vigário da freguesia; Pedro Francisco da Silva, far-macêutico, inteligente, bela cultura científica; Filippe San-tiago da Motta, industrial; Sabino Santiago da Motta Junior, negociante de fumo e proprietário; Tiberio Alcantara Vieira, negociante; Turibio Ferreira Gomes, fazendeiro criador de gado vacum, proprietário, homem de brio em todos ramos da atividade social. CABEÇAS.) Antonio Evaristo da Fon-seca, escrivão de Paz e Notas; Aprigio Candido da Fonseca, negociante de fumo, proprietário; Candido Bertolino da Fonseca, conceituado negociante de fumo, umo, proprietário, chefe político de merecimento; Fernando Lucreciano dos Santos, lavrador, fazendeiro; Isidro Florentino da Silva, negociante, de fumo, proprietário; José Martins de Cerqueira, negociante de fumo, proprietário, capitão da Guarda Nacional; José Ri-beiro Machado, criador e fazendeiro, major da Guarda Na-cional. SAO JOSE APORA, (hoje Itaporan) Fabio Eloy da Silva, Fausto de Sousa Santos, José Pereira Mascarenhas, José Theotonio de Oliveira, Manuel dos Santos Bonat, lavra-dores e fazendeiros.

ARTISTAS DE ONTEM. (os principais) Agostinho Pereira

159
MURITIBA

HISTORIA E ESTRELA DE

Velloso, compositor de músicas fáceis, executor de requinta, regente de filarmónica; Alexandre Dias de Gusmão, carpin-taria: Antonio Marques dos Santos Passos, marcenaria e po-limento, musicista, afamado executante de flauta; Antonio Pinto da Silva Santos, musicista, executor de trombone, pin-tor; Antonio Salustiano Pimenta insigne oficlidista, compo-si tor inteligente, regente de filarmonica; Belisario José Gue-des, professor de piano, regente de orquestra na execução de músicas sacras, cantor, canto coral; Bento Beryllo Cor-reia Pinto, ourivesaria e concertos de relógios, e extração de dentes; Calisto Justiniano de Sousa, alvenel, mestre de obras; Emilio Erothildes Ladislau, maestrino, inteligente executor de requinta, regente de filarmónica, alfaiataria im-portante; Eufrosino Serapião, Serapião, oficlidista de merecimento e pirotécnico pirotécnico inteligente; Francisco Israel da Silva, música. canto coral, ourivesaria, armação; Francisco Zilino de Paula prateiro primoroso, galvanoplastia; Grigorio Francisco do Nascimento, funilaria; João Baptista dos Santos, ferraria. concertos de máquinas de costuras e relógios; João Borges dos Santos, maestrino de

grande imaginação, executante de todos os instrumentos da filarmónica que regia; João Nepo-muceno de Azevedo, hábil e engenhoso pirotécnico; Joaquim Teixeira de Assis, farmacêutico, político de valor, maestrino de talento e inspiração, regente de filarmônica, José Amaro de Santanna, lavrante de nomeada; José Ferreira Gnimarães, alfaiataria conceituada; José Moreira da Silva, músico, admirado executante de trombone, alfaiate e decorador; José Pedro de Sousa, imaginário de grande mérito; Marcellino de Macedo Pamponet, selaria e outros artefatos de montaria; Rodrigo de tal, construtor da escada em espiral, que na igreja de N. S. do Rosario, conduz à torre.

Do Pantheon Cachoeirano (O Guarany de 2 de Junho de 1886-n.º 50).

Antonio Salustiano Pimenta O Pimenta toca quasi todos os instrumentos conhecidos. Por largos annos foi director de uma banda musical na Cruz das Almas; actual-mente a Bom-fim de Muritiba glorifica-se de tê-lo por mestre, e mesmo succede com a Oito de Dezembro do Curralinho e a «Orphesina cachoeirana. Pertence também à Corporação Musical de N. S. d'Ajuda. Conheço grande quantidade de composições suas, entre estas, valsas e marchas. Tenho-o ouvido, et execução a «baixo de dó, de pedaços de harmonia, de estasiar. Numa flauta o Pimenta é de arrebatat».

João Frederico Gibaut. Hábil geômetra, intelligente

160
CASTRO

ANFILOFIO DE

desenhista e bom escriptor. Nos Guarany de 1877, publicou uma colleção de escriptos seus sobre astronomia, physica, etc., que salam na secção Sciencias e Artes».

Nelson Passos. Nelson Passos! Quem foi êle? Um moço muritibano todo de Muritiba. Seu espírito? Di-lo o critério com que redigiu o periódico de sua fundação e propriedade O Lirio. Do seu talento e do seu entranhado amor do belo, af estão mundo a fóra, em revistas do Rio, da Capital de Estado, e em jornais do interior, os seus versos, ora açucenas e rosas, ora saúdades e goivos; os seus vá-rios perfis; as suas deliciosas fantasias; os seus bem lança-dos escritos de imprensa. (d'A Verdade de Muritiba, n.º 16, de 10 de Maio de 1931).

Ainda Muritiba do passado:

Cópia. Verbo a verbo. Livro n.º 2 do Juizo de Paz, com visto em correção, datado em Cachoeira, no dia 26 de Outubro de 1842, e assinado-Araujo Goes. V. de fls. 1 Aos seis dias do mez de Maio de mil oito centos e trinta e hum anno nesta Frega. de Sam Pedro da Moritiba do termo da Villa de Nossa Senhora do Rosario do Porto da Cachoeira da Provincia da Bahia, em casa da residencia do Juiz de Paz dela Joaquim Pedreira do Couto Ferraz, ahi

em publica audiencia que as partes fazia o dito Juiz, compare-ceu peçoalmente o autor, requereo e disse qe. trazia citado a Manoel Pereira da S. Capanema, como consta da Certidam do Official, pela qta. de seis mil e oitenta que lhe hé devedor, de resto de maior quantia, o qual sendo chamado, não compareceu, pelo que foi lançado, e condemnado no principal e custas, e para constar, mandou o Juiz de Paz, lavrar este termo em que se assignou. Eu Manoel Pedro da Silva Fraga. Escram. de Paz Intr. q. este fiz e escrivi. (estava a rubrica «Pedr., juiz de Paz).

Respiremos. Que resta?

Pender a cabeça e deixar rolar dos olhos tristes e en-vergonhados, uma chuva de lágrimas saturadas do fel e da dor, gerados das calamidades que arreentam do impatrio-tismo contra a grandeza das cidades infelizes.

Chora, Muritiba! Chora a tua desventura! Chora e envia um olhar de súplica de quem soçobra, à maciez do teu céu, em busca de Deus, para que Ele se condôa de ti, minha desgraçada Muritiba.

O SEU A SEU DONO...

DOS CRONISTAS

As crônicas referentes à elevação da Cachoeira à graça de matriz, são, entre si, discordes. Informam, na sua maioria, ocorrida em 1696, no 4.º governo arcebispal, exercido por dom João Francisco de Oliveira; não Franco, qual algumas re-gistam.

Ocorrêsse dessa feição, a ordem estaria inver-tida; porque, a Cachoeira, foi ereta em vila, no go-vêrno Gonçalves da Câmara, em 27 de Dezembro de 1693; e, ainda, porque tal acontecimento só teria cabida dentro das normas regulares, isto é, após da vigência paroquial, nunca jamais antes.

Clara, portanto, a inexatidão.

Dai, o que se le as páginas 59 dêste livro; 1 que juntamos. naquela época, 1688, era arcebispo, o 5.º da série, dom frei Manoel da Ressurreição, e que, a cerimonia inaugural da vila, não ocorreu em 7 de Janeiro de 1698, mas de 1699, governando, então, dom João de Lencastro, e dom João Fran-cisco de Oliveira.

DOS TIPÓGRAFOS

A anulação dos zêlos do revisor, que, uma parte, reivindicamos em seguida; e, a outra, a inteligência do generoso ledor, reivindicará.

A NOSSA: 111 (prefácio) têm; pags. 5-surdos-mudos; 6-trocaram lhe; 11-o espaço; 12-históricos-científicos; 15-Buscamos-lhe; 22os cursos; 51-ruíram; 52-põem; 55-lhes não; 57 - no

des tes; 59-se apossaram; 46-ceremônia; 47-as-seiam; 50-densa névem; 55-e os dos pobres;
59- Iluição; 61-lhe iam; 76-Perdoai-nos; 78 -alta cultura; 98; 133-fogos.